



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS POLITICAS, JURIDICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NA ESCOLA ENEIDE COELHO PAIXÃO
CAVALCANTI – BRASIL.**

Maria Betânia Borges da Cruz Souza

Asunción - Paraguay

2018

Maria Betânia Borges da Cruz Souza

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NA ESCOLA ENEIDE COELHO PAIXÃO
CAVALCANTI – BRASIL.**

Tese apresentada para obtenção de título de Mestre em Ciências da Educação. Na UAA- Universidade Autônoma de Assunção-PY.

Orientador: Dr. Daniel González

Asunción - Paraguay

2018

BETÂNIA, 2018. M. C. S, A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA ENEIDE COELHO PAIXÃO CAVALCANTI – BRASIL.

Maria Betânia Borges da Cruz Souza –147-Páginas. Tutor /a : Prof. Dr. D. Daniel González

Tese (Doutorado em Ciência da Educação) – Universidad Autónoma de Asunción, 2018.

1. Violência escolar, 2. Ensino-aprendizagem.; 3. Agressão em sala de aula, 4. Prática educativa.

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NA ESCOLA ENEIDE COELHO PAIXÃO
CAVALCANTI – BRASIL.**

Aluna: **Maria Betânia Borges da Cruz Souza**

Orientador: Prof. Dr. Daniel González

Aprovada pelo COMITÊ EXAMINADOR em Assunção, no Paraguai, em ___ de
Janeiro de 2018.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Dedico este trabalho a minha querida família, e a meus filhos, pela paciência e apoio durante minha trajetória em todo o curso, em especial na elaboração da defesa desta dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Reconheço o apoio e a força para a realização deste trabalho.

*Agradeço primeiramente ao meu orientador, **Prof. Dr. Daniel González**, pelo incentivo constante ao aprofundamento do estudo, pela sapiência, dedicação, compromisso demonstrado. Agradecer aos professores doutores que contribuíram que se dispuseram em participar, colaborar e contribuir com nossa pesquisa sobre a temática, engrandecendo a forma e o conteúdo na validação dos questionários. Agradecer a Prof.^a Cláudia de Barros pela indicação de meu excelente orientador. Agradecer a toda equipe da Secretaria Executiva de Educação do município, em especial, aos participantes da pesquisa. Por fim, e acima de tudo, agradecer ao criador do universo por ter nos propiciado essa rica oportunidade de crescer profissionalmente.*

“A escola, por exemplo, não cria violência sozinha, apenas reproduz a violência dentro dela. Mas também pode ser um meio de diminuí-la se atuar com conteúdos que ofereçam sentidos à vida dos alunos.”.

Mario Sergio Cortella, (2010).

Sumário

Lista de Quadros	X
Lista de Gráficos.....	XI
Lista de Figuras	XIII
Resumo.....	XIV
Resumen.....	XV
1.-INTRODUÇÃO.....	16
2.-MARCO TEÓRICO.....	20
2.1.-Violência.....	20
2.1.1.-Conceito de violência	20
2.1.2.-Classificação de violência.....	21
2.1.3.-Violência escolar.....	27
2.1.3.1.-Concepto de violência escolar.....	27
2.1.3.2.-Tipos de violência escolar.....	39
2.3.-Familia, sociedade e violência.....	40
2.3.1.-Familia e violência.....	40
2.3.2.-Sociedade e violência.....	43
2.3.3.-Família, sociedade e violência escolar.....	44
2.4.-Proceso de ensino-aprendizagem.....	46
2.4.1.-Conceito.....	46
2.4.2.-Elementos que alteram o processo de ensino- aprendizagem.....	47
2.4.3.- Violência e aprendizagem.....	50
2.4.4.-Violência escolar e o processo de ensino- aprendizagem.....	56
2.5.- Estratégias de combate à violência nas escolas.....	62
2.6.-Modelos de resolução da violência no processo de ensino- aprendizagem.....	68
2.7.-Descrição das propostas pedagógicas capazes de reduzir consideravelmente o índice de violência na escola.....	72

2.7.1.-Propostas pedagógicas capazes de reduzir consideravelmente o índice de violência na escola com a participação da família na escola.....	73
3.-METODOLOGIA.....	79
3.1.-Local de investigação.....	79
3.2.-População, amostra.....	80
3.3.-Paradigma.....	82
3.4.-Tipo de pesquisa.....	82
3.4.1.- Perguntas de Investigação.....	83
3.4.2.- Metodologia.....	84
3.4.3.- Desenho de Pesquisa.....	85
3.4.4.- Validação.....	85
3.4.5.- Coleta de dados.....	86
3.4.6.-Tabela de Operacionalização.....	86
4.-DESCRIÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS.....	90
4.1.-Descrição dos dados.....	90
4.2.-Questionários aplicados aos Alunos.....	90
4.3.-Questionários aplicados aos Professores.....	104
4.4.-Entrevista aplicada a direção da escola.....	125
4.5.-Análise dos Resultados.....	131
5.-CONCLUSÕES.....	133
5.1.- Sugerências e Recomendações.....	137
6.-BIBLIOGRAFIA.....	139
7.-ANEXOS.....	143

LISTA DE QUADROS

Quadro nº01.-Descrição da escola.....	81
Quadro nº02.-Tabela de operacionalização (questionário-semi-estruturado).....	87
Quadro nº03 -Tabela de operacionalização (entrevista).....	88
Quadro nº04.-Descrição das entrevistas.....	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº1.-Por violência escolar entendemos agressões físicas entre alunos?.....	90
Gráfico nº2.-Violência escolar é também insultar o agredir ao professor.....	91
Gráfico nº3.-Não fazer as atividades de classe, estar passivo, não obedecer, é uma forma de agredir ao professor?.....	92
Gráfico nº4.-A violência surge nas escolas por culpa dos outros, nunca por minha culpa?.....	94
Gráfico nº5.-Excluir a um aluno/a de classe, jogos, atividades... é uma forma de violência escolar.....	93
Gráfico nº6.-Coagir a uma pessoa é uma forma de violência escolar?.....	93
Gráfico nº7.- Perseguir a um aluno, o entre alunos é uma forma de violência escolar?.....	94
Gráfico nº8.-Produzir medo em outros alunos é uma forma de violência escolar?.....	95
Gráfico nº9.-A violência escolar influem sobre a aprendizagem dos alunos/as?.....	95
Gráfico nº10.-Quando temos violência na escola, implica mudança na forma de ensinar do professor/a?.....	96
Gráfico nº11.-Os alunos/as podem evitar a violência escolar?.....	97
Gráfico nº12.-Os professores/as podem eliminar a violência escolar?.....	97
Gráfico nº13.-A prevenção seria a melhor forma de eliminar a violência escolar?.....	98
Gráfico nº14 .-Um professor autoritário eliminaria a violência escolar?.....	99
Gráfico nº15.-A expulsão dos alunos violentos seria uma solução para a violência escolar?.....	100
Gráfico nº16.-Para solucionar a violência escolar deveria ser o diálogo e a compreensão?.....	100
Gráfico nº 17.-A família é a causa da violência escolar.....	101
Gráfico nº18.-A sociedade seria a causa da violência escolar?.....	102
Gráfico nº19.-Uma coordenação entre família e escola poderia eliminar a violência escolar?.....	102
Gráfico nº20.-A televisão e a internet, são fatores chave para o desenvolvimento de violência nas escolas?.....	103

Gráfico nº 21– pergunta 01.- Por violência escolar entendemos agressões físicas entre alunos?.....	104
Gráfico nº 22– pergunta 2.-A Violência escolar é também insultar ou agredir ao professor?	105
Gráfico nº 23– pergunta 3.-Não fazer as atividades de classe, estar passivo, não obedecer, é uma forma de agredir ao professor?.....	106
Gráfico nº 24– pergunta 4.-A violência surge nas escolas por culpa dos outros, nunca por minha culpa?.....	107
Gráfico nº 25– pergunta 5.-Excluir a um aluno/a de classe, jogos, atividades... é uma forma de violência escolar?.....	108
Gráfico nº 26– pergunta 6.-Coagir a uma pessoa é uma forma de violência escolar?	109
Gráfico nº 27– pergunta 7.-Perseguir a um aluno, o entre alunos é uma forma de violência escolar?	110
Gráfico nº 28– pergunta 8.-Produzir medo em outros alunos é uma forma de violência escolar?	111
Gráfico nº 29– pergunta 9.-A violência escolar influem sobre a aprendizagem dos alunos/as?.....	112
Gráfico nº 30– pergunta 10.-Quando temos violência na escola, implica mudança na forma de ensinar do professor/a?	113
Gráfico nº 31– pergunta 11.-Os alunos/as podem evitar a violência escolar?	114
Gráfico nº 32– pergunta - 12.- Os professores/as podem eliminar a violência escolar?	115
Gráfico nº 33– pergunta13. - A prevenção seria a melhor forma de eliminar a violência escolar?	116
Gráfico nº 34– pergunta 14. - Um professor autoritário eliminaria a violência escolar?	117
Gráfico nº 35– pergunta 15.-A expulsão dos alunos violentos seria uma solução para a violência escolar?	118
Gráfico nº 36– pergunta16.-Para solucionar a violência escolar deveria ser o diálogo e a compreensão?	119
Gráfico nº 37– pergunta 17.-A família é a causa da violência escolar?.....	121
Gráfico nº 38 – pergunta 18.-A sociedade seria a causa da violência escolar?	122
Gráfico nº 39– pergunta 19.- Uma coordenação entre família e escola poderia eliminar a violência escolar?	123

Gráfico nº 40– pergunta 20. -A televisão e a internet, são fatores chave para o desenvolvimento de violência nas escolas?	124
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura -01.-Estado de Pernambuco -Brasil.....	79
Figura -02.-Eneide Coelho Paixão Cavalcanti – Brasil.....	80

RESUMO

O estudo em tela, investiga a problemática em saber se a violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem. Pois, procuramos neste estudo compreender como a violência nas escolas interfere na metodologia e nas práticas de ensino-aprendizagem. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, onde tivemos como instrumento principal para coleta de dados o questionário do tipo semiestruturado. Fez-se, de forma complementar entrevistas também. O *locus* da pesquisa foi uma escola pública municipal do Município de Petrolina – Pernambuco. Partiu-se da hipótese de investigação de que a violência escolar está relacionada ao contexto social do aluno e interfere no processo de ensino-aprendizagem. O estudo além de apresentar o percurso metodológico, faz uma incursão na teoria acerca da definição da violência, violência escolar, classificação da violência, papel da família da sociedade e quais são os tipos da violência escolar, bem como suas diferentes roupagens travestidas na escola. Além disso, discute-se o processo de ensino-aprendizagem, como a violência permeia esse processo na relação professor – aluno, aluno-aluno, aluno-professor. Por fim, na conclusão, confirma-se a hipótese inicial e se apresenta caminhos para o combate a violência na escola deixando uma provocação aos profissionais da educação para que reflitam acerca da ação que apenas se repete cotidianamente.

Palavras-chave: violência escolar; ensino-aprendizagem; agressão em sala de aula; prática educativa.

RESUMEN

Este estudio investiga la problemática de la violencia escolar y si esta interfiere en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Buscamos comprender cómo la violencia en las escuelas interfiere en la metodología y en las prácticas de enseñanza-aprendizaje. Para ello, se desarrolló una investigación cualitativa, donde tuvimos como instrumento principal para la recolección de datos el cuestionario del tipo semiestructurado. Se hizo, de forma complementaria entrevistas también. El locus de la investigación fue una escuela pública municipal del Municipio de Petrolina-Pernambuco. Se partió de la hipótesis de investigación de que la violencia escolar está relacionada con el contexto social del alumno e interfiere en el proceso de enseñanza-aprendizaje. El estudio, además de presentar el recorrido metodológico, hace una incursión en la teoría acerca de la definición de la violencia, violencia escolar, clasificación de la violencia, papel de la familia de la sociedad y cuáles son los tipos de violencia escolar, así como sus diferentes modalidades en la escuela. Además, se discute como en el proceso de enseñanza-aprendizaje, la violencia impregna la relación profesor-alumno, alumno-alumno, alumno-profesor. Por último, en las conclusiones, se confirma la hipótesis inicial y se presentan caminos para combatir la violencia en la escuela dejando una provocación a los profesionales de la educación para que reflexionen acerca de la acción educativa que se repite cotidianamente.

Palabras Claves: violencia escolar; enseñanza-aprendizaje; agresión en el aula; práctica educativa.

1.-INTRODUÇÃO

A violência dentro das escolas é um tema hoje mundialmente discutido por razão do elevado número de agressões cada vez mais frequentes em seus interiores. Segundo Raquel (2012) a violência ocorre quase que totalmente dentro do contexto familiar e é neste ambiente que se diversifica. Nesta abordagem as autoras classificam os tipos de violências como sendo: violência física, violência psicológica, violência sexual e violência negligencial, conceituando cada uma mostrando os danos que podem causar na vida de qualquer indivíduo que se torne vítima. Esta convivência com a agressividade produz efeitos que se não diagnosticados e tratados podem comprometer por toda vida a criança, adolescente ou mesmo adulto que venha sofrer algum tipo de violência (Raquel, 2012, p. 06).

Partindo do princípio de que a violência acompanha o homem desde as suas origens, por disputa de território e outras questões, os novos estudos buscam apenas as causas de sua aceleração e de sua presença em todos os locais e idades. O tema a violência escolar é uma presença cada vez mais marcante na imprensa falada, escrita e televisiva, ele encontra um enfoque atualizado na obra de Colombier (1984), que enfatiza a “pedagogia institucional, abordando a temática bem documentada na busca de entender o fenômeno da violência nas escolas”. (Colombier, 1984, p.29).

Buscamos nesta pesquisa compreender como a violência nas escolas interfere no processo de aprendizagem, e assim, conhecer os fatos que interferiram nesse processo para compreendermos a raiz e complexidade para que possam ser enfrentados e melhorados. Portanto construímos nossa problemática que é: **A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem?**

E desse modo, construímos nossas perguntas de investigação, para fortalecer nossa busca por informações. As construímos embasadas em nossos objetivos, problemática, e hipótese de pesquisa. Na busca de responder:

- 1- Porque ultimamente temos o crescimento da violência na escola em questão?

- 2- O que devemos fazer para solucionar o problema de violência na escola?
- 3- Qual a relação entre violência escolar e processo de ensino aprendizagem?
- 4- Que tipo de proposta educativa a escola desenvolve para melhorar a violência na escola?

Portanto, a realização desta pesquisa parte da necessidade de compreender e tentar eliminar as frequentes repetições de agressões de todos os tipos dentro da escola, que tem ganhado grande repercussão e gerado um enorme desconforto para todos que fazem parte deste contexto.

Desta maneira, construímos nosso **objetivo geral** que é analisar se a violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem.

E com base neste construímos nossos **objetivos específicos**:

1. Definir violência em contexto escolar
2. Identificar os tipos de violências que interfere no processo de ensino-aprendizagem.
3. Verificar a relação que existe entre violência e processo de ensino aprendizagem.
4. Descrever a metodologia voltada para a mediação de conflitos
5. Mostrar os fatores familiares e sociais que ocasionam a violência.

Temos como **hipótese** de investigação:

A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem.

Em presença ao exposto vale ressaltar as seguintes frases das autoras: “Um ambiente familiar hostil pode favorecer experiências marcantes e irreversíveis na vida de um sujeito, afetando seus componentes físico, emocional e mental, assim, a violência doméstica também poderá interferir na aprendizagem dos indivíduos” (Raquel, 2012, p. 54). Percebe-se que estas colocações enfatizam e mostram uma problemática que possui enorme relevância, trazendo também um

alerta para que se possa refletir e estar atento para os casos de violência, facilitando também detectá-las dentro de um ambiente.

Com as mudanças ocorridas na sociedade, com o processo de globalização, o avanço e as informações da mídia aliado à liberação da censura, a Escola tem recebido cada vez mais uma clientela diferenciada e não podemos deixar de concordar com Collares (1996), quando se referem ao fracasso escolar apontando como causa o preparo não apenas do professor, mas da escola em geral que não está pronta para receber a clientela que ora frequenta as salas de aulas em todo o país, e porque não dizer de todo o mundo. (Collares, 1996, p. 85).

Discutir a escola da contemporaneidade requer uma análise geral de um quadro cheio de agravantes, que por uma série de fatores vem crescendo neste ambiente, colocando em vias o local da sociedade que deveria ser exatamente o ponto de saída; a válvula de escape para a humanidade. Desta forma, que buscamos saber as verdadeiras causas dessa violência escolar e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem.

A violência escolar tem se revelado nos dias atuais como um dos maiores fatores de incidência no processo de ensino-aprendizagem, comprometendo de forma assustadora o desempenho dos estudantes em todas as faixas etárias. Apesar de ser a violência um tema tão antigo não havia até certo tempo um olhar voltado para este problema e nem era levado em consideração que tal fator pudesse ter tanta força a ponto de prejudicar a carreira escolar. Porém, a partir da década de 90 este quadro ganha uma repercussão maior dentro das escolas. Seus efeitos passam a ser tão significativos e frequentes que despertou a curiosidade de educadores e pesquisadores levando-os a ecoar um grito de socorro reivindicando providências de solução ou amenização.

As causas são bastante complexas, e sobre esta problemática Silva e Salles (2010) apontam que a violência, seja aquela que o jovem é vítima, seja aquela que é protagonizada por ele vem provocando crescente perplexidade e sendo de grande preocupação no meio escolar e que violência é conceituada como um ato de brutalidade física ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo terror. E

fazem alusão á fala de velho, (2000) que coloca a violência como algo que não se limita ao uso da força física, mas que a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza associando-a a uma ideia de poder quando se enfatiza a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um autor sobre o outro. Assim, “a violência pode se manifestar também por signos”, preconceitos, metáforas, desenho ou qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o “que ficou conhecido como ameaça simbólica” (Silva e Salles, 2010, p. 58).

O fato é que precisamos preparar nosso jovem, educa-lo, mostrando que o mesmo tem valor, mas que deve ser cumpridor de seus deveres e consciente na hora de cobrar seus direitos. É justamente nessa hora que pais, escola e justiça têm falhado, deixando-os compreender que tem apenas direitos, o que tem causado desequilíbrio, confusão e problemas para todos. E assim, este trabalho se justifica, porque estamos buscando com através do mesmo, saber as causas e mudar essa realidade impactante e tão assustadora na realidade educativa atual.

Dessa forma, torna-se necessário, que a sociedade esteja preparada para a vida, que, aliás, é muito dura e às vezes até cruel. Sendo assim, não podemos formar indivíduos frágeis sem capacidade de defesa própria. Que fique claro que esta defesa não é a agressão física nem verbal, mas é estar disciplinado para entrar e sair em qualquer situação ou lugar.

A violência cresce desordenadamente. Enquanto as outras instituições buscam seus meios de combatê-la, a escola permaneceu estável deixando virar uma patologia que necessita de tratamento emergencial, porém, não é possível realizar tal procedimento sem primeiro conhecer as causas para então refletir sobre elas e planejar o que deve ser feito para solucionar o problema que compromete de forma gritante o desempenho escolar. Assim, justifica-se a elaboração deste trabalho como ponto de partida de um estudo minucioso alusivo a esta problemática no intuito de averiguar e apontar possíveis soluções de diminuição da violência e melhorar a qualidade da educação.

2.-MARCO TEÓRICO.

Apresenta-se nesse capítulo uma reflexão acerca do desenho da violência nas escolas. Tal violência é alinhavada nessa discussão de modo que se percebe a interferência no processo de aprendizagem dos alunos na sua trajetória escolar. Em razão disso, aborda-se, também, nesse capítulo, a importância de se ter no ambiente escolar propostas pedagógicas com dimensões políticas que contribuam com a redução significativa da crescente violência na escola que tem assolado esse espaço formal de aprendizagem.

2.1.-Violência.

2.1.1..-Conceito de violência.

A 'violência' é o nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., onde um ser humano é tratado como um objeto, isto é, onde são negados seus direitos à dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro de uma sociedade, o sujeito singular (Charlot,2016, p. 24).

Violência significa usar a agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico.

A palavra violência deriva do Latim "violentia", que significa "veemência, impetuosidade". Mas na sua origem está relacionada com o termo "violação" (violare). A violência se manifesta de diversas maneiras, em guerras, torturas, conflitos étnico-religiosos, preconceito, assassinato, fome, etc. Pode ser identificada como violência contra a mulher, a criança e o idoso, violência sexual, violência urbana, etc. Existe também a violência verbal, que causa danos morais, que muitas vezes são mais difíceis de esquecer do que os danos físicos.

Destacamos que além de várias definições e tipos, a violência também se encaixa como algo objetivo ou subjetivo. Para a objetividade, ela é um termo mais amplo que ultrapassa barreiras particulares e para a subjetividade torna-se

algo relativo, dependendo da interpretação ou julgamento social/pessoal. “O conceito de violência não é dado a priori, ou seja, não é natural”. Sendo socialmente construído, ganha diferentes conotações e significados em épocas e culturas diferentes (Leal, 2017, p. 06).

De acordo com Chesnais (1981), nos assegura que: A violência resultado "da ação, ou da força irresistível, praticadas na intenção de um objetivo, que não se teria sem ela". Visualizada na forma jurídica, a violência é espécie de coação, ou forma de constrangimento, posto em prática para vencer a capacidade de resistência de outro.

Por outro lado, na prática, o fenômeno da violência ultrapassa múltiplos campos interdisciplinares e áreas de investigação, razão pela qual os estudos tendem a ser fragmentados e apolíticos. De forma que, impede o desenvolvimento de uma teoria geral da violência. É importante ressaltar que a palavra violência é empregada para referir-se a um conjunto de fatos e situações heterogêneas que parecem não ter nenhuma conexão entre si, enquanto persiste a pouca preocupação em se apontar seus postulados básicos (Chesnais, 1981, p. 125).

2.1.2.-Classificação de violência.

Há diferentes classificações de violência, conforme pode ser definido a seguir. Diversos são os fatores externos e internos que contribuem para que a violência e indisciplina se façam presentes no cotidiano escolar. A violência escolar vem sendo muito discutida atualmente, cada dia mais vem modificando suas formas no ambiente escolar.

Nesse sentido, Abramovay (2002), destaca que a violência dentro da escola não deve ser vista simplesmente como uma modalidade de violência juvenil, pois sua ocorrência expressa a intersecção de três grupos de variáveis independentes: o institucional que se refere -se a família e escola, o social tendo a origem sócio espacial, sexo, cor, emprego religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico e outros, e o comportamental que esta ligado a

informação, sociabilidade, atitudes e opiniões.

A violência institucional pode ser violência física, sexual, psíquica ou simbólica, exercida abusivamente por agentes e funcionários do Estado no desempenho de suas funções, incluindo regras, protocolos, práticas institucionais, negligência e privação em um regimento de uma pessoa ou grupos de pessoas. A violência institucional é caracterizada pelo uso do poder do Estado para causar danos e reforçar os mecanismos estabelecidos de denominação.

Violência o social:

A violência social é um comportamento deliberado que causa danos físicos ou psíquicos a outras pessoas por meio de ameaças, ofensas ou uso da força. É o comportamento característico dos seres irracionais. Evidentemente, a violência foi aumentada e aperfeiçoada nos últimos tempos, mas não é um fenômeno recente. Ações violentas, em suas várias manifestações, remontam a tempos imemoriais; poderíamos dizer que existe desde que o homem apareceu. Na sociedade civilizada, as pessoas resolvem seus problemas e desentendimentos através de um diálogo racional e não através da imposição. A violência torna o homem mais selvagem, pois o priva de seu aspecto racional. Assassinato, assalto, sequestro, extorsão, estupro, discriminação, guerras, conflitos étnicos e religiosos, campos de extermínio não devem ter lugar em um mundo que reivindique ser civilizado.

Dentro da violência social podemos destacar outros subtipos tais como:

1. Violência física: manifesta-se com agressões físicas: espancamentos, tortura, estupro, feridas corporais, assassinatos.
2. Violência emocional: menos visível, mas igualmente ou mais prejudicial do que a violência física. Suas formas de manifestação são as ameaças, as discriminações, as críticas, os desprezos, os ridículos.
3. Violência estrutural: Refere-se a violência física ou emocional dirigida contra um agrupamento coletivo da estrutura política. Exemplos de violência estrutural são casos de fome, miséria, doença, abuso de autoridade ... como consequências de um sistema político-econômico.
4. Violência cultural: é que certos aspectos culturais legitimam o uso da violência. Por exemplo, a violência em defesa da religião, como a condução de guerras sagradas e ataques terroristas (Minayo, 2010, p. 52).

Não- violência o social:

A não violência é uma ideologia e uma prática ético-política que rejeita o uso da violência e da agressão sob qualquer forma. Ele se opõe ao uso da violência como meio (método de protesto, prática de luta social ou como resposta à mesma violência) e como um fim (por exemplo, para alcançar mudanças sociais ou políticas) porque considera que qualquer ato violento gera mais violência. É uma opção alternativa que busca "humanizar" a sociedade, apostar e valorizar o poder da vida ignorar ou prevenir conflitos.

Nesta perspectiva, a realização das conquistas na luta social é possível porque considera que o poder dos governantes não é eterno nem indestrutível, mas depende do consentimento da população. A ação não-violenta busca diminuir esse poder, quando considera que é exercida injustamente, retirando o consentimento e a cooperação.

De acordo com a violência comportamental: Podemos destacar a Impulsividade ou agressividade que é uma habilidade que se encontra dentro do repertório comportamental humano que visa obter benefícios ao realizar uma situação. Ou seja, Impulsividade é um estilo cognitivo, termo usado na psicologia. É a predisposição a reagir de forma inesperada, rápida e desnecessária a uma situação externa que possa ser ameaçadora, ou a um estímulo interno do próprio indivíduo, sem ter uma reflexão prévia ou ter em conta as consequências que podem causar suas ações.

E nesta perspectiva é importante verificar outros tipos de classificações de violências. Entre elas o conceito de alguns tipos de violência existente. Pois, a violência é o uso imoderado da força (física ou psicológica) pelo violento ou agressor para alcançar metas que vão contra a vontade da vítima. Mas a violência pode ser projetada não só contra pessoas, mas contra animais, plantas, objetos artísticos ou não, e ambientes naturais ou ambientais. Pode ser manifestado de muitas maneiras associadas aos vários procedimentos de humilhação, ameaça, rejeição, assédio ou agressão verbal, emocional, moral ou física.

De forma que, a consequência pode ser e é quase sempre a lesão ou destruição em parte ou em todo um ser humano ou grupo, por um lado; de um

animal ou de uma espécie natural, por outro; ou de objetos, bens e propriedades que raramente são próprias e mais frequentemente comuns.

Além da violência física, também é necessário mencionar violência emocional independente ou acompanhada, dependendo da natureza da agressão. É um dano sob a forma de desconfiança ou medo em que são construídas algumas relações interpessoais insanas e está na raiz dos problemas nas relações grupais sob formas como polarização, ressentimento, ódio, etc.

De acordo com Galtung (1995), que nos revela sobre a teoria e prática outro aspecto da violência que devemos considerar é que ela pode se manifestar como uma ameaça latente, sustentada e constante no tempo, o que, no entanto, causa graves danos psicológicos e danos aos seus sofredores, bem como repercussões negativas na sociedade. Na verdade, a violência também tem um componente social. Em outra ordem de coisas, quando a violência é a expressão contingente de algum conflito social, pode acontecer espontaneamente sem um planejamento detalhado. A violência também pode ser encoberta ou aberta; estrutural ou individual (Galtung, 1995, p. 95).

Consiste em um comportamento deliberado que causa, ou pode causar, danos físicos ou psicológicos a outros seres e está associado, mas não necessariamente, à agressão física, como também pode ser psicológico, abuso emocional, repressão política ou intolerância religiosos através de ameaças, ofensas ou ações. Algumas formas de violência são sancionadas pela lei ou pela sociedade; outros são crimes. E diferentes sociedades também aplicam diferentes padrões de tolerância e punição do mesmo que para as formas de violência que são ou não são aceitas. Dessa forma, o indivíduo violento é imposto pela força. Existem vários tipos de violência, incluindo abuso físico, abuso psíquico e abuso sexual. Suas causas podem variar, dependendo de condições diferentes (Galtung, 1995, p. 59).

E neste aspecto a autor afirma que a violência pode ser física quando é exercida contra o corpo de outros seres humanos, animais ou coisas; emocional quando seus sentimentos são ofendidos e intelectuais quando eles deliberadamente mentem para um indivíduo ou um coletivo (Galtung, 1995, p. 59).

A violência intelectual é talvez a mais perigosa em longo prazo, e pode até levar ao genocídio, e outras formas de violência intelectual são superficialmente mascaradas pela "lavagem cerebral. De forma que, temos vários tipos de violência e estas variam de acordo com os tempos, os lugares, os meios, as culturas, as ordens legais, as diferentes evoluções sociais e tecnológicas, e etc, (Ktirkkiinen, 1995, p 88).

Violência interpessoal

É o comportamento de dominância ou "assertividade que usa força física verbal ou psicológica" (Galtung, 1995, p. 89).

Violência do Estado

Nos tempos antigos, a preferência do menor mal sobre o bem e a utopia para dominar, doutrina conhecida como razão de estado e sustentada desde o Príncipe de Maquiavel. De acordo com a famosa definição de Max Weber de "um monopólio da violência legítima", os estados praticam ou reivindicam silenciosamente a execução de decisões judiciais, garantindo a ordem pública ou, em caso de guerra ou risco de guerra às doutrinas da "guerra justa". O último pode degenerar em terrorismo de Estado ou outras formas mais extremas de violência, como o genocídio (Galtung, 1995, p. 89).

Violência criminal

O crime espontâneo ou organizado pode ter causas sociais e econômicas e dentro destas estão (anomia, pobreza, exclusão social) ou psicológica que estaria a (paranoia, esquizofrenia, etc.). Ele se manifesta em formas penalizadas por lei, como estupro e assassinato, entre muitos outros. Essa forma de violência, segundo alguns autores, constitui o anverso da violência estática e / ou simbólica. As causas identificadas são o urbanismo, conflitos (institucional, estrutural, sistêmico, empregador, violência interpessoal...); pobreza e desigualdade (Galtung, 1995, p. 59).

Violência política

Ele agrupa todos os atos violentos que seus autores legitimam em nome de um objetivo político. Na sua forma intelectual, consiste em diferentes tipos de

mentiras, propaganda e manipulação. Certas formas de resposta violenta mas proporcional (e resistência ou serviço à restauração do Estado de direito), quando outras soluções não são mais possíveis, geralmente são admitidas pela moralidade, pela lei e pela doutrina dos direitos humanos; no caso da autodefesa, por exemplo, ou de um estado de necessidade (Ktirkktiinen, 1995, p 88).

Violência econômica

No direito civil, a violência econômica é um caso recente de falta de consentimento que justifica a anulação dos contratos cuja conclusão se baseou nessa falta. E atualmente “é considerado por alguns juristas como uma nova forma de violência tradicional”. É admitido com certos limites pelos tribunais (Ktirkktiinen, 1995, p 88).

Violência psicológica e patológica

É qualquer ato ou omissão que prejudique a estabilidade psicológica e pode consistir em negligência, abandono, descuido, insultos, humilhações, desvalorização, marginalização, indiferença, infidelidade, comparações destrutivas, rejeição, restrição da autodeterminação. Alguns desordens mentais são acompanhados por abduções de violência; na esfera sexual, por exemplo, o sadismo. Na psicanálise, também pode se manifestar como um tipo de repressão psicológica patogênica, ou seja, causa doenças nervosas ou mentais. Uma toxina que parece ser produzida de forma anormal pelo seu corpo foi recentemente encontrada na urina e no sangue de pacientes afetados por certas doenças mentais. A toxina é idêntica à encontrada entre as bufotoxinas (alucinógenos que causam sintomas como a psicose da esquizofrenia) do veneno de inúmeras espécies de sapos. Mas ainda não se sabe se o mesmo processo está envolvido em ambos os casos e para determinar se essa molécula está na origem de transtornos mentais dos homens, ou se sobre a degradação da serotonina, que causam desordens mentais (Ktirkktiinen, 1995, p 95).

Violência religiosa: Entre aqueles criados pelo fenômeno denominado ideologia, é aquele inspirado pelas diferentes religiões ou crenças exclusivistas, contra aqueles que não são de sua fé ou credo ou não compartilham ritos semelhantes,

por não terem se desenvolvido em seu grau suficiente de tolerância humana e social (Ktirkkiinen, 1995, p. 88).

2.1.3.-Violencia escolar.

2.1.3.1.-Concepto de violência escolar.

A violência escolar é entendida como ação intencionalmente prejudicial realizada entre membros da comunidade educacional e ocorre dentro dos espaços físicos próprios das instalações escolares ou em outros espaços diretamente relacionados à escola. Uma característica extrema da violência escolar entre os estudantes é o bullying. Trata-se de ações deliberadas que podem causar danos físicos ou psíquicos à outra pessoa.

Dessa forma, a violência também é aquilo que está fora do seu estado natural, fora do controle próprio de quem a exerce. No que diz respeito à violência escolar, é dada pela ação ou omissão prejudicial que é exercida entre os membros de uma comunidade educativa (seja entre alunos, pais, professores ou pessoal não docente) e que pode ocorrer quer nas instalações escolares, quer noutros espaços diretamente relacionados com a escola.

A violência escolar costuma estar associada ao assédio (moléstia) escolar ou bullying, isto é, o maltrato físico ou verbal que se produz entre estudantes de forma repetida e insistente e ao longo do tempo. Em geral, o bullying realiza-se através de troças e brincadeiras de mau gosto onde os rapazes e as raparigas que estão a chegar à adolescência são as vítimas.

Pode-se qualificar as escolas consoante o risco de violência escolar. Neste âmbito, mencionaremos as escolas de baixa vulnerabilidade (com boa integração e comunicação a todos os seus níveis) e as escolas de insegurança total (que surgem numa situação de anomia, isto é, onde não há qualquer controle e as regras sociais se contradizem; os integrantes costumam andar com armas e existe a impunidade).

Ao se discutir a violência nas escolas, não se pode esquecer que a violência tem preocupado, de forma geral, a sociedade e os governos na esfera pública e privada, seu conceito está em constante mudança e por isso não há um

conceito absoluto, podemos ter em sentido estrito a violência física como a intervenção de um sujeito ou grupo contra a integridade de outro sujeito ou grupo e também contra si. Já violência simbólica refere-se ao abuso do poder mediante o uso de símbolos de autoridade.

Sabe-se que, amplamente, no Brasil, a violência está ligada à vulnerabilidade social de alguns fragmentos populacionais, como por exemplo os jovens, pois esses sujeitos padecem dos riscos da exclusão social devido aos desequilíbrios provenientes do mercado.

Outro fator que marca a vulnerabilidade é a pouca disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos aos sujeitos excluídos da sociedade, ou seja, uma vez que não há acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, cultura não se pode acender socialmente no mercado e na sociedade.

Entretanto, pensar a violência dentro do espaço escolar é algo que tem uma dimensão assustadora, visto que a escola é um espaço formal de formação e qualificação dos sujeitos e nela, se apresentam muitas violências. Quais sejam: aluno-aluno, professor-professor, professor-aluno, gestão-professor, gestão-alunos, professor-famílias, gestão-famílias, famílias-professores.

Interessa-nos aqui, alinharmos, a violência existente no espaço escolar que é um dificultador do processo de aprendizagem dos alunos e que se revela com mais ênfase e provoca mudanças profundas com interferências negativas para o processo de aquisição do conhecimento.

Pode-se destacar que é, sem dúvida, “no ambiente escolar, que as incivildades muitas vezes ganham o contorno de comportamentos desafiantes por parte de alunos que procuram a visibilidade, provocando as autoridades – o que é constatado no dia-a-dia das escolas” (Abramovay e Avancini, 2002, p.231).

Isso indica que é na escola, por ser espaço de aprendizagem e diversidade, que se revela posições, comportamentos, posturas dos estudantes, posturas estas que muitas vezes, são violentas, uma vez que os sujeitos inseridos nesse processo, oferecem o que tem: nesse caso, muitas vezes violência.

Essa violência se propaga, pois, nesse espaço escolar de diversidade também há os iguais, os que se parecem, os que tem vidas semelhantes e isso, nada mais é do que um incentivo para outros atos de violência se apresentarem e tomarem corpo, infelizmente.

Vale dizer que a violência está por toda parte, ela não tem nem sujeitos reconhecíveis, nem 'origens' facilmente delimitáveis e inteligíveis, perpassa as diferentes relações sociais e aparece de forma explícita nos meios de comunicação de massa, principalmente na mídia televisiva. Assim, questões relativas à segurança têm se deslocado para áreas centrais das discussões públicas no Brasil e tem adentrado nas escolas.

Na realidade, a violência na escola, amplamente divulgada e explorada pelos meios de comunicação, tem se constituído em um problema social. Assim, deve ser, preocupação do meio acadêmico, analisar o que sujeitos em campos distintos da atividade tem a dizer sobre a violência na escola, levando-se em consideração o referencial teórico acerca da temática, visto que pesquisa não se faz no vazio, o conhecimento científico é premissa.

Nessa seara, a ocorrência de violência escolar não se constitui como um fenômeno recente, mas nos dias atuais se tornou um problema social, além de um importante objeto de reflexão. As concepções atuais sobre a violência nas escolas deixam de relacioná-la com a criminalidade e a ação policial, passando a ser foco de inquietações relacionadas à miséria e ao desamparo político, pois conduz a novas formas de organização social imbricadas com a exclusão social e institucional.

É de conhecimento geral que a violência é matéria apresentada cotidianamente na mídia escrita e 'falada', fazendo com que se torne um problema que afeta todas as relações e instituições sociais. Michel Foucault (1986, p.43), particularmente em seu livro 'Vigiar e Punir', contribui enormemente para as teorizações sobre a violência e as relações de poder quando analisa as instituições penais a partir dos séculos XVII e XVIII, referindo-se ao esquadramento disciplinar da sociedade, buscando elucidar a política de coerção, de dominação, por meio de vigilância e punição sobre o intelecto, sobre a vontade, sobre as disposições e sobre as paixões dos indivíduos.

Para Guimarães (1996, p.94), a violência não está ligada somente a ações físicas, mas a uma constante ameaça, medo e terror, capaz de abalar as bases mais estáticas que se avaliam inabaláveis, portanto a violência é simbólica.

Acerca dessas questões destacam-se a força das muitas linguagens que compõe os universos sociais, que o conceito de violência simbólica foi criado pelo pensador francês Pierre Bourdieu para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados:

“não podemos isentar a escola como se a violência estivesse somente do lado de fora. Apontar os pais, a estrutura familiar, a estrutura econômica como responsáveis pela crueldade entre as crianças (...) à violência que é gerada dentro da própria escola, não apenas porque ela é uma instituição homogeneizadora, controladora, mas também porque ela é a expressão de grupos em permanente conflito” (p.81).

Nesse contexto, essa assertiva revela a existência de espaços e cultura, produtos concretos, do imaginário e da imaginação. São várias as possibilidades de estudo e os modos de análise que se abrem quando nos deparamos, quer empírica, quer teoricamente, com a questão “indigesta” da violência na escola, principalmente através de seus efeitos, que se apresentam também das mais variadas formas: desde as agressões físicas ou verbais explícitas, a depredação, as diversas ameaças, a indisciplina, até a apatia nas relações, os confrontos velados, os muros (reais ou simbólicos), os processos de exclusão, dentre outros.

Pode-se dizer que como instituição social, a escola se constitui num importante lugar/espço de ensino-aprendizagem, de trabalho coletivo e interação entre os participantes do contexto escolar. Não vemos a escola somente como um reflexo do sistema de dominação, que produz ideologias e práticas alienantes, nem como uma instituição indiferente ao movimento social.

Nesse contexto, vemos a escola como um lugar/espço heterogêneo, onde se configuram conflitos e contradições característicos das relações sociais, e onde perpassam tramas que compõe histórias pessoais, locais e coletivas. Arendt (1999, p.123) nos auxilia pensar sobre a questão da violência quando expõe que como esse (re) sentimento emerge e se mostra à sociedade? Qual é a visão que

os sujeitos têm da violência na escola? O que as crianças falam sobre aquilo que vivenciam? A violência e a indisciplina vêm de alguma forma abalar o status quo, a apatia e o mutismo que reinam na instituição escolar.

Assim, as discussões postas nesse trabalho, trazem a percepção do que os sujeitos têm a dizer sobre a violência. Nesse sentido, partimos do pressuposto que a violência não estimula causas, nem história nem revolução, nem progresso nem reação, mas serve para dramatizar ressentimentos e trazê-los ao conhecimento público” (p.149).

Ao se discutir essa temática, vai-se colocando no lugar cada uma dessas vozes presentes na escola e no sistema que diferencia o modo de ver, de conceber e explicar a violência na escola.

Muitas vezes, a violência que se apresenta na escola, fica de certa forma, maquiada por outros aspectos que se sobrepõe: quais sejam: indisciplina, falta de limite, omissão da família.

Essas “maquiagens”, não justificam a violência que se apresenta na escola. Casos de violência são graves e a comunidade escolar e local precisam estar atentas com esses aspectos, de modo que as crianças não sofram punições desnecessárias.

Para isso, a preparação dos educadores é fundamental, uma vez que o docente, é o adulto que por meio da palavra, faz o convencimento dos sujeitos. Contudo, tal convencimento só acontecerá de fato se os sujeitos estiverem dispostos a mudar e redesenharem a sua história, pois não se ensina nada para quem não quer aprender.

Isso implica dizer que o maior desafio do professor é repensar sua ação junto aos alunos para que a descoberta do conhecimento seja prazerosa, cobrar uma escola com objetivos realmente de catalisar a construção do conhecimento, eliminar processos anacrônicos da violência e sua influência nefasta na educação.

Pode-se destacar que, no ambiente escolar, a intolerância pode se intensificar. São apelidos, dedos apontados, críticas e desdém que, quando

recorrentes, afetam o emocional e até o desempenho escolar da vítima. Diálogo e incentivo à cultura de paz são essenciais no combate dessa prática violenta a que os alunos estão expostos cotidianamente.

A esse respeito, Arendt (1999, p.149) nos auxilia pensar sobre a questão da violência quando expõe que:

(...) a violência, sendo instrumental por natureza, é racional na medida em que for eficaz para alcançar o fim que a deve justificar. E uma vez que quando agimos nunca sabemos exatamente as conseqüências eventuais daquilo que estamos fazendo a violência só pode ser racional se persegue objetivos em curto prazo. A violência não estimula causas, nem história nem revolução, nem progresso nem reação, mas serve para dramatizar ressentimentos e trazê-los ao conhecimento público.

Não se pode negar que, no espaço escolar, os educadores sofrem de um sentimento de 'mãos atadas', no que tange a violência. Quando existem situações que não são consideradas ideais de trabalho. Mas, o espaço escolar é pródigo em fatos que fogem ao ideário-padrão. A violência e seus efeitos representam, a parte mais onerosa do trabalho docente, pois ela interfere no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos e que será discutido no próximo tópico.

Nessa dimensão, entende-se que as relações escolares não são um espelho das relações extra-escolares. Não podemos sustentar a idéia que a escola somente reproduz os vetores externos a ela, pois se produz algo de novo no cotidiano escolar, por meio da (re)apropriação dos vetores, por parte dos sujeitos e de procedimentos instituídos/instituintes.

Quando a violência se apresenta na escola, encaminha-se para o coordenador, para os pais ou responsáveis. Numa situação limite, na impossibilidade de encaminhamento, a decisão, é o expurgo ou a exclusão velada sob a forma das 'transferências' ou mesmo do 'convite' à auto-retirada" (Aquino, 1998).

Assim, o sujeito, conforme Aquino (1998, p.233), deverá ser pensado quando situado num complexo de lugares e relações pontuais – sempre institucionalizado. Essa noção de sujeito permite situá-lo no mundo e na região,

portanto ele é estudante de uma dada escola, aluno de um dado professor, filho de uma específica família, integrante de uma classe social, etc.

Contudo, não se pode tematizar a violência no contexto escolar se persistimos visualizando a violência na família, nas prisões, nas ruas, como se todas fossem sintomas periféricos de um mesmo 'centro' irradiador, há que se regionalizar o epicentro do fenômeno.

Neste caso, situar o foco de análise nas relações dominantes no contexto escolar e colocar em destaque a relação professor-aluno faz-se necessário. A instituição escolar possui um caráter de planificação, ou seja, com a homogeneização é mais fácil trabalhar, esta é praticada através de mecanismos disciplinares. Ao mesmo tempo em que a escola não aceita as diferenças, ela é entremeada por formas de resistência.

Na visão de Aquino (1998), entender essa relação demanda aceitar a escola como um lugar de tensão entre forças antagônicas. O professor possui:

um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, (...), tenha autonomia sobre seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida” (Guimarães apud Aquino, 1998 12/13).

Para o autor, se tivermos como pressuposto que a instituição escolar é normativa, o olhar é voltado para a relação professor-aluno como lócus, estrutural e conjuntural da violência escolar, mas ele não quer atribuir a quaisquer dos pólos as responsabilidades para a questão do fenômeno. No caso da escola, a tarefa passa a ser rastrear no próprio cenário escolar, as cenas constitutivas assim como as nuances dos efeitos de violência que lá são testemunhados.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexão da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que as escolas também produzem sua própria violência e indisciplina, pois visa a homogeneização dos sujeitos, pelos mecanismos disciplinares, não tolerando, portanto, as diferenças, embora seja recortada por formas de resistência.

Assim, o objetivo de eliminar a violência e a indisciplina ou colocá-los para fora do campo escolar, faz com que se perca a compreensão da ambigüidade desses fenômenos que restauram a unidade grupal e instalam uma tensão permanente. Quando essa tensão é vivida coletivamente, ela assegura a coesão do grupo, quando impedida de se expressar, transforma-se numa violência tão desenfreada que nenhum aparelho repressor, por mais eficiente que seja, poderá conter.

Nesse sentido, a disciplina homogeneizada está destinada ao fracasso. Parece-nos importante analisar a questão da tensão permanente e da coesão grupal em relação à “cultura de paz” e o “aprender a conviver”.

É importante polemizarmos as ideias apresentadas, pelos sujeitos em relação ao material empírico, dentre elas o que se destaca são: vulnerabilidade social, incivilidade, aprender a conviver, cultura de paz, autoridade dos pais, autoridade dos professores, democratização do ensino público, dentre outras.

Por conseguinte, acerca da violência na escola, observa-se que há múltiplas formas de enxergar, explicar e buscar encaminhamentos para a resolução do fenômeno da violência nesse espaço do saber sistematizado.

Ao se tratar do tema da violência circunscrito à questão escolar tem sido uma problemática, assim Sposito (1998, 2002), tenta circunscrever o que seria uma violência dentro e fora da escola, colocando que um dos aspectos que se deve investigar, na esfera da instituição escolar, são os modos em que são estabelecidos os sentidos que marcam e normalizam condutas – violentas ou indisciplinas – por parte dos sujeitos envolvidos: professores, alunos, funcionários, pais, entre outros.

Na visão de Sposito (1998) a “violência urbana invade a escola, mas ela não é, rigorosamente, violência escolar” (p. 63), pois para os alunos a escola é o local de descontração, lazer, em que eles constroem vínculos e amizades com professores, e outros alunos. A “violência escolar stricto sensu é aquela que nasce no interior da escola ou como modalidade de relação direta com o estabelecimento de ensino” (p.64).

Para se entender o contexto histórico, no Brasil, nos anos 80, segundo a autora, as ocorrências de violência nas escolas estavam atreladas a uma imagem da violência externa ou social, que o país estava envolvido, houve no período reivindicações por segurança.

A temática foi durante a década deixando de ocupar o panorama da imprensa, com isso havia a falsa impressão do desaparecimento do fenômeno, mas o que ocorreu foi o contrário, a banalização e a prática da violência foi incorporada no cotidiano das escolas.

Já nos anos 90, as depredações e os vandalismos são modalidade de violência que caracterizam o escolar, com isso o sujeito da violência é sempre o outro, o que não faz parte da comunidade escolar. Mas a abrangência do fenômeno vai sendo aos poucos deslocada, e o estranho, o outro não é somente o responsável pelos atos, voltando-se assim o olhar para os sujeitos inseridos na instituição escolar.

Essa década de 90 foi marcada por ações violentas dentro da escola, ou seja, na ociosidade – os intervalos, as trocas de aula, as ausências dos professores – pois quanto maior o tempo livre, maior o risco de atos de vandalismos.

Segundo Sposito (2002) há uma distinção clara entre violência na escola e violência escolar. O primeiro termo faz referência ao aumento da violência na comunidade (criminalidade e violência social) e o segundo termo é definido, em duas modalidades, uma caracterizada pelo vandalismo contra a instituição escolar, que danificam o patrimônio, chegando até as agressões de bens materiais dos professores e funcionários, a outra

Para essa autora traz uma definição clara entre os dois termos, circunscrevendo a “violência escolar” como aquilo que acontece dentro da escola e a afeta diretamente (depredação, vandalismo, roubos), sendo, portanto, o espaço geográfico da escola o local onde ocorrem às ações violentas contra a própria instituição.

Contudo, a “violência na escola” aparece, para a autora, como aquilo que é “decorre de um padrão de sociabilidade, das relações interpessoais que hoje

atingem a escola tanto pública como privada. Trata-se tanto de uma série de práticas que compreendem os alunos e seus pares, crivadas pela formação de grupos que podem ou não se enfrentar de modo belicoso, como compreendem agressões físicas e verbais por meio de ameaças a professores e funcionários”. (p.252)

Nessa dimensão, afirma-se que, a “..persistência da violência escolar revelou formas novas de disseminação dessa violência nas práticas diárias observadas no interior da escola” (Sposito,1998: 67).

Isso quer dizer que, as reflexões a serem empreendidas acerca da violência escolar devem incorporar o pressuposto de que não se trata de um fenômeno estritamente brasileiro. Por essas razões a análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior da instituição escolar impõe alguns desafios aos pesquisadores e profissionais do ensino, pois demanda tanto o reconhecimento das especificidades das situações como a compreensão de processos mais abrangentes que produzem a violência como um componente da vida social e das instituições, em especial da escola, na sociedade contemporânea.

Entende-se que violência é todo ato que implica na ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito. Mas a própria noção encerra níveis diversos de significação, pois os limites entre o reconhecimento ou não do ato como violento são definidos pelos atores em condições históricas e culturais diversas.

Assim, de um lado, ao se eleger prioritariamente nesta análise as condutas que envolvem a destruição e a força, não poderia deixar de considerar, ao menos como referência, práticas mais sutis e cotidianas observadas na sala de aula que veiculam o racismo ou a intolerância e, até, os mecanismos relativos à violência simbólica presentes na relação pedagógica, já estudada por Bourdieu (Bourdieu e Passeron, 1975, p.231).

De outra parte, os diversos usos e significados da palavra violência ao lado de termos correlatos como indisciplina permitem alterações expressivas de

significados correntes sobre o conjunto das ações escolares. Atos anteriormente classificados como produtos usuais de transgressões de alunos às regras disciplinares, até então tolerados por educadores como inerentes ao seu desenvolvimento, podem hoje ser sumariamente identificados como violentos.

Ao contrário, condutas violentas, envolvendo agressões físicas, podem ser consideradas pelos atores envolvidos episódios rotineiros ou meras transgressões às normas do convívio escolar. Por essas razões, um dos aspectos ainda a serem investigados diz respeito ao modo como, no âmbito da instituição escolar, são construídas as definições que designam e normalizam condutas - violentas ou indisciplinadas - por parte dos atores envolvidos: professores, alunos, funcionários, pais, entre outros.

É importante asseverar que os estudos que tentam investigar o fenômeno da violência social, sobretudo no Brasil, buscam construir um quadro determinado por condições históricas e sociais que explicariam o aparecimento de condutas violentas na escola. Reconhecer que essa moldura propicia as condições para a eclosão da conduta violenta, não significa estabelecer linearidade entre o quadro social que favorece o seu aparecimento e as práticas de violência na instituição escolar.

Nesse contexto, quando se recorre ao conjunto de determinações sociais, um primeiro par sempre aparece: as relações necessárias entre a pobreza e a violência. Aparentemente impecável, o raciocínio afirma ser a pobreza responsável pela violência social e, em consequência, os atos de violência que atingem a unidade escolar ou que nela ocorrem, seriam mais uma das expressões diretas da situação de miséria.

Por conseguinte, no âmbito do binômio - pobreza e violência - alguns estudos indicam que não são as regiões mais miseráveis do país aquelas que condensam maior índice de violência.

Mais do que a pobreza em termos absolutos, seria uma certa exacerbação da desigualdade social, a extremada distribuição desigual da renda ao lado da convivência no mesmo espaço de dois mundos - excluídos e incluídos - uma das

molduras propícias às relações de violência e suas consequências sobre a escola.

Talvez um exemplo importante dessa situação possa ser visualizado nas cidades-capitais que possuem periferia, em que se constrói um espaço urbano onde incluídos e excluídos vivem cotidianamente esta relação de confronto, de mútua negação - a abundância de um segmento diante da miséria do outro - e interações complementares entre esses mundos, expressas muitas vezes pelo consumo e tráfico de drogas. Pode-se citar outro exemplo explicativo habitual que reside no reconhecimento dos aspectos históricos, culturais e políticos que imprimiram suas marcas na constituição de sociedades colonizadas como o Brasil.

Embora este não seja o objeto desta exposição, torna-se importante registrar que, certamente, este país - caracterizado não só pela desigualdade, mas pela existência de elites que privatizam a esfera pública e reiteram em suas práticas a ausência de direitos, fortalecendo a impunidade e da corrupção dos governantes - tende a ser uma sociedade que produz, ao mesmo tempo, a cultura da violência e a sua banalização (Peralva, 1996, p.102).

Compreende-se por banalização da violência, tema a ser retomado em outro momento, produz consequências importantes no âmbito da unidade escolar ao estruturar formas diversas de sociabilidade que retiram o caráter eventual ou episódico de determinadas práticas de destruição ou de uso da força.

Nessa conjuntura, o processo de expansão de alguns direitos no âmbito da democracia política, como o voto e outras formas de participação da sociedade, não significa que outros espaços e instituições tenham alcançado estatuto mais democrático nesse mesmo período. Por essas razões, interrogações sobre os destinos da escola pública se tornam mais diversificadas. Teria esse período favorecido a emergência de padrões mais democráticos capazes de estruturar novas relações no interior da escola pública?

Além das questões clássicas relativas ao acesso e à permanência na escola, tratar-se-ia de investigar se, de fato, tem havido dilatação da esfera democrática na sociabilidade escolar. Mais do que novos marcos institucionais

definidores da gestão como os conselhos deliberativos, a indagação incide sobre a possível criação de espaços públicos na vida escolar que permitiriam o reconhecimento das diferenças, a emergência de conflitos e de práticas de negociação para a sua resolução, a atenuação das desigualdades e a tolerância.

Um último elemento a ser considerado é a ideia de que a violência nas escolas se dá, sobretudo, em áreas urbanas e não é restrita aos bairros periféricos. No âmbito desse cenário rapidamente esboçado - o espaço estrutural da violência - alguns exemplos podem evidenciar as ressonâncias desse processo no interior da unidade escolar.

1.3.2.-Tipos de violência escolar.

A violência escolar também conhecido como bullying em inglês, é qualquer tipo de maus tratos psicológicos, verbais ou físicos que ocorrem repetidamente entre as crianças em uma determinada época na sala de aula, bem como através das redes sociais. Estatisticamente, o tipo dominante de violência é emocional e ocorre principalmente na sala de aula e na escola. Os protagonistas dos casos de bullying escolar são geralmente crianças que entram na adolescência, com a porcentagem de meninas no perfil das vítimas sendo ligeiramente maior.

Este tipo de violência escolar é caracterizada, portanto, por uma reiteração visando a intimidação da vítima, implicando um abuso de poder na medida em que é exercido por um agressor mais forte (ou essa força real ou percebida subjetivamente). O sujeito vítima de violência escolar é, portanto, exposto fisicamente e emocionalmente ao sujeito abusivo, resultando em uma série de sequências psicológicas (embora não seja parte do diagnóstico); é comum que o assediado viva aterrorizado com a ideia de frequentar a escola e que ele esteja muito nervoso, triste e solitário em sua vida diária.

De acordo com Zabala e Araceli (2014), apresentaram alguns tipos de violência educacional, com a seguinte incidência entre as vítimas:

Bloqueio social (29,3%)
Manipulação (19,9%)
Restrições (17,4%)
Exclusão social (16,0%) (Zabala e Araceli. P.58, 2014).

Bloqueio social: agrupa as ações de violência escolar onde buscam bloquear socialmente a vítima. Todas as vítimas buscam isolamento social e marginalizações impostas por esses comportamentos de bloqueio.

Manipulação social: Este agrupa os comportamentos de violência escolar que tentam distorcer a imagem social da criança e "envenenar" os outros contra ele. Com isso, tenta apresentar uma imagem negativa, distorcida e negativamente carregada sobre a vítima.

Restrições: agrupa os comportamentos de violência educacional que fingem que a vítima realiza ações contra sua vontade. Através destes comportamentos, aqueles que assediam a criança pretendem exercer um domínio e uma submissão total da vontade.

Exclusão social: Este seria comportamentos de agressão escolar que procura excluir a participação da criança acusada. Para ignorá-lo, tratá-lo como se não existisse, para isolá-lo, para evitar a sua expressão, para impedir a sua participação em jogos, se produz um vazio social em seu entorno.

2.3.- Família, sociedade e violência.

2.3.1.-Família e violência.

A família, enquanto um grupo de pessoas, tem se constituído ao longo dos tempos como uma referência vital para o desenvolvimento humano no qual uma criança pode ser nutrida, cuidada e ensinada. Na convivência entre pais e filhos, alguns assuntos são conversados normalmente, outros podem ser tabus ou gerar dúvidas sobre como devem ser abordados, como falar de sexo, peso, namorado, estudos, drogas, divórcio entre outros. E se não houver um cuidado pode ser uma forma de violência familiar. Pois, na maioria das vezes, pode ocorrer e se tornando um fator de risco para que apresentem problemas de comportamento, ajustamento escolar e de uma percepção social negativa, ou seja, com uma visão distorcida, amedrontada e até mesmo isolada dos relacionamentos sociais.

Entendemos família como um sistema, e no qual significa reconhecer que cada família tem uma peculiaridade ou uma maneira de funcionar, sendo que isto decorre do processo de organização que essa família estabeleceu ao longo do

tempo, tendo como referências as suas crenças, valores e entendimento do que poderia ser uma família. Percebemos que na medida em que uma pessoa da família sofre violência, tal qual o efeito de peças de dominó, caindo em sequência, outras também estão envolvidas, seja como protagonistas da cena familiar que sustenta a violência. Diante disso, todas as pessoas do sistema familiar devem ser consideradas parte do trabalho de intervenção profissional.

Nesse sentido, entendemos que a violência se apresenta sob as mais variadas facetas, e de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) violência é "o uso intencional da força física ou do poder. E na grande maioria dos casos as vítimas da violência intrafamiliar são as mulheres, as crianças e os adolescentes, os idosos e os portadores de deficiência física ou mental. O causador da violência é, predominantemente, do sexo masculino. Apenas no caso da violência contra crianças as mulheres são as autoras na maioria das vezes. Mas, também nesses acontecimentos, os homens determinam maior prejuízo (Brasil, 2001, p.06).

Para tanto, o que implica a Constituição Federal de 1988, é considerável o avanço em relação à promoção da igualdade entre homens e mulheres e o novo Código Civil, que foi aprovado em agosto de 2001 e em vigor desde janeiro de 2003, fez a adequação da legislação civil à Constituição. De forma que, a partir do enfoque da igualdade de gênero, concebe-se que mulheres e homens devem ser considerados iguais em seus direitos, e a promoção desses direitos é necessária para desfazer as desigualdades fundamentadas em hábitos culturais e sociais que estruturam as relações sociais (Brasil, 2001, p.06).

Na incumbência, de julgamentos de valor sobre um indivíduo, com base em seu ser sexual ou sua identidade de gênero. Isto pode significar cometer injustiças e atos de grande violência.

De forma que, a violência familiar é o exercício da violência dentro de uma família. Ou seja, a ação ou omissão que o membro de uma família exerce contra outro membro e produz um dano físico ou psicológico. É um conceito usado para se referir a "violência exercida na área de coexistência familiar ou assimilada, por um dos membros contra outros, contra um dos outros ou contra todos". Inclui todos os atos violentos, desde o uso de força física, até assédio, ou intimidação,

ocorrendo dentro de uma casa e perpetrados por um membro da família contra outro membro da família. Neste tipo de violência familiar existem inúmeras facetas que variam de discriminação e desprezo à agressão física, sexual, verbal ou psicológica.

De acordo com a escala Mundial, mais de 700 milhões de mulheres atualmente vivem como meninas casadas (menores de 18 anos). Destas mulheres, mais de 1 em 3 - ou cerca de 250 milhões - eram casadas antes dos 15 anos de idade. As meninas casadas muitas vezes não são capazes de negociar efetivamente o sexo seguro, tornando-os vulneráveis à gravidez precoce, bem como a infecções sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV.

Outro fator determinante, é a violência psicológica, também conhecida como violência emocional, é uma forma de abuso, por isso é uma das categorias dentro da violência familiar. A intenção da violência psicológica é humilhar, fazer com que uma pessoa se sinta mal e insegura, fazendo com que a pessoa perca seu valor próprio. Isso difere do abuso físico porque é sutil e muito mais difícil de perceber ou de detectar. Ele se manifesta através de palavras prejudiciais, humilhações, gritos e insultos. Esta desordem pode ter bases na infância das pessoas quando é realizada a falta de atenção por parte dos pais ou parentes e a violência intrafamiliar.

De igual forma destacamos a violência ao adolescente, que se dá em situações relacionadas a mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Onde se incluem medos, injustiças, discriminação, violência, medo do futuro, tomada de decisão, falta de entusiasmo, entre outros aspectos.

Este problema é um agravante muito sério que está ocorrendo, e sendo responsável por causar danos irreparáveis à vítima e ao agressor. Portanto, é possível que este transtorno tenha bases na infância das pessoas, principalmente quando não tem atenção por parte dos pais ou parentes ou familiares.

Assim, podemos dizer que, no caso das vítimas de violência familiar, quando se encontram em tal situação, adotam uma posição conformista, sentem-se pressionadas e subjugadas ao poder de seu agressor, elas não têm coragem de relatar casos de violência familiar, elas sentem intimidadas e temerosas de que os ataques sejam maiores se denunciarem esses atos.

Por tanto, tais comportamentos poderiam ser diferentes e não refletir nas outras instâncias, se, junto com a formação da criança, os pais – além da afetividade – impusessem as regras, punições e recompensas com o intuito de levar a criança a refletir sobre o seu papel no lar e na sociedade. Sendo no interior da família para ser capaz de distinguir certo e errado bem como os limites e o respeito a quem convive. E neste sentido a família tem papel importante no processo de ensino e aprendizagem onde a escola prima pela integração social criando oportunidades para que o aluno aprenda a conviver no contexto social.

2.3.2.-Sociedade e violência.

A sociedade pode ser vista como um grupo de pessoas com semelhanças étnicas, culturais, políticas e/ou religiosas ou mesmo pessoas com um objetivo comum. É comumente considerada uma unidade social que compartilham algo em comum, como normas e valores.

E dentro da sociedade a violência se apresenta como um fenômeno constante e perturbador. Por tanto, existe desde os primeiros tempos da humanidade e se apresenta como uma tentação fácil na vida do homem na sociedade. Sua realidade e impacto social deu origem a vários estudos, que o consideraram tanto do ponto de vista da etnologia (comparação do fenômeno da violência no mundo humano quanto dos comportamentos dos animais), filosofia política, direito, filosofia ou religião em si.

Para o pesquisador Polizelli (2007), um dos elementares a desenvolver o conceito de sociedade da informação foi o economista Fritz Machlup. Em 1933, Machlup começou estudando o efeito das patentes na pesquisa. Seu trabalho culminou no importante estudo "The production and distribution of knowledge in the United States" em 1962. Sendo que este novo modelo de organização das sociedades assenta num modo de desenvolvimento social e econômico onde a informação, como meio de criação de conhecimento, desempenha um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos. Outro fator que coloca este autor é as facilidades que as tecnologias trazem e têm vindo a aumentar o nível de complexidade da

informação e o seu respectivo tratamento (Polizelli, 2007, p.26). Por outro lado, tem crescido o número de violência familiar nos últimos tempos. E sendo a sociedade identificada e definida de diferentes formas dependendo da cultura e do contexto temporal de uma sociedade, a violência assume diversas definições e rótulos e, portanto, diferentes áreas, em diferentes momentos e lugares, têm se debruçado sobre a violência.

2.3.3.-Família, sociedade e violência escolar.

A violência na sociedade atual é um assunto latente é algo com que convivemos no dia a dia, e especialmente nas escolas vem se destacando e ganhando visibilidade social e se tornando assunto de conversas polemicas em vários segmentos da sociedade. A desigualdade social é um dos fatores que levam um jovem a cometer atos violentos. A situação de carência absoluta de condições básicas de sobrevivência tende a embrutecer os indivíduos, a influência de grupos sem conduta de valores, crenças e formas de comportamento seria também uma motivação do jovem para cometer crimes.

Conforme Perrenoud (2000) em uma sociedade em crise e que tem vergonha de si mesma, a educação é um exercício de equilibrista. Numa educação voltada para a cidadania é preciso que se criem situações que facilitem verdadeiras aprendizagens, tomadas de consciência, construção de valores e de uma identidade moral e cívica. Os professores, como trabalhadores, estão imersos nestas mesmas perspectivas. E apresentam um papel fundamental na sociedade com um desempenho importante para a formação inclusive de novos trabalhadores desta mesma sociedade.

A escola é sem dúvida construída por sua comunidade, sendo como um gestor da equipe diretiva desenvolvendo seu papel na organização do projeto escolar, é preciso que toda comunidade esteja envolvida na implementação e construção da concepção de melhorar a qualidade educativa no âmbito escolar. E neste sentido, o professor juntamente com a família e vem trabalhar de forma colaborativa com outros professores da escola, criando comunidades de aprendizagem para compartilhar desafios e propor estratégias articuladas que respondam às demandas do desenvolvimento integral.

No vínculo entre, família e sociedade e sua relação escola e violência temos que projetar novas formas de ensinar, para proporcionar uma nova forma de aprender. O professor deve trazer a comunidade para a sala de aula, buscando aproximar os conhecimentos comunitários das informações de classe. O fortalecimento familiar na escola, mostrar a importância do acompanhamento da Assistente Social com intuito de fortalecer os vínculos, estimulando o crescimento e a autoestima da família. E seria importante esse fortalecimento, para atuar nas garantia dessa família, como instrumento de acolhimento, orientação efetiva e objetivação na compreensão do sujeito individual ou coletivo.

De igual forma aborda Garcia (2008) que:

“[...] na escola, a cidadania, enquanto aprendizagem e exercício social afetivo, precisa se referir, por exemplo, não somente ao acesso a diversas formas de conhecimento, mas também a uma prática social de respeito, de igualdade, de dignidade e de participação” (Garcia, 2008, p.70).

Quanto mais as famílias se envolvem com a educação dos filhos e participam ativamente da vida escolar, melhores são os resultados de aprendizagem dos alunos. E nesse sentido, Amaral (1998), ressalta que a educação precisa prestar um bom serviço à comunidade, buscando atender as especificidades dos alunos que chegam à escola, cabendo à educação adequar-se às necessidades dos alunos e não os alunos às necessidades e limitações escola (Amaral, 1998, p. 16).

Quanto a influenciar na redução da violência escolar o desafio está no fazer diferente o que diz respeito à ação docente, tendo claro que o professor não pode restringir a sua competência apenas aos conhecimentos específicos de sua área de atuação, mas, a competência pedagógica. Sendo que a violência na escola não pode ser vista unicamente como um processo de fora para dentro, torna-se necessário, uma reflexão sobre uma nova forma de atuar. Pois consideramos que esta violência é um produto gerado a partir e nas relações entre sociedade e instituição escolar, a violência escolar necessita de efetiva ação social e governamental para o seu enfrentamento, mesmo porque diversos de seus fatores desencadeantes seriam externos ao meio escolar e por isso

distantes de sua alçada de ação interventiva.

2.4.-Processo de ensino-aprendizagem.

2.4.1.-Conceito.

A aprendizagem é um fenômeno que faz parte da pedagogia, e se distingue pelo caráter sistemático e intencional e pela organização das atividades que a desencadeiam, atividades estas que se inserem em um quadro de finalidades e exigências determinadas pela instituição escolar.

O processo de ensino e aprendizagem é um fenômeno ou um método relacionado com o ato ou efeito de aprender. ... O ponto central do processo de ensino-aprendizagem passou a ser a atividade do aluno enquanto agente da sua aprendizagem, deixando, assim, de ser o agente passivo do ensino ministrado pelo professor.

De acordo com Jean Piaget, temos uma distinção entre aprendizagem e desenvolvimento, afirmando que muitas pessoas confundem os dois conceitos. De acordo com o epistemólogo suíço, o desenvolvimento está relacionado não só ao desenvolvimento físico, mas também se refere ao sistema nervoso e às funções mentais, o conceito de aprendizagem é mais simples, pois acontece através de um intermediário que neste caso é o professor, sendo um processo limitado a uma estrutura mais simples que o desenvolvimento.

Temos que considerar também, A aprendizagem significativa é um conceito importante na teoria da aprendizagem apresentada por David Ausubel (1983). Pois o autor considera que a aprendizagem humana está relacionada à educação e é um desenvolvimento pessoal. Dessa forma, a definição de aprendizagem é difícil de ser realizada em razão da necessidade dela não se confundir com outros conceitos. Isso se deve ao fato de aprendizagem ser um conceito natural e não um conceito artificialmente criado.

Piaget (1971), não enfatiza o conceito de aprendizagem. Sua teoria é de desenvolvimento cognitivo, não de aprendizagem. Ele prefere falar em aumento de conhecimento. Nesta perspectiva, só há aprendizagem (aumento de conhecimento) quando o esquema de assimilação sofre acomodação.

Para Ausubel (1983), aprendizagem significativa, por definição, envolve aquisição/construção de significados. É no curso da aprendizagem significativa que o significado lógico dos materiais de aprendizagem se transforma em significado psicológico para o aprendiz. Para Vygotsky (1987, 1988), o desenvolvimento cognitivo não pode ser entendido sem referência ao contexto social, histórico e cultural em que ocorre. Seguindo a Vygotsky, os processos mentais superiores (pensamento, linguagem, comportamento voluntário) têm sua origem em processos sociais; o desenvolvimento cognitivo é a conversão de relações sociais em funções mentais. O desenvolvimento do homem, somente ocorre por meio de sua experiência social. A interação social que leva à aprendizagem deve ocorrer dentro daquilo que ele chama de zona de desenvolvimento proximal. O ensino, portanto, deve acontecer na zona de desenvolvimento proximal e, de certa forma, determinar o limite superior desta zona.

Nesse sentido, a função da escola pensar sobre a melhor maneira de converter o saber objetivo, é procurar compreender que os meios utilizados não se resumem só em uma boa assimilação dos conteúdos pelos alunos, uma das formas pela qual ocorre essa aquisição é através do ensino, por contribuir sempre no desenvolvimento do homem. Para Ausubel (1983), a influência do ensino no desenvolvimento das crianças, destaca dois postos-chaves, que formam a base desse processo. E quando nos referimos a aprendizagem se vale das teorias que procuram explicar, através de diferentes enfoques, como o indivíduo aprende, como se expressa o desenvolvimento mental de uma pessoa e como se estruturam os modelos institucionais (Ausubel, 1983, p. 57).

2.4.2.-Elementos que alteram o processo de ensino-aprendizagem.

Ensino-aprendizagem trata-se de um procedimento contínuo que começa pela convivência familiar, aspectos culturais, tradições e vai aperfeiçoando-se no ambiente escolar e na vida social de um indivíduo. A aprendizagem deve partir de um diálogo, isto é, de uma interação entre aluno e professor. “a qualidade do processo de aprendizagem tem na convivência seu elemento catalisador”. Essa

convivência refere-se de forma ampla à relação professor-aluno-colegas. E nesta conjuntura, a escola tem sido considerada uma instituição de grande importância social, sendo vista como essencial para a formação e socialização das pessoas.

Com desenvolvimento industrial, a família teve que se adequar à nova realidade de produção de trabalho, levando os pais, dentro do núcleo da família, a se dividirem nas tarefas e, conseqüentemente, diminuir o cuidado com a educação dos filhos. Isso proporcionou mudança de costumes, a família vem priorizando o afeto como um apoio que tem o objetivo de valorizar o ser humano em sua dignidade e subjetividade. Portanto, no momento em que escola e família alcançarem uma parceria na maneira de como irão se unir para propiciar a educação, é possível mudança e melhor comprometimento dos pais em quanto papel social.

A aprendizagem vem sendo um problema bastante debatido e preocupante, suas causas podem estar relacionadas a fatores exteriores ao indivíduo ou inerentes a ele, decorrendo de situações adversas à aprendizagem como o déficit sensorial e outros. A educação sempre foi considerada um bem em si, pelas oportunidades que oferece de enriquecimento cultural. E nesta realidade quais seriam os elementos que afetam o processo de ensino e aprendizagem?

Poderiam ser muitos os elementos que interferem no processo de ensino e aprendizagem, mas vamos focalizar-nos mais visíveis no âmbito educativo como o excesso de alunos nas escolas públicas. De forma que o direito ao ensino, anteriormente restrito às elites e respaldado pela lógica seletiva, passou a ser contemplados por parcelas cada vez mais amplas da sociedade. E de acordo com Abramovay y Cunha (2009), que nessa esfera, a escola pública e o ensino obrigatório receberam uma expressiva diversidade de alunos, provenientes de estratos econômicos variados. E assim, o autor aborda que grande expansão do número de matrículas vem marcado pela diversidade e enormes distâncias econômicas que implica a conflitos socioeconômicos na sociedade com impacto dentro das escolas (Abramovay y Cunha, 2009, p. 88).

E visando estes elementos que influenciam no processo de ensino-aprendizagem, entendemos que as Dificuldades de Aprendizagem (D.A.) é um problema que está relacionado a uma série de fatores e podem se manifestar de

diversas formas como: “transtornos, dificuldades significativas na compreensão e uso da escrita, na forma de falar, ler, escrever, raciocinar e desenvolver habilidades matemáticas” e outros. Esses transtornos são inerentes ao indivíduo, podendo ser “resultantes da disfunção do sistema nervoso central”, e podem acontecer ao longo do período vital. Podem estar também associados a essas “dificuldades de aprendizagem, problemas relacionados às condutas do indivíduo”, percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem (García, 1998, p. 31-32).

As dificuldades podem advir de fatores orgânicos ou mesmo emocionais e é importante que sejam descobertas a fim de auxiliar o desenvolvimento do processo educativo, percebendo se estão associadas à preguiça, cansaço, sono, tristeza, agitação, desordem, dentre outros. O processo de aprendizagem deve propiciar a felicidade, senão dificilmente acontecerá um aprendizado de qualidade. Muitas vezes, no decorrer do ensino, nos deparamos com problemas que deixam os alunos paralisados diante do processo de aprendizagem, assim são rotulados pela própria família.

E esta desigualdade social é um dos fatores que levam um jovem a cometer atos violentos. Os motivos pelos quais os jovens buscam respostas para suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, autoestima e proteção, e a gangue parece ser uma solução para os seus problemas em curto prazo. Valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são pouco estimulados nas práticas de convivência social, quer seja na família, na escola, no trabalho ou em locais de lazer. A inexistência dessas práticas dão lugar ao individualismo, e a violência escolar.

O indivíduo enfrenta uma grande oferta de oportunidades: o uso de drogas, uso de bebidas alcoólicas, uso da arma de fogo aliada a inexistência do controle da polícia, da família e comunidade tornam o indivíduo motivado a concluir o ato delitivo. " Carências afetivas e causas sócio-econômicas ou culturais certamente aí se misturam, para desembocar nestas atitudes" (Colombier, 1989. p.36).

E nesta conjuntura, os jogos cooperativos proporcionam uma boa estratégia para a superação de conflitos associados ao fenômeno de violência escolar que influenciam no desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Neste

sentido, os profissionais necessitam estarem sempre atentos e abertos às mudanças que se processam em nosso cotidiano e contextualizar as demandas apresentadas. A escola foi pensada, sobretudo a escola pública, como espaço de socialização de novas gerações, operando no sentido da formação e construção de humanidades capazes de viverem ativamente a vida social. A estratégia de ensino cooperativo busca aproveitar as condições, capacidades, qualidades ou habilidades de cada indivíduo, aplicá-las em um grupo e tentar atingir um objetivo comum" (Colombier, 1989, p.36).

2.4.3.- Violência e aprendizagem

Discutir a temática violência na escola e alinhar ao questionamento quanto aos limites na aprendizagem que essa violência escolar produz, torna-se essencial aos sujeitos da área educacional. Assim, a pesquisadora, buscou adentrar nesta relação, pois, "[...] a violência gera sofrimento, causa danos físicos e psicológicos, humilhação, desespero, desamparo, desesperança e anuncia a barbárie onde todos podem ser vítimas" (Lima, 2011, p.201).

Na realidade, não escola, não importa se o formato desta violência, seja ela verbal ou física, no momento deste ato há uma desestruturação emocional que atinge todo o sistema nervoso do indivíduo. Nesse caso, o aluno que sabe a razão pela qual frequenta a escola, conhece e entende sua importância, não tem motivo para provocar brigas e depredar o local que valoriza, pois, é ali que aprende os conhecimentos científicos, se socializa e também ocorrem mudanças em sua identidade, ou seja, ele cresce intelectualmente.

Segundo Silva (2017, p.32), "O fracasso escolar como um 'sintoma' da violência escolar", a violência aparece quando os alunos não são respeitados como pessoas e seres individuais. Os alunos por sua vez, tendem a responder por meio da indisciplina ao seu professor. Essa autora afirma que os professores não têm uma boa formação, o que prejudica a qualidade do trabalho desenvolvido em sala de aula, local no qual existe falta de motivação causada pela desvalorização dos profissionais do magistério. É nesse sentido que a violência aparece como elemento prejudicial para a qualidade de ensino. Para Silva, o atual currículo escolar não acompanha a realidade dos estudantes, já que estes não

se reconhecem dentro do contexto que lhes é exposto. Isso gera inquietação, falta de interesse e, além disso, o aprendizado não se concretiza.

A realidade posta é o que Silva, afirma:

[...] o conteúdo programático da maioria das escolas apresenta-se desvinculado da realidade sendo quase inaplicável no contexto social. O mesmo se pode afirmar do sistema de normas e regulamentos e dos projetos político-pedagógicos (Silva, 2017, p. 3).

É fato que a escola vive um momento de crise, que possui várias formas de manifestação, uma delas é a violência no seu interior. É como se ela tivesse perdido seu referencial, “é que a escola parou no tempo e não incorporou no seu cotidiano tecnologias e conteúdos a que os alunos têm tido acesso” (Silva, 2017, p.3).

Na realidade, o mundo fora da escola real é virtual, mais atrativo e interessante, porque a escola estacionou sem se dar conta que o desenvolvimento social é contínuo, que o mundo não para. Assim, com relativa frequência os alunos deixam de brincar coletivamente, passando a se agredirem uns aos outros sem motivos aparentes.

Estas agressões constantes têm interferido no rendimento escolar dos dois lados, de quem agride e de quem é agredido, e culmina na falta de interesse pelos estudos. Charlot (2011) conclui que a escola é um ambiente de tensão, que é gerada fora dela, ou seja, contém os problemas familiares e da sociedade, por exemplo, o desemprego. A escola é também geradora de tensão, nela são depositadas as esperanças de um provável benefício para a vida social e profissional de seus frequentadores, é por meio da escola que as crianças e os jovens poderão ser inseridos na vida social.

A partir da interpretação de Charlot (2011), há uma forte tensão no universo escolar. Essa tensão é ainda mais forte porque a representação da escola como via de inserção profissional e social apagou a idéia da escola como lugar de sentido e de prazer. Essa tensão pode eclodir a qualquer momento tornando-se de fato um ato concreto de violência.

Sendo assim, entender até que ponto a violência pode prejudicar na aprendizagem e no interesse pela escola torna-se essencial principalmente ao profissional da educação. Mas é também uma questão que está ligada às práticas de ensino quotidianas que, em último caso, constituem o coração do reator escolar: é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola [...] (Charlot, 2011, p.5).

A violência na escola interfere na aprendizagem dos estudantes, na medida em que o professor também não se reconhece como sujeito desse processo e isso causa um mal-estar para o docente.

Esse mal-estar mencionado nos faz refletir sobre as relações entre professor-aluno, ensino-aprendizagem e violência escolar. O professor entra na sala de aula com o sentimento de que não está sendo valorizado, tanto pelo seu salário quanto pelo corpo da escola, fica incomodado devido ao estado de tensão que é alto, apreensivo e assim, um tanto descompensado, acaba por assumir e desenvolver insatisfatoriamente sua função.

Assim, existe um acúmulo de situações que o perturbam, certamente será uma aula deficiente. Portanto, até pode acontecer, mas a aprendizagem não. O professor, quando entra em sala não está inteiro, devido as suas preocupações, na verdade ele não sabe o que pode ocorrer a qualquer momento, a sua aula já não está acontecendo como deveria, e ainda pode vir a ser interrompida por agressões orais ou físicas.

Em outra situação e do outro lado, está o aluno, sujeito esse que não está totalmente presente na aula, ele traz consigo problemas sociais, perturbações que podem ser familiares ou mesmo entre os colegas da escola, o aluno também não está a vontade e tranquilo para que se efetive a aprendizagem.

Essas são algumas das situações que não permitem uma aula de qualidade. Os alunos são seres individuais que possuem conhecimentos prévios e ao chegarem a escola são classificados como socialmente iguais. São indivíduos que serão capacitados para o mercado de trabalho.

Sabe-se que esses alunos vão para a escola para serem inseridos em uma vida social e para o cumprimento de uma etapa de suas vidas, para no futuro

alcançarem um lugar na sociedade, em outras palavras eles vêem a escola como um processo que a sociedade exige e não estão preocupados com a aprendizagem, ou seja, seus interesses são outros, a escola está fora de sua realidade. A falta de interesse pelo estudo gera uma intolerância ao local onde são, de certa forma, obrigados a frequentar, por pressão familiar ou por sua própria falta do que fazer.

Há outro fator, este em relação aos professores. Eles estão desanimados com a profissão devido a falta de estrutura e a desvalorização da profissão, vão para a escola para cumprirem com sua carga horária e não estão se importando se os alunos irão ou não aprender. De acordo com Pain (apud, Silva, 2011) a violência é uma forma encontrada pelos alunos de pôr para fora o que está lhes angustiando, a má qualidade do ensino e o abandono pelo professor. Os gestores ignoram tanto o professor quanto o aluno.

Para Silva (2011, p.34), “a aprendizagem não vem de encontro de seu desejo. Agredidos, revidam com a agressão, o que alimenta suas hipóteses sobre o resultado escolar: o problema é a escola, que não é boa, ou o professor, que ensina mal. “ O problema é, para Silva que a violência praticada por alunos é uma forma de pedido de socorro frente a um processo de anulamento, no qual o aluno deveria ocupar lugar central, o de agente do processo.

Silva (2011) assevera que, a escola tem que ter uma identidade, para saber quem é o seu aluno e como a instituição quer que este indivíduo seja. Para isso, a escola deve conhecer que tipo de aluno a frequenta, assim saberá como conquistar este aluno, para que ele não desista de estudar.

Para Madeira (2000, p.23), “mesmo nos alunos mais agressivos deve-se investir, pois, por traz dessa agressividade há pessoas com sonhos e esperanças de um futuro e inserção na sociedade pelo trabalho familiar e escolar”.

A verdade é que a escola “deve saciar os anseios do jovem porque é a desilusão com a escola que mais frequentemente leva o jovem a abandoná-la pelo trabalho e não o inverso” (Madeira, 2000, p. 15).

Nesse contexto, a escola almejada pelos alunos não é impossível de conseguir, ela não deve ser vista como muito seria, mas um lugar no qual esses

jovens possam querer estar e se sentirem bem com um ambiente adequado no qual eles possam interagir uns com os outros.

Para Madeira (2000, p. 16), “Os jovens pobres e ricos desejam uma escola onde consigam aprender, mas, que também seja um espaço agradável, onde possam encontrar amigos, ouvir música e namorar.” Os professores tendem a olhar para o jovem e o associam ao delinquente e ao marginal e, principalmente, os pobres serão sempre vistos como tais.

Assim, este olhar cria barreiras em uma relação aluno/professor, essa distância faz com que a escola fique muito mecânica, embora seja constituída de pessoas com sonhos e sentimentos. Assim, o que eles encontram é uma escola autoritária. Os estudantes depositam confiança na escola para que tenham condições de entrar no mercado de trabalho, mas encontram uma escola que não supre suas expectativas para a consolidação de seus projetos para o futuro. Este ambiente então não fará nenhum sentido para ele, assim, as “[...] tensões e os conflitos tendem a se acentuar, ampliando o fosso dos desencontros entre alunos e professores” (Madeira, 2000, p.15).

Na verdade, a mídia não apenas noticiam os acontecimentos que ocorrem nas escolas, ao intensificar os casos de violência, ela motiva e encoraja os jovens a praticá-los com mais frequência, pois aparecerão no noticiário e estarão em evidência para os colegas e para a comunidade. Enquanto os professores, ao constatarem a extensão do problema, entram em estado desconfortável de tensão.

Para a autora, “[...] atos de criminalidade praticados por adolescentes e muito veiculados pela mídia são especialmente propícios para gerar representações sociais que criam ou fortalecem um clima de pânico social.” (Madeira, 2000, p.22).

“Pode-se destacar que a violência juvenil, são o projeto e o processo pedagógicos”. Silva (2017, p. 5) revela que o aluno, que era o ponto principal do fracasso escolar, agora divide a cena com vários fatores que intensificam e agravam a situação da aprendizagem.

Na visão da autora, “[...] o aluno não é o único responsável pelo fracasso escolar. [...] a má qualidade de ensino e a presença, nas práticas escolares, de estereótipos e preconceito em relação à criança pobre”. Não é preciso distinguir uma criança da outra, são todas crianças independente de posição social.

Nesse contexto, afirma-se que os alunos estão na escola com o mesmo objetivo que é aprender e serem tratadas com o respeito que lhes é devido. O professor deve ser responsável, assim não poderá negligenciar a sua atuação em sala de aula. A Instituição, juntamente com o professor, precisa trabalhar para que aconteça a aprendizagem de forma adequada. “Compete a essa instituição, na figura do educador/professor, ensinar à criança aquilo que ela ainda não sabe, mas já tem condições de aprender com auxílio de outro” (Silva, 2017, p.6). A função do professor é extremamente importante. Cabe a ele proporcionar a aprendizagem e, caso predomine um clima de mal-estar ou qualquer tipo de violência, a mesma tende a não acontecer.

2.4.4.-Violência escolar e o processo de ensino-aprendizagem.

Diante da tipologia estabelecida, atualmente, convive-se de perto com as violências doméstica e familiar. O que se considera violência cultural ou simbólica, ocorre principalmente no ambiente doméstico e familiar. A violência é direcionada de diferentes formas e para diferentes alvos, sobretudo, no ambiente escolar.

Além da violência física e verbal, no âmbito educativo podemos também estar relacionada com as ações e atitudes dos alunos. A violência tem um impacto concreto sobre as relações dentro da escola. Nesse sentido, torna-se necessário refletir sobre o que é violência e o que esta atingindo na a escola, e como podemos preveni-la e combatê-la.

A violência pode apresentar três dimensões. A primeira, nos casos que envolvem danos físicos que indivíduos podem cometer contra si próprios ou contra os outros; a segunda é o conjunto de restrições que se dá no plano das instituições e que impede que os indivíduos usufruam plenamente de seus direitos fundamentais, abrangendo, portanto, as modalidades da violência simbólica e institucional; a última corresponde às incivildades e microviolências, que costumam ser as modalidades mais recorrentes de violência e comuns no

cotidiano educativo. Estas condutas violentas, envolvendo agressões físicas, podem ser consideradas pelos atores envolvidos episódios rotineiros ou meras transgressões às normas do convívio escolar. E devido a isso, devemos verificar como estamos controlando essa problemática no ambiente educativo.

A ausência de significados positivos para a vida escolar caminha ao lado de novas exigências de domínio de linguagens, informações, conhecimento, enfim de todo o campo da atividade simbólica contemporânea que pressupõe o domínio de habilidades a serem adquiridas principalmente na escola. Tais interações acontecem na escola, mas não são produto deliberado das orientações de professores e administradores. De certa forma, a violência seria apenas a conduta mais visível de recusa ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto.

Dessa forma, torna-se imprescindível o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários dependem do trabalho com a família e também do investimento da escola que deseja mudar de um campo educativo com violência a uma educação com princípios de união e respeito.

Visando prevenir lesões ou ameaças, a Constituição Federal de 1988, art. 227, estabelece que é dever da família, da sociedade, da comunidade e do Estado colocar com prioridade absoluta a criança e o adolescente a salvo de toda forma de negligência, exploração e violência.

Na Constituição Federal de 1988 assevera que :

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

§ 1º - O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança e do adolescente, admitida a participação de entidades não governamentais e obedecendo os seguintes preceitos:

§ 1º O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem, admitida a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos: (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

I - aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na

assistência materno-infantil;

II - criação de programas de prevenção e atendimento especializado para os portadores de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos.

II - criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

§ 2º A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.

§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;

II - garantia de direitos previdenciários e trabalhistas;

III - garantia de acesso do trabalhador adolescente à escola;

III - garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola; (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica;

V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;

VI - estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;

VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança e ao adolescente dependente de entorpecentes e drogas afins.

VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

§ 4º A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.

§ 5º A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.

§ 6º Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

§ 7º No atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se-á em consideração o disposto no art. 204.

§ 8º A lei estabelecerá: (Incluído Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

I - o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens; (Incluído Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

II - o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas. (Incluído Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010) (Brasil, Constituição da República Federativa do Brasil (1988) Acesso em: 12/09/ 2017).

Onde esta assegurada os direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social do indivíduo. Tanto em campo educativo quando em âmbito familiar. De forma que está ao estabelecer que o agente de desenvolvimento deva residir na área da comunidade social e escolar direcionando onde atuar.

De igual forma, está reforçado nos artigos da ECA que vêm salvaguardar esses perpendiculares da criança e do adolescente:

Art. 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 22. Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais.

Art. 24. A perda e a suspensão do pátrio poder serão decretadas judicialmente, em procedimento contraditório, nos casos previstos na legislação civil, bem como na hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações a que alude o artigo. (ECA, Lei 8.069/1990, 2001).

As leis contribuem para políticas públicas, conectando assim o maior número de atores integrantes da comunidade, para conseguir efetivar o fortalecimento da construção da autonomia das famílias e a promoção do desenvolvimento comunitário. E esta visível no papel de agente transformador e sua influência positiva no âmbito social e educativo.

5.1.-Interferência da violência escolar no processo de ensino-aprendizagem.

A educação é um processo de desenvolvimento integral de todas as potencialidades do indivíduo. Requer uma atuação conjunta de todos os sujeitos envolvidos no ato de educar (pais, professores, comunidade etc.). A parceria escola/família é fundamental para que a criança cresça e se desenvolva sem grandes prejuízos.

No processo ensino-aprendizagem, é importante destacar qual o verdadeiro papel da escola. Existe uma inversão dos papéis da escola e da família junto à sociedade é muito nítida, por exemplo, antes de um processo alfabetizador, a escola precisa integrar esse aluno, e nesse sentido, a escola inconformada com o que tem recebido das famílias se põe no papel de responsável em educar e ensinar o pedagógico e, em inúmeras vezes, perde seu principal papel que é a formação pedagógica desse indivíduo. Têm processo está

refletido principalmente nas ações dos alunos no contexto escolar, o que tem se tornado ponto de dificuldade e insegurança entre professores e agentes escolares resultando em forma de comprometimento do processo ensino-aprendizagem.

Nessa concepção, é papel da escola ter qualidade, considerar a participação das famílias e das comunidades nas decisões e ações que digam respeito à educação dos filhos. É importante que esta parceria entre família e escola seja considerada fundamental. Pois ambas precisam se acolher, se entender e se ajudar para o bem comum desse indivíduo, preparado como pessoa para viver em sociedade.

A prática educacional está associada à existência de condições para os professores e alunos entenderem a escola como uma esfera pública. Essa perspectiva está dedicada às formas de poder, exercidas por indivíduos e grupos sociais que, analogicamente, significam lutar contra práticas ideológicas e materiais que reproduzem privilégios e desigualdade social e econômica.

Dessa forma, a escola nesse contexto tem alternativa de rever suas ações e o seu papel no aprimoramento de suas práticas educativas. O professor nesse contexto deve ter em mente a necessidade de se colocar em uma postura norteadora do processo ensino-aprendizagem, levando em consideração que sua prática pedagógica em sala de aula tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual de seu aluno, de forma a organizar uma análise sobre seus conceitos didático-metodológicos precisa ser feita, de forma a adequar sua postura pedagógica ao momento atual e principalmente colocar-se na posição de organização principal e mais importante na evolução dos princípios fundamentais de uma sociedade.

De forma que, neste complicado processo histórico de construção de papéis sociais, do papel do educador não se altere com normas, políticas, e intervenções precisas. Pois existem diversas contribuições que tanto a família quanto a escola podem oferecer, propiciando o desenvolvimento pleno respectivamente dos seus filhos e dos seus alunos. E desta forma estar cumprindo cada um com sua função transformadora e idealizadora de conhecimentos científico-filosóficos pautando em resultados e ações em saber sólido.

Para que não haja interferência da violência no processo de ensino-aprendizagem, torna-se imprescindível estabelecer as ações de ensinar e aprender, pois este processo é maior que atividades escolares. O compromisso dos educadores vai além da simples necessidade de repassar conteúdos acumulados no decorrer da História e preparar os que estão sob sua responsabilidade somente para o mercado de trabalho, mesmo sabendo que vivemos numa sociedade banqueira onde o egocentrismo reina absoluto.

E para mudar este fato de interferência educativa por causa da violência, é importante saber se modificar e ampliar os conhecimentos; ter estratégias para resolver problemas; conviver em grupo e saber se relacionar; apontar sugestões e e outros, pois estes, são características necessárias para se viver bem a todas as pessoas, em qualquer momento, dentro e fora da escola.

2.5.- Estratégias de combate à violência nas escolas

Combater a violência no ambiente escolar, deve ser ação do Estado, escola e sociedade. Assim, apresentam-se nesse item, alguns possíveis caminhos. Não se pretende aqui dar uma receita de bolo, com ingredientes, modo de fazer e possível resultado, pois a escola é dinâmica e sofre muitas interferências que contribuem para o aumento ou diminuição da violência na escola.

Enfim, o que se quer apresentar, são possibilidades de combate a violência nas escolas, como forma de auxiliar as pessoas a desenharem sua estratégia de combate e busca de resolução dessa problemática. Isso quer dizer que são caminhos que podem ser seguidos e que se apresentam como possibilidades.

a) Estratégia 1

Sabe-se que está presente no espaço escolar as mais diversas formas de violência. Nesse sentido, o docente, muitas vezes não sabe como lidar com esse processo que vem crescendo dia após dia.

Nessa dimensão, faz-se importante que o professor tenha domínio de técnicas e conhecimento teórico para fazer o enfrentamento dessas situações de violência que se apresentam no espaço escolar.

Para isso, a formação e qualificação docente se fazem imprescindível, porque o educador não deve nunca parar de estudar e se aprimorar. A educação é uma ciência e para que seja ofertada com qualidade, precisa de profissionais competentes, formados e qualificados no processo de atuação cotidiana.

Na realidade, existem algumas dimensões que a formação e qualificação docente devem abarcar. Quais sejam:

1. O pólo educar: provém do étimo latino educare (alimentar, criar...) e educere (fazer sair de...). Trata-se de um conceito abrangente que designa tanto o desenvolvimento intelectual ou moral como o físico;
2. o pólo ensinar: com origem no latim insignare (conferir marca, uma distinção) aproxima-se dos vocábulos aprender, explicar, demonstrar e confere um sentido predominantemente operatório ou metodológico e institucional. "O ensino é uma educação intencional que se exerce numa instituição cujos fins são explícitos, os métodos codificados, e está assegurada por profissionais".
3. o pólo instruir: do latim instruere (inserir, dispor...) apela aos conteúdos a transmitir, fornecendo ao espírito instrumentos intelectuais, informação esclarecedora;
4. o pólo formar: tem origem no latim formare (dar o ser e a forma, organizar, estabelecer). O vocábulo apela a uma acção profunda e global da pessoa: transformação de todo o ser configurando saberes, saber fazer e saber ser (Fabre 1995, p. 22).

A partir desses quatro polos, que são semânticos evocados, percebe-se a sua forma indispensável no processo de formação e qualificação docente para o combate a violência nas escolas.

A formação de professores possui um sentido específico que o caracteriza e diferencia de todos os outros. É neste contexto que se considera relevante situar a formação como conceito e prática, a qual se configura com uma estreita aproximação ao que é definido como educação e instrução, mas não se confunde conceitualmente.

Nessa realidade, dizer que a formação é atravessada por uma dualidade de inspiração: como um paradigma tecnológico de modelação do formando ou "adaptação" ao posto de trabalho, procura-se a identificação a um modelo e a produção de cópias conformes; ou, ao contrário, é o paradigma biológico que domina e o que se procura, então, é a adaptação supletiva de um sujeito a uma realidade em mudança (Fabre 1995, p. 29).

A partir de um recorte histórico, nota-se que desde os anos 60 a problemática da formação tem vindo a ser progressivamente abordada e trabalhada por diferentes autores dando origem a distintas designações e aprofundamentos.

Nesse sentido,

o aperfeiçoamento dos professores tem finalidades individuais óbvias, mas também tem utilidade social. A formação contínua tem como finalidade última o aperfeiçoamento pessoal e social de cada professor, numa perspectiva de educação permanente. Mas tal aperfeiçoamento tem um efeito positivo no sistema escolar se se traduzir na melhoria da qualidade da educação oferecida às crianças. É este efeito positivo que explica as preocupações recentes do mundo ocidental com a formação contínua de professores (Formosinho 1991, p. 238).

Se o profissional da educação percebe a necessidade de continuar estudando e o faz, com condições adequadas, isso, com certeza se apresenta como possibilidade na luta estratégica contra a violência escolar.

b) Estratégia 2

O espaço escolar é composto com vários sujeitos, mas um problema que as escolas têm enfrentado é a não participação da família no espaço escolar.

As famílias, na realidade, parecem estar alheias ao espaço de educação da escola. Transferem para ela, obrigações que são suas de acompanhamento escolar.

Outra estratégia de combate a violência nas escolas é promover a participação das famílias nesse espaço. Não como meros expectadores, mas como seres ativos e participativos do processo escolar.

Segundo López (2009), as famílias precisam contribuir com a escola, devendo mostrar-se interessadas pelos deveres de seus filhos, conversando com professores para ter informação constante sobre o processo educativo concretizado na instituição escolar, dando a cooperação solicitada para tornar mais eficaz a ação escolar e, também, respeitar os conhecimentos e as habilidades que a instituição proporciona.

Nos dias atuais, a ausência da família, seja ela consanguínea ou constituída, na escola é tão grande que órgãos educacionais estão se preocupando em realizar palestras com enfoque na família, a fim de trazê-la para a escola, pois estão sentindo que a falta dela está contribuindo com o mau desempenho escolar dos alunos e aumentando, assim, o fracasso escolar e a violência na escola.

De acordo com López (2009, p.20), “são os pais os principais responsáveis pela educação dos seus filhos e tal responsabilidade não se pode passar para outrem”. Para o autor, na educação, deve-se ter autoridade na hora de educar, devendo os pais ser firmes na hora de exercerem sua autoridade, visto que os filhos, desde cedo, conhecem os limites dos adultos e tentam manipulá-los para manter suas vontades; é preciso, também, dizer não em alguns momentos, mas sem deixar de respeitar a personalidade dos filhos.

Cabe à escola, promover essa aproximação da escola e da família, como forma de diminuição da violência no espaço escolar. Uma criança, adolescente, precisa ser assistido pelos pais. Na verdade, isso tem sido negligenciado pelas famílias e a escola tem sido omissa nesse processo.

Assim, a união das famílias, consanguínea e constituída, e escola são de fundamental importância na aprendizagem, uma vez que alguns alunos apresentam dificuldade e o professor, tendo muitos alunos em sala, não consegue fazer com que todos fiquem no mesmo nível de aprendizagem.

Para López (2009, p. 27): O contato entre a família e a escola é necessário em qualquer idade, durante os primeiros anos ele terá de ser bem mais intenso para

coordenar as atividades educativas que permitam a rápida aquisição dos hábitos propostos. Serão identificados possíveis ciúmes, atrasos de maturidade e dificuldades sensoriais (visão, audição...) que muitas vezes a escola consegue detectar com maior clareza que a família, o que pode exigir atuações imediatas para evitar seu agravamento.

Para Sampaio (2011, p. 27) “não é apenas o bom desenvolvimento cognitivo que implica uma boa aprendizagem. Fatores de ordem afetiva e social também influem de forma positiva ou negativa nesta aprendizagem”.

Portanto, é importantíssimo o afeto da família e dos docentes para que a aprendizagem aconteça principalmente no momento dos deveres de casa, que os professores passam e necessitam da ajuda dos pais para auxiliar seus filhos nesses estudos fora da escola e conseqüentemente, diminua expressões de violência escolar.

De acordo com López (2009), tem de ser vista, nos deveres de casa, uma oportunidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos na sala de aula e, também, a possibilidade de adquirir aprendizados que, por diversos motivos, não foram bem sucedidos na escola. Para o autor, os familiares têm, no momento dos deveres de casa, uma chance de conversar com seus filhos e auxiliá-los, sem que isso implique liberá-los do empenho de aprender por conta própria.

Devem, também, após a saída da criança da escola, reservar tempo entre deveres de casa, para brincar e também para convivência familiar e com amigos. E, para a realização desses deveres, é necessário que os pais encontrem um lugar em casa adequado.

Para o autor López (2009, p. 156) diz que a principal fonte da educação é a relação e o contato cotidiano entre pais e filhos: Entre essas atividades extracurriculares devem figurar sempre, em primeiro plano, a relação, o contato cotidiano entre pais e filhos; essa é a principal fonte de educação, que nunca será substituída por nenhuma outra atividade, por mais moderna e sofisticada que seja.

Assim, a escola precisa promover essa aproximação entre pai e filho no espaço escolar, também, para que o aluno se sinta mais seguro e amparado na

escola. Nesse sentido, o aluno perceberá que a escola não é um feudo e que ela não tem apenas que obedecer, mas construir com o coletivo escolar e com os pais os melhores direcionamentos para a sua educação.

Estratégia 3

O espaço escolar que combate a violência precisa ter antes, de tudo, uma gestão democrática dos espaços públicos. Assim, A gestão democrática pressupõe a participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar – pais, professores, estudantes e funcionários – em todos os aspectos da organização da escola. Esta participação incide diretamente nas mais diferentes etapas da gestão escolar (planejamento, implementação e avaliação) seja no que diz respeito à construção do projeto e processos pedagógicos quanto às questões de natureza burocrática.

Essa perspectiva de gestão está amplamente amparada pela legislação brasileira. A Constituição Federal de 1988 aponta a gestão democrática como um dos princípios para a educação brasileira e ela é regulamentada por leis complementares como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Plano Nacional da Educação, em sua meta 19.

Nesse sentido, é fundamental compreender a questão da gestão democrática para além do seu aspecto conceitual. Não se trata apenas de uma concepção de sociedade que prima pela democracia como princípio fundamental, mas do entendimento de que a democratização da gestão é condição estruturante para a qualidade e efetividade da educação, na medida em que possibilita que a escola crie vínculos com a comunidade onde está inserida, pautando seu currículo na realidade local – conferindo sentido a proposta pedagógica – e envolva os diferentes agentes em uma proposta corresponsabilidade pela aprendizagem e desenvolvimentos dos estudantes contribuindo assim, com a não violência escolar.

Pode-se afirmar que, não se trata apenas de uma concepção de sociedade que prima pela democracia como princípio fundamental, mas do entendimento de que a democratização da gestão é condição estruturante para a qualidade e efetividade da educação sem violência.

Esse processo implica inclusive no envolvimento dos próprios estudantes, tendo a experiência e o direito à participação como elemento fundamental para o seu pleno desenvolvimento.

Assim, para que a gestão democrática aconteça é fundamental criar processos e instâncias deliberativas que a viabilizem. Nessa perspectiva, o modelo tradicional de organização da escola ainda é um grande obstáculo, conferindo ao diretor ou equipe diretiva as prerrogativas de decisão sobre a escola, e sua comunidade.

É importante deixar claro que, mesmo com a existência de legislações que amparem a construção de uma gestão descentralizada, é preciso que a própria instituição escolar transforme sua cultura na perspectiva do diálogo igualitário, da horizontalidade e do equilíbrio entre as forças que compõem a comunidade escolar em que os alunos não violentem e não sejam violentados.

Para que isso aconteça, é preciso haver:

- Descentralização: A administração, as decisões, as ações devem ser elaboradas e executadas de forma não hierarquizada
- Participação: devem participar todos os envolvidos no cotidiano escolar (professores, estudantes, funcionários, pais ou responsáveis, pessoas que participam de projetos na escola, e toda a comunidade ao redor da escola).
- Transparência: Qualquer decisão e ação tomada ou implantada na escola tem que ser de conhecimento de todos.

E, como apontam os autores do texto *Gestão da educação: o município e a escola*, “essa nova forma de administrar a educação constitui-se num fazer coletivo, permanentemente em processo, processo que é mudança contínua e continuada, mudança que está baseada nos paradigmas emergentes da nova sociedade do conhecimento, os quais, por sua vez, fundamentam a concepção de qualidade na educação e definem, também, a finalidade da escola” (Bordignon, 2004, p.210).

2.6.-Modelos de resolução da violência no processo de ensino-aprendizagem.

Para Viana (2002) entender a violência exige conhecimento de suas causas. E neste caso, cabe a escola a fazer um levantamento da situação atual de forma a contribuir com o corpo gestor escolar, em particular, e com a sociedade em geral, na verificação dos problemas relacionados com a violência. A preocupação da escola é a de fazer com que o educando participe do seu grupo ativa e afetivamente, apropriando-se de valores, crenças, conhecimentos acadêmicos e referenciais sócios históricos (Viana, 2002, p. 72).

A violência no processo ensino-aprendizagem é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois escola é lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários. De certa forma, “a escola arca com a confluência desses fatores, associados à falta de investimento em regras de convivência e protocolos de ação em rede que dê em conta dos problemas dentro de sua realidade específica” (Freire, 1987, p. 62).

É no âmbito educativo que se devem trabalhar as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, através de atitudes que levassem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição (Freire, 1987, p. 62).

Para Freire (1987) existem muitas formas de lidar com conflitos no âmbito escolar. E de acordo com Aubert, Duque, Fisas e Valls (apud Capllonch, Figueras, y Lleixà, 2010), os três principais modelos adotados nas escolas são o disciplinar, o mediador e o comunitário ou dialógico.

Modelo Disciplinar: Neste modelo de resolução e prevenção de conflitos é baseado em hierarquias. Usualmente, as normas e as regras da escola são construídas pelas pessoas com mais poder, ou seja, gestores e professores. Também cabe a essas autoridades manter a convivência harmônica no cotidiano e no desempenho das práticas docentes.

Modelo Mediador: Este se considera o modelo mediador como um avanço em relação ao modelo disciplinar, uma vez que busca encontrar alternativas conciliadoras e não apenas punitivas frente aos conflitos. A partir das normas já existentes na escola, que também são, em sua maioria, definidas hierarquicamente, busca formas de intervir em situações onde as mesmas sejam desobedecidas.

Modelo Dialógico: Igualmente chamado por alguns atores de modelo comunitário (Capllonch, 2017), toda a comunidade escolar é envolvida no processo de busca das possíveis causas de conflitos a fim de evitá-los, na criação do sistema de regras e também na resolução de possíveis conflitos que surjam. Percebe-se então que nesse modelo a responsabilidade de garantir a boa convivência não é relegada às figuras de poder da escola ou a um profissional especialista em mediar conflitos. Ela é tarefa de todos os atores do ambiente escolar.

Cabe ressaltar que uma vez que a escola se encontre em processo de transformação em Comunidade de Aprendizagem, o processo de transição do modelo de prevenção e de resolução de conflitos vigente para o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos é paulatino. As regras que existem na escola passam inicialmente a ser discutidas por todos, “de forma democrática, para que se percebam quais delas ainda fazem sentido, quais devem ser reforçadas, quais abolidas e quais as novas necessidades” (Capllonch, 2017, p. 58).

Quando se trata de modelos de resolução da violência no processo de ensino-aprendizagem, devemos considerar a violência que aflora no meio escolar demanda uma preocupação evidente de todos aqueles que fazem parte do processo educativo. Tornando assim, necessário a escolha de um método de resolução de conflitos utilizado em contexto escolar, assim como a mediação necessária de intervenção. Tornando importante estas intervenções nas escolas que passam atualmente pelo processo de transformação e aquelas já convertidas em Comunidade de Aprendizagem mostram-se, pois, como espaços férteis para a adoção desse “modelo de prevenção e de resolução de conflitos” (Freire, 1987, p. 62).

Segundo Capllonch (2017), o processo de negociação é constituído por cinco etapas, sendo estas: “Preparação da negociação, apresentação mútuas das intenções, avaliação mútuas das intenções, concessões e contrapostas” e por último, a formalização do acordo, ou seja, a “Finalização” Levando em conta, a resolução de conflito em contexto escolar na visão de professor, há que entender que o trabalho do professor não é o de aplicar comportamentos pré-estabelecidos, mas sim, o de criar segundo os seus objetivos, características de ensino, métodos de ação e pensamento que consideram valiosos.

De outra forma, a proposta de parceria com a comunidade, oferece melhores resultados. Apostar na mobilização da comunidade, como um elo entre o ambiente escolar e não escolar, é algo cada vez mais presente. Esta participação da comunidade deve ser orientada, sobretudo, para as famílias incentivando-as a participar no processo de formação dos seus filhos. A parceria entre escola, comunidade e família abriria espaço de debates e sugestões de estratégias que colaborariam para minimizar a violência no âmbito escolar.

As apropriadas ou maldosas ações são oriundas do reflexo proporcionado principalmente pela família. A princípio pode até parecer meio confuso, mas é preciso compreender que a criança é fruto de um histórico social e familiar. As boas ou más ações são oriundas do reflexo proporcionado principalmente pela família. Neste caso, alguns conceitos básicos contribuirão para o bom desempenho do discente em sua trajetória escolar.

Que considerando como modelo de resolução da violência no processo de ensino-aprendizagem consideramos também:

- O diálogo permanente por parte dos pais, demonstrando o interesse pela aquisição do conhecimento durante a permanência do filho no ambiente escolar, e o que é mais importante, ensinando-o a valorizá-la.
- Sugerir que o filho repasse os conhecimentos adquiridos para o pai ou a mãe, isso facilita uma melhor fixação dos conteúdos apreendidos.
- Acompanhar as tarefas diárias, inculcando a necessidade do cumprimento com as obrigações em tempo hábil, bem como a presença assídua na escola, caso contrário, as faltas comprometerão o rendimento.

- Estimular o conhecimento que ultrapassa os limites dos conteúdos trazidos pelo livro didático. Tal medida leva a criança à construção de seu próprio conhecimento, tornando-se um sujeito ativo frente às imposições geradas pela própria sociedade.

- Avaliar o grau de aprendizado competente para cada faixa etária, baseando-se nos seguintes parâmetros: Estes estariam fortificados no LDBEN- Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 que estabelece que:

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996, 127).

Determinados os princípios e as finalidades da Educação Nacional podemos procurar dentro da própria legislação, que comanda e dá diretrizes para que educadores e dirigentes cumpram o que foi determinado e zelem pela aprendizagem dos alunos (Art.13, III da LDB), os temas relacionados à violência no âmbito educativo, que influenciam no desenvolvimento da aprendizagem.

Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na mesma perspectiva temos respaldados nos Princípios e Fins da Educação Nacional sendo caráter de função da escola e responsabilidades das famílias bem como:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

Não que isso seja a única coisa que solucionaria os problemas da violência na escola, mas o suporte proporcionado pela lei no que se refere às orientações e informações sobre os mais diversos assuntos, inclusive a violência são de suma importância para dar embasamento e sustentação para o trabalho da escola. Aprender a conviver atualmente se faz necessário, assim como o ato de educar significa reconhecer que juntos, alunos e professores aprendem na sala de aula, o papel do aluno é assumir-se como ser histórico e social, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de utopias.

2.7.-Descrição das propostas pedagógicas capazes de reduzir consideravelmente o índice de violência na escola.

Proposta 1.- Formação continuada de professores:

Cada instituição de ensino, seja ela pública ou particular, está inserida em um contexto e localização. Além disso, estão sob regras e normas educacionais determinadas pelo Estado brasileiro. Diante disso, o Estado, que é o percussor das políticas públicas de educação, precisa investir na formação continuada dos trabalhadores. Isso quer dizer que devem ser oferecidos no espaço dos municípios, formação em horário de trabalho, sem prejuízo para o trabalhador.

Essa formação oferecida dessa forma, não acarretará prejuízos ao servidor, ao contrário, trará ganhos, visto que o trabalhador da educação estará se formando e contribuindo com a diminuição da violência nesses espaços.

Em muitos municípios brasileiros, há Centros de Formação de trabalhadores. A verdade é que em muitos casos, esses centros carecem de recursos e investimento públicos, dificultando a oferta de cursos de formação para trabalhadores da educação.

É preciso considerar, entretanto, que há na política de formação um quadro predominantemente desfavorável para a redução dessa violência. As condições de trabalho e os salários do magistério público continuam deterioradas em toda a década, não obstante esforços isolados de algumas administrações, visando a sua correção. A base material dos estabelecimentos escolares padece, em grande parte, de problemas crônicos quanto ao estado de conservação dos prédios e ausência de equipamentos.

Na verdade, não como melhorar o processo de ensino-aprendizagem e redução da violência sem formação e sem investimento na área da educação. Assim, cabe aos sujeitos, estarem conscientes do seu direito, enquanto formadores, a ter formação para trabalhar e oferecer a melhor educação que qualifica a ação educativa.

2.7.1.-Propostas pedagógicas capazes de reduzir consideravelmente o índice de violência na escola com a participação da família na escola.

A participação da família na escola gera responsabilidade coletiva. Quem participa, não está apenas presente, define ações, se responsabiliza pelo processo. A participação determina responsabilidade coletiva. Essa ação só fortalece a luta contra a violência que se faz presente nas escolas.

No espaço escolar, os portões abertos à comunidade não significam necessariamente alteração dos padrões das interações escolares. O sucesso das iniciativas baseadas na proposta de uma gestão participativa, envolvendo pais, alunos e moradores de bairros de periferia depende amplamente das condições locais: estabelecimentos de ensino já mobilizados absorveram melhor os efeitos possíveis das ações indutoras de projetos com diversas temáticas que podem ser desenvolvidos.

Assim, abrir à escola à participação é fazer a família estar presente na escola se envolvendo nos problemas que aparecerem. Projetos podem surgir dessa interação: luta contra as drogas, luta contra a violência, acompanhamento escolar, entre outros.

Por conseguinte, as práticas preventivas que supostamente colaborariam para afastar esses jovens dos caminhos da violência e da criminalidade, não se efetivam sem as famílias. Ocorre, assim, uma espécie de deslocamento diante das principais questões estabelecidas no alvorecer da transição democrática. Se as orientações das administrações oscilam entre o reconhecimento de práticas autoritárias na vida escolar e da sua fraca capacidade de interagir com o conflito posto entre o mundo adulto e o universo dos alunos, propondo para isso, mecanismos facilitadores de uma maior participação de alunos e pais, o discurso atual incide sobre a população jovem, possíveis protagonistas do crime e, portanto, alvo de ações preventivas.

É importante considerar a hipótese de que, ao ganhar a agenda pública, o tema da violência em meio escolar não pode mais passar despercebido pelos formuladores das políticas, sobretudo no nível municipal, estadual e federal, e talvez estejam dadas as condições, pelo acúmulo de experiências, para o delineamento de ações integradas que de fato configurem políticas públicas de cunho combativo contra a violência escolar.

Proposta 2.- Gestão democrática do espaço escolar:

A gestão democrática do espaço escolar é essencial no combate à violência no espaço da escola. Isso quer dizer que a gestão escolar deve ser exercida por um gestor eleito pela comunidade escolar a fim de contribuir com o processo da democracia na escola.

Na verdade, a gestão democrática para combate da violência, trata-se de uma maneira de organizar o funcionamento da escola pública quanto aos aspectos políticos, administrativos, financeiros, tecnológicos, culturais, artísticos e pedagógicos, com a finalidade de dar transparência às suas ações e atos e possibilitar à comunidade escolar e local a aquisição de conhecimentos, saberes, idéias e sonhos, num processo de aprender, inventar, criar, dialogar, construir, transformar e ensinar (Brasil, 2004).

Diante disso, a construção da gestão democrática implica luta pela garantia da autonomia da unidade escolar, participação efetiva nos processos de tomada

de decisão, incluindo a implementação de processos colegiados nas escolas, e, ainda, financiamento pelo poder público, entre outros.

Nessa dimensão, a democratização da gestão é defendida enquanto possibilidade de melhoria na qualidade pedagógica do processo educacional das escolas, combatendo a violência escolar para a construção de um currículo pautado na realidade local, na maior integração entre os agentes envolvidos na escola – diretor, professores, estudantes, coordenadores, técnico-administrativos, vigias, auxiliares de serviços – no apoio efetivo da comunidade às escolas, como participante ativa e sujeito do processo de desenvolvimento do trabalho escolar.

Assim a gestão democrática implica um processo de participação coletiva. Sua efetivação na escola pressupõe instâncias colegiadas de caráter deliberativo, bem como a implementação do processo de escolha de dirigentes escolares, além da participação de todos os segmentos da comunidade escolar na construção do Projeto Político-Pedagógico construído com a participação de todos os segmentos na escola e na definição da aplicação dos recursos recebidos pela escola.

Posto isso, é importante asseverar que para uma gestão democrática é necessário que o gestor seja eleito pela comunidade escolar. Na verdade, as eleições diretas para diretores, historicamente, têm sido a modalidade considerada mais democrática pelos movimentos sociais, inclusive dos trabalhadores da educação em seus sindicatos. Mas ela não está livre de uma grande polêmica.

A defesa dessa modalidade vincula-se à crença de que o processo conquista ou retoma o poder sobre os destinos da gestão. A eleição direta tem sido apontada como um canal efetivo de democratização das relações escolares. Trata-se de modalidade que se propõe valorizar a legitimidade do dirigente escolar como coordenador do processo pedagógico no âmbito escolar.

Em que pese aos limites que se interpõem no curso dessa modalidade, fruto da cultura autoritária que permeia as relações sociais e escolares, a eleição para dirigentes se configura em uma modalidade a ser problematizada e avaliada, articulada ao estabelecimento de premissas e princípios básicos, visando à

democratização da escola. A participação dos servidores nesse processo é fundamental para a escola e para a constituição de sua identidade e combate à violência.

Assim, o processo de eleição de diretores é muito variado nos estados e municípios que o adotam. O colégio eleitoral pode incluir toda a comunidade escolar ou ser restrito a parte dela, com diferentes ponderações para o voto dos professores, funcionários, estudantes e pais. Em alguns casos, há definição legal e operacional para o andamento e a transparência do processo, como data, local, horário, regras de propaganda e de debates. Em outros, a comissão eleitoral se incumbem de regulamentar as diferentes etapas da eleição. É fundamental garantir a participação de todos e ter consciência de que a eleição não é a panacéia para todos os problemas da escola. Há que se cuidar de não transpor para a escola os vícios das eleições gerais, como o “voto de cabresto” e as “trocas de favores”. Portanto, além da melhoria dos processos de escolha de diretores, há que se garantir a institucionalização e o fortalecimento de outros mecanismos de participação colegiada na escola, como os conselhos e assembléias escolares.

Embora as eleições se apresentem como um legítimo canal na luta pela democratização da escola e das relações sociais mais amplas – não sendo o único, é necessário compreender os vícios e as limitações do sistema representativo numa sociedade de classes, assentada em interesses antagônicos e irreconciliáveis. Por isso, não consideramos a eleição, por si só, garantia da democratização da gestão, mas referendamos essa modalidade enquanto instrumento para o exercício democrático. A forma de provimento no cargo pode não definir o tipo de gestão, mas, certamente, interfere no curso desta. Assim, visualizar a eleição como ação terminal é incorrer no equívoco de se negar o caráter histórico do processo, pois a eleição deve ser um instrumento associado a outros na luta pela democratização possível das relações escolares sem violência e promovendo a paz.

A violência é traduzida, hoje, como um fenômeno preocupante, pois é presença marcante nas diversas sociedades de todo o mundo nas mais variadas culturas. Vivemos e agimos em função da violência, muito mais do que podemos perceber. Isto se tornou para nós uma forma de vermos o mundo. Para

Abramovay e Rua (2002), "(E)ste, além de constituir um importante objeto de reflexão, tornou-se, antes de tudo, um grave problema social".

Contudo, as manifestações violentas assumiram formas variadas, sutis e, muitas vezes, perversamente camufladas por trás de um cenário tranqüilo na dinâmica das relações sociais. O que parece violento em certas culturas torna-se uma expressão natural em outras formas de organização social.

Percebe-se que é neste contexto que o cotidiano escolar tem sido palco de manifestações agressivas, variando desde depredações até agressões verbais e físicas. A violência é um problema que se instalou no interior das escolas e já não temos como ignorá-la.

Entretanto, os gestores escolares, que são os sujeitos envolvidos diretamente na ação educativa, não têm conseguido lidar com esta questão, denotando despreparo e falta de conhecimento acerca do assunto. Muitas vezes, na busca ansiosa por ações que amenizem a problemática, o fracasso é inevitável, agravando qualitativamente o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Policiais, detectores de metais, advertências ou expulsões são medidas que não têm adiantado no combate à violência, pois são também atuações agressivas. Estas ações têm atingido o fenômeno superficialmente, apenas em seus efeitos aparentes. Concordando com Guimarães (1996), ao lidarmos com questões de violência utilizando violências ainda maiores, com medidas exclusivamente punitivas, estaremos adiando a questão e camuflando seus efeitos, para que mais tarde tudo volte à tona.

A expressão da violência possui raízes profundas que vão além das aparências e de tudo aquilo que é palpável e visível aos nossos olhos. É preciso que gestores educacionais e profissionais da área educacional tomem consciência da importância de se estudar o tema, suas implicações, características, conceitos e expressões, livres de preconceitos, alarmismos ou redundantes retóricas.

Destaca-se, aqui, a importância do envolvimento da gestão na questão da violência, uma vez que suas ações alcançam diretamente o dinamismo do trabalho escolar bem como o seu direcionamento na comunidade escolar e na

sociedade. É através da gestão educacional que se pode atingir todos os atores do cenário escolar.

A gestão escolar atual não pode mais se fechar em ações isoladas, ignorando acontecimentos que vão além dos muros da escola, uma vez que esta instituição traduz o reflexo da sociedade com todos os seus dilemas e contradições. Refletir sobre o problema, além de ser uma necessidade, retrata um desafio para gestores. Neste sentido Waiselfsz (1998, p.7) afirma que:

(O) aumento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas várias esferas da sociedade e constituindo-se como um dos principais problemas do momento.

Guimarães (1996) destaca o assunto em sua obra “A Dinâmica da Violência Escolar – Conflito e Ambiguidade” em que retrata uma pesquisa realizada na cidade de Campinas, tese de doutorado, com enfoque na depredação escolar e na violência manifestada na escola.

Ao pensar na gestão escolar como contribuição para diminuição da violência na escola, o que se quis não foi formular uma receita que pudesse solucionar definitivamente o problema, nem tão pouco esgotar os questionamentos relativos à violência nas escolas, mas, sim, refletir e pesquisar acerca da seguinte questão: qual é o papel da gestão frente à problemática da violência escolar? Resposta: Dar a sua contribuição como gestor e orientador do processo a contribuir com diminuição da violência na escola.

3.-METODOLOGIA

3.1. LOCAL DE INVESTIGAÇÃO

A realização desta pesquisa incluirá como campo uma escola estadual no Município de Petrolina Pernambuco, por se tratar de uma unidade de ensino de grande porte localizada em um bairro emergente com alto índice de violência, cercado por uma comunidade carente onde os conflitos fazem parte da rotina diária na escola e na rua. Trata-se da Escola Eneide Coelho Paixão Cavalcanti no bairro João de Deus, sendo que esta nos oferece material.

Figura-01: Estado de Pernambuco -Brasil.



Fonte: Própria.

A Escola Eneide Coelho Paixão Cavalcanti, fica situada num bairro periférico da cidade de Petrolina, Pernambuco chamado João de Deus; a mesma fica localizada no endereço da Rua Projetada s/n; CEP: 56306-110, telefone (87) 3867-1456. A escola foi construída numa invasão de moradores e podemos dizer que surgiu dos anseios e reivindicações dessa comunidade com muita luta e perseverança, a mesma foi entregue a comunidade em fevereiro de 1997, com a finalidade de atender a clientela para o Ensino Fundamental de 1^a.a 4^a.Série, Educação Especial, e I e II fases da EJA, funcionando nos turnos manhã, intermediário, vespertino e noturno. O nome desta instituição de ensino foi em homenagem a saudosa Professora Eneide Coelho Paixão Cavalcanti por ser uma pessoa idônea e que prestou serviços a comunidade petrolinense como educadora e professora dedicada.

FIGURA-02: Eneide Coelho Paixão Cavalcanti – Brasil.



Fonte: Própria.

3.2. POPULAÇÃO, AMOSTRA

A população abrange integralmente pessoas, as quais estão diretamente ligadas ao quadro de funcionários e colaboradores da escola. Como parte integrante desta população estão elencados alunos, professores, educador de apoio, gestora administrativa, gestora adjunta, membros do Conselho Escolar, funcionários, (vigilante, zeladoras e merendeiras) técnico educacional, membros do corpo administrativo e amigos da escola (polícia amiga, Estação Governo Presente, Conselho Tutelar, Vara da Infância e da Adolescência, associação do bairro). Todos estes componentes, estão inteirados e atentos a todos os acontecimentos, desde a participação em eventos à mediação de conflitos.

Em nossa pesquisa direcionamos a entrevista a: gestora, gestora adjunta, secretaria, educadora de apoio, coordenador pedagógico, agente de disciplina, totalizando **06 pessoas** que foram cuidadosamente selecionados por conhecer a fundo a realidade desta unidade de ensino e da comunidade em que está inserida

Optamos por uma **amostra intencional**. Os participantes são responsáveis de cargos administrativos porque estão diariamente na escola, e tem um grande conhecimento da problemática investigada. Nossa amostra é constituída por pessoas de grande responsabilidade e que conhecem de forma profunda a problemática investigada.

Em nossa pesquisa vamos a investigar o nono ano, da escola porque é o que temos incidência de casos de violência e por ser o último ano em que estão em nossa escola. E desta forma nossa população coincide com nossa amostra.

Na escola investigada temos um total de participantes sendo:

Quadro 01 – Descrição da escola:

ESCOLA ESTADUAL	Gestor e funcionários de apoio: 06 Participantes.
ENEIDE COELHO PAIXÃO CAVALCANTI	População total de alunos do 9º ano: 44 alunos.
Professores atuantes no 9º ano	08 professores
Total de participantes da investigação.	Total: 58 Participantes.

Fonte: Construção própria.

Nossa amostra está constituída por 44 alunos e 08 professores, e 06 gestores e pessoal de apoio, que atuam na série do 9º ano. Em nosso caso vamos utilizar toda nossa população. Coincidindo com a população e amostra.

Para (Mattar, 2015, p. 132), ele define amostra não probabilística como; “aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo”. O campo de atuação para nossa pesquisa já foi definida pelo pesquisador quando norteou sua pesquisa intencionalmente para o ano final do Ensino Fundamental, por ser o ano final de uma mudança de etapa da Educação Básica e os alunos estariam passando para o Ensino Médio, sendo possível melhor mensurar o sucesso escolar.

Considerando que, o pesquisador trabalha com tempo, energia e recursos econômicos limitados. Portanto, são raras às vezes em que pôde trabalhar com todos os elementos da população. Geralmente, o pesquisador estuda um pequeno grupo de indivíduos retirados da população. Este grupo denomina-se Amostra, que “é um subconjunto de indivíduos extraídos de uma população”. O processo de escolha dos indivíduos que pertencerão a uma amostra é

denominado amostragem. O pesquisador busca generalizar conclusões referentes à amostra, estendendo-as para toda a população da qual essa amostra foi extraída. A escolha da fração populacional que compõe a amostra do estudo implica que o pesquisador assuma certo grau de erro relacionado à estimativa dos parâmetros populacionais de cada variável, tal erro amostral é possível de quantificação, sendo inversamente proporcional ao tamanho da amostra (Levin, 1987, p.95).

3.3. PARADIGMA.

Segundo Kuhn (1975), são paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência, ou seja, "a constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros de uma determinada comunidade". Assim compreende-se que cada pesquisador deve encontrar-se dentro de um paradigma específico a interpretação do seu universo de pesquisa. Sabendo que os problemas aqui identificados exigem uma avaliação criteriosa, esta pesquisa enquadra-se no paradigma interpretativo (Kuhn, 1975, p.67).

O **paradigma interpretativo** não pretende fazer generalizações a partir do objeto estudado. Seu propósito culmina na elaboração de uma descrição ideográfica a seu respeito, de acordo com as características que o identificam e o individualizam (González, 2014, p.49).

Podemos sobrepor o paradigma interpretativo no contexto escolar, buscando as respostas da pesquisa a partir do que pensam os alunos, e os professores. Identificando quais são suas ideias, seus sentimentos, suas concepções e explicações dos fatos ocorridos (Alvarenga, 2014).

3.4.-TIPO DE PESQUISA.

Nosso trabalho adota o modelo da pesquisa **descritiva e explicativa**. De acordo com Perovano (2014), a pesquisa descritiva visa a identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo (Perovano, 2014 p. 95).

A investigação descritiva é uma área da pesquisa que implica em estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação. Inclui a recolha de dados para testar hipóteses ou a responder a questões que lhe digam respeito. Tal inquérito descritivo compreende-se em etapas tais como: definição do problema, revisão da literatura, formulação das hipóteses ou das questões da investigação, definição da população-alvo, e escolha da técnica de recolha dos dados, determinação da dimensão da amostra, seleção da técnica de amostragem adequada, seleção ou desenvolvimento de um instrumento de recolha. Podem-se fazer estudos descritivos em qualquer área do conhecimento humano. Dentro dos campos: das ciências naturais, da educação, da saúde, das empresas, qualquer das atividades sociais, em qualquer idade evolutiva.

E nesse aspecto, e considerando o contexto, o tipo da nossa pesquisa tem carácter descritivo e explicativo, pois, observamos, registramos, analisamos, classificamos e interpretamos os resultados obtidos sem interferência do pesquisador e sem generalizar os resultados encontrados (Alvarenga, 2014, p.41).

3.4.1.- Perguntas de Investigação:

Construímos nossas perguntas de investigação com base em nossos objetivos, problemática, e hipótese de pesquisa, de modo que, construímos as perguntas de investigação, buscando a fortalecer a busca por informações. Portanto, buscamos responder:

- 1- Porque ultimamente temos o crescimento da violência na escola em questão?
- 2- O que devemos fazer para solucionar o problema de violência na escola?
- 3- Qual a relação entre violência escolar e processo de ensino aprendizagem?
- 4- Que tipo de proposta educativa a escola desenvolve para melhorar a violência na escola?

3.4.2.- Metodologia:

A pesquisa apresenta uma metodologia de caráter qualitativo tendo como função primordial encaixar ao problema de pesquisa: **A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem?** E desta forma, conhecer os fatores que ocasionam a violência dentro da escola e sua interferência no processo de ensino-aprendizagem. E, sobretudo buscar estratégias de práticas educativas que melhore a questão da violência em sala de aula.

A **pesquisa qualitativa** não se preocupa com relação aos números, mas sim com relação ao aprofundamento e de como ela será compreendida pelas pessoas. O pesquisador busca explicar o porquê das coisas, explorando o que necessita ser feito sem identificar os valores que se reprimem a prova de dados porque os dados analisados por este método não estão baseados em números (Perovano, 2014, p. 95).

Para Moreira (2002), os investigadores que tomam o ambiente de educação como objeto de pesquisa, entendendo que neste lugar o processo das relações humanas é dinâmico, interativo e interpretativo, devem construir seu arcabouço metodológico alicerçado pelas técnicas qualitativas. Dessa forma, a escolha teórica fica justificada quando pensamos nos agentes interpretativos, ou seja, as pessoas interpretam seu mundo compartilhando o seu modo de ver com outros que, por sua vez, também interpretam (Moreira, 2002, p. 94).

Enquanto que o método qualitativo serve para compreender um problema de caráter humano ou social, por meio de elaboração de um desenho complexo construído sobre palavras e desenvolvido num contexto natural. Utiliza, portanto, contextos cotidianos servem-se da pluralidade na coleta dos dados e interessa-se pela significação, ou seja, é mais relevante a compreensão do que a explicação. Tudo se baseia na construção social da realidade em oposição aos dados do empirismo (González, y Camargo, 2014, p 54).

De forma que, a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte de dados. E deste modo tem caráter descritivo, conforme afirma Perovano (2014), que o pesquisador inicia a pesquisa aoiando-se no referencial teórico, e logo concretiza com os dados coletados. (Perovano, 2014, p. 96).

3.4.3.- Desenho de Pesquisa:

A abordagem desse estudo é não experimental. Compreende-se que a pesquisa ação terá o procedimento utilizado por se tratar de um trabalho planejado com a participação e reflexão dos envolvidos. E de acordo com Mcniff (2002), a pesquisa ação implica em tomar consciência dos princípios que nos conduzem em nosso trabalho: temos de ter clareza a respeito, tanto do que estamos fazendo, quanto do porquê o estamos fazendo (Mcniff , 2002, p.54).

Dessa forma, nossa investigação se constituiu com o apoio de um guia utilizado para o planejamento, implementação e análise do estudo. É um plano para responder a pergunta ou hipótese da pesquisa. Tipos diferentes de perguntas ou hipóteses demandam tipos diferentes de desenho de pesquisa. Portanto, é importante ter uma preparação e entendimento abrangente dos diferentes tipos de desenho de pesquisa disponíveis.

Estudos descritivos e explicativos são usados quando pouco é sabido sobre um fenômeno em particular. O pesquisador observa, descreve e documenta vários aspectos do fenômeno. Não há manipulação de variáveis ou procura pela causa e efeito relacionados ao fenômeno. Desenhos descritivos descrevem o que existe de fato, determinam a frequência em que este fato ocorre e categoriza a informação. Os resultados fornecem a base de conhecimento para hipóteses que direcionam estudos subsequentes tanto correlacionais, quase experimentais como experimentais (Souza, 2007, p.58).

Contudo, nossa investigação de caráter descritivo busca o estudo e análises dos questionários respondidos pelos professores gestores, e alunos, buscando sempre descrever a realidade.

3.4.4.- Validação:

Núñez (2001) afirma que as evidências da validação se obtêm mediante a análise dos fatos. Tal procedimento nos indica quantas dimensões integram uma variável e que itens conforme cada dimensão.

Para Baechle e Earle (2007, p. 277-278), a validação é o grau em que uma prova, ou item de uma prova mede o que se propõe a medir, é a característica

mais importante de uma prova. E nesse sentido, para validação de nossos instrumentos de pesquisa, usamos a **validação** de oito (08) especialistas para **verificar o conteúdo**, sendo todos doutores especialistas na área, que avaliaram se o instrumento de pesquisa tem validade, através de um questionário de validação de nossos instrumentos tanto do questionário quanto do guia de entrevista. Os mesmos avaliaram se os instrumentos continham um padrão adequado dos conteúdos que buscamos pesquisar, sem omissões e sem desequilíbrios de conteúdos. Os especialistas afirmaram que sim, e aprovaram sem nenhuma solicitação de mudanças.

Em um segundo momento após as análises dos especialistas, depois de corrigido nossos instrumentos, realizamos uma **prova piloto** com um pequeno grupo dos que fazem parte da população a ser pesquisada, para que os mesmos observassem se há uma boa compreensão, ou se apresentava algumas dificuldades de respostas, ambiguidades, e etc. Detectamos que entendiam bem e havia a clareza dos questionamentos. Pois, os sujeitos envolvidos responderam bem, e quase não houve objeções na compreensão dos itens, e as sugestões dadas foram acatadas, e fechamos o questionário que foi aplicado para os pesquisados, finalizando a validação.

3.4.5.- Coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados, como já mencionado nos procedimentos metodológicos da pesquisa foi o questionário contendo vinte (20) perguntas e uma entrevista contendo dez (10) perguntas. Todos construídos com base em nossos objetivos específicos, com a intenção de desvelar os posicionamentos dos grupos pesquisados. Além disso, nos permitiu analisar a opinião deles sobre o tema da violência escolar e sua influência no processo ensino-aprendizagem.

3.4.6.-Tabela de Operacionalização:

Ao construir nossos instrumentos e buscando ter uma melhor clareza dos mesmos, construímos uma tabela de operacionalização, onde tivemos com apoio

os objetivos específicos da pesquisa e a problemática de estudo. E este passou aos professores e alunos.

Nosso questionário semiestruturado, foi passado aos últimos cursos de alunos maiores de idade que já apresenta uma consciência da problemática investigada. E além deles, também passamos aos professores implicados nesta escola.

Conforme o quadro abaixo, podemos observar como se deu a relação entre as questões aplicadas e os objetivos específicos da pesquisa.

Quadro nº 02 - TABELA DE OPERACIONALIZAÇÃO (Questionário-semiestruturado).

VARIÁVEL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	JUNTO A QUEM INVESTIGAR	QUESTÕES ELABORADAS
A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	1- Definir violência em contexto escolar	PROFESORES E ALUNOS	1.-Por violência escolar entendemos agressões físicas entre alunos? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ? 2.-A Violência escolar é também insultar o agredir ao professor? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ? 3.-Não fazer as atividades de classe, estar passivo, não obedecer, é uma forma de agredir ao professor? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ? 4.-A violência surge nas escolas por culpa dos outros, nunca por minha culpa? 5.-Excluir a um aluno/a de classe, jogos, atividades... é uma forma de violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ?
	2- Identificar os tipos de violências que interfere no processo de ensino-aprendizagem..	PROFESORES E ALUNOS	6.-Coagir a uma pessoa é uma forma de violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ? 7.-Perseguir a um aluno, o entre alunos é uma forma de violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ? 8.-Produzir medo em outros alunos é uma forma de violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ? 9.-A violência escolar influem sobre a aprendizagem dos alunos/as? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ? _ 10.-Quando temos violência na escola, implica mudança na forma de ensinar do professor/a? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÊ?

	3- Verificar a relação que existe entre violência e processo de ensino aprendizagem.	PROFES SORES E ALUNOS	11.-Os alunos/as podem evitar a violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? 12.-Os professores/as podem eliminar a violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? 13.-A prevenção seria a melhor forma de eliminar a violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? _ 14.- Um professor autoritário eliminaria a violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? 15.-A expulsão dos alunos violentos seria uma solução para a violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ?
	4- Descrever a metodologia voltada para a mediação da violência. 5.- Mostrar os fatores familiares e sociais que ocasionam a violência.	PROFES SORES E ALUNOS	16.-Para solucionar a violência escolar deveria ser o diálogo e a compreensão? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? 17.-A família é a causa da violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? 18.-A sociedade seria a causa da violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? 19.- Uma coordenação entre família e escola poderia eliminar a violência escolar? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ? 20.-A televisão e a internet, são fatores chave para o desenvolvimento de violência nas escolas? SIM <input type="checkbox"/> , NÃO <input type="checkbox"/> , POR QUÉ?

Fonte: construção própria.

A entrevista semiestruturada, foi passada ao diretor da escola, supervisor, secretário de educação e professores de apoio educativo. Construídos com base em nossos objetivos específicos determinamos os eixos no qual guiaram a construção de nossos itens.

Quadro nº 03 - TABELA DE OPERACIONALIZAÇÃO (Entrevista).

VARIÁVEL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	JUNTO A QUEM INVESTIGAR	QUESTÕES ELABORADAS PARA ENTREVISTA
	1- Definir violência em contexto escolar	DIRETOR SUPERVISOR E SECRETÁRIO	1.-O que entende por violência escolar? _____ 2.-Que tipos de violência escolar encontramos em nas escolas?

A VIOLÊNCIA ESCLAR E O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZA GEM	2- Identificar os tipos de violências que interfere no processo de ensino-aprendizagem.	DIRETOR SUPERVISOR E SECRETÁRIO	<p>_____</p> <p>3.-A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem? _____</p> <p>4.-Que tipo de violência interfere más no processo de ensino-aprendizagem? _____</p> <p>5.-A violência escolar produz alterações no rendimento dos alunos/as? _____</p> <p>6.-A violência escolar altera a metodologia utilizada pelo professor em aula? _____</p> <p>7.-A metodologia do professor poderia solucionar os problemas de violência escolar? _____</p> <p>8.-Quais metodologias favorecem na diminuição da violência escolar? _____</p> <p>9.-O ambiente familiar e social explicariam a maior parte da violência que se desenvolve nas escolas? _____</p> <p>10.-Se houvesse uma melhor coordenação entre escola e família a violência diminuiria? _____</p>
	3- Verificar a relação que existe entre violência e processo de ensino-aprendizagem.	DIRETOR SUPERVISOR E SECRETÁRIO	
	4- Descrever a metodologia voltada para a mediação da violência.	DIRETOR SUPERVISOR E SECRETÁRIO	
5.- Mostrar os fatores familiares e sociais que ocasionam a violência.			

Fonte: construção própria.

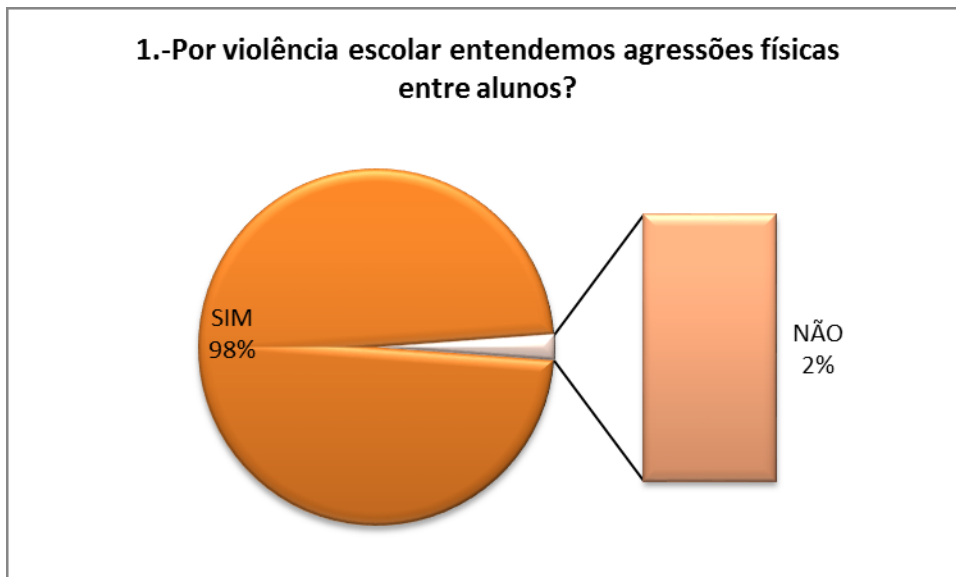
4.-DESCRIÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS

4.1 .- Descrição dos dados

A descrição dos dados de nossa pesquisa de campo tivemos com a participação de alunos, professores e pessoal de apoio da escola, e apesar da diferença de nível existente entre alunos e professores as opiniões não se distanciaram, um grupo e outro apresentaram respostas e justificativas similares. A pesquisa, ora apresentada visa responder as perguntas que nortearam nossa investigação.

4.2.- Questionários aplicados aos Alunos:

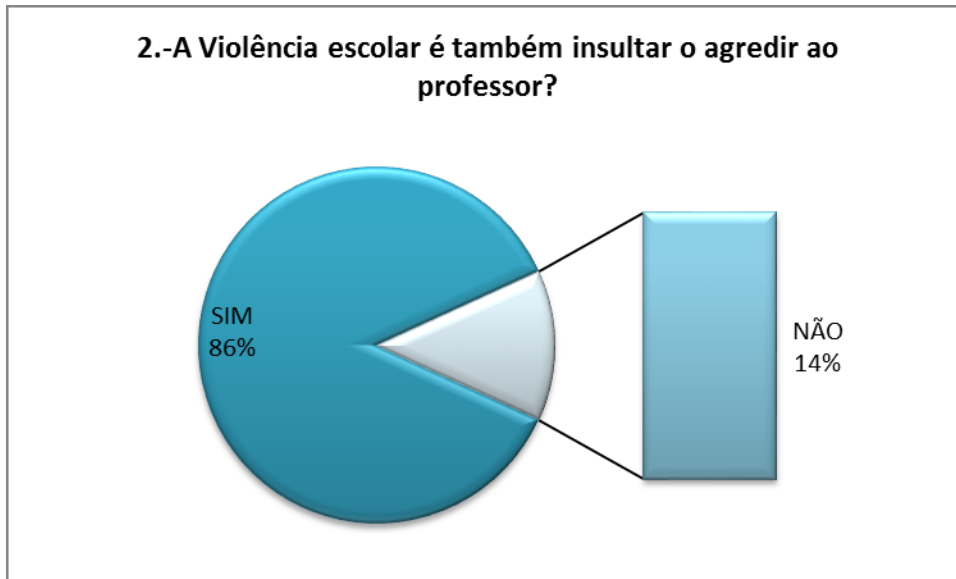
Gráfico 01 – Por violência escolar entendemos agressões físicas entre alunos?



Fonte: Construção própria.

Neste questionamento tivemos 98% dos participantes responderam que “sim” justificando que qualquer tipo de agressão entre alunos é violência escolar. Os 2% que responderam “não” entenderam que a violência não se restringe apenas a agressão física, mas vai muito, além disso.

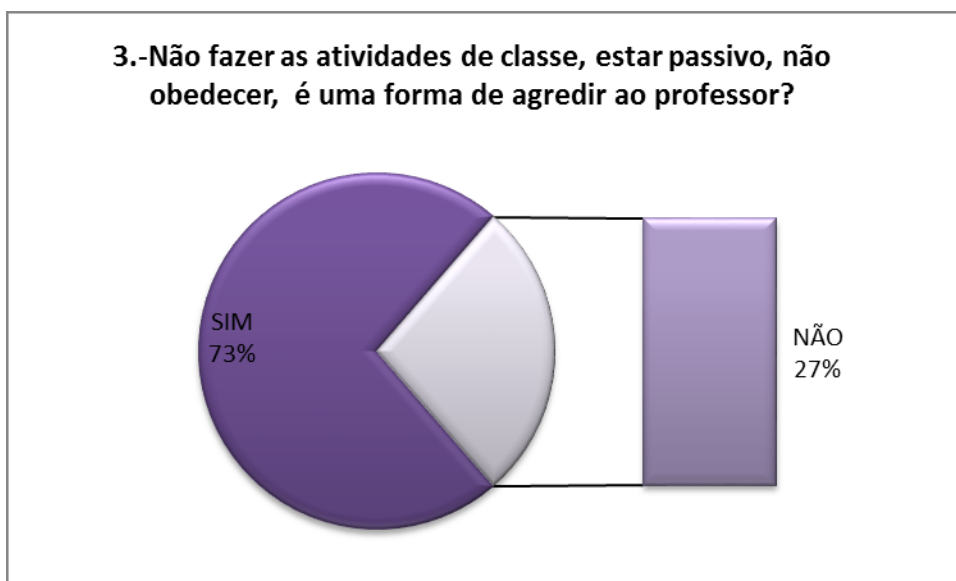
Gráfico 02 – Violência escolar é também insultar o agredir ao professor?



Fonte: Construção própria.

Dos alunos participantes nesta investigação tivemos, 86% disseram “sim” e a maioria sustentou que não há outro nome que se aplique ao ato de insultar ou agredir o professor que não seja violência. Já os 14% que correspondem o “não”, grande parte não expôs o porquê e outros colocaram respostas incoerentes.

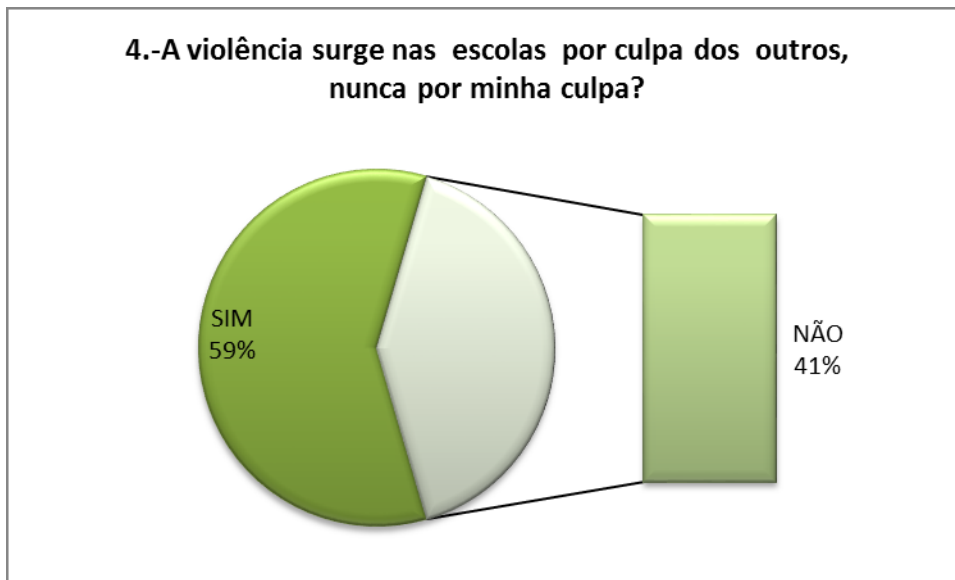
Gráfico 03 – Não fazer as atividades de classe, estar passivo, não obedecer, é uma forma de agredir ao professor?



Fonte: Construção própria.

No item 03, tivemos 73% que optaram pelo “sim” e a maioria compreendeu como falta de respeito, afirmando que também isto é violência. Os 27% que disseram não variaram suas justificativas, alguns afirmam que o professor não tem nada a ver com isso, outros alegaram que o aluno fazendo ou não as atividades, de qualquer forma no final do mês o salário do professor vai estar depositado em conta. Outros disseram ainda que isto não afeta o professor porque o fato de não realizar as atividades quem sai no prejuízo é o aluno.

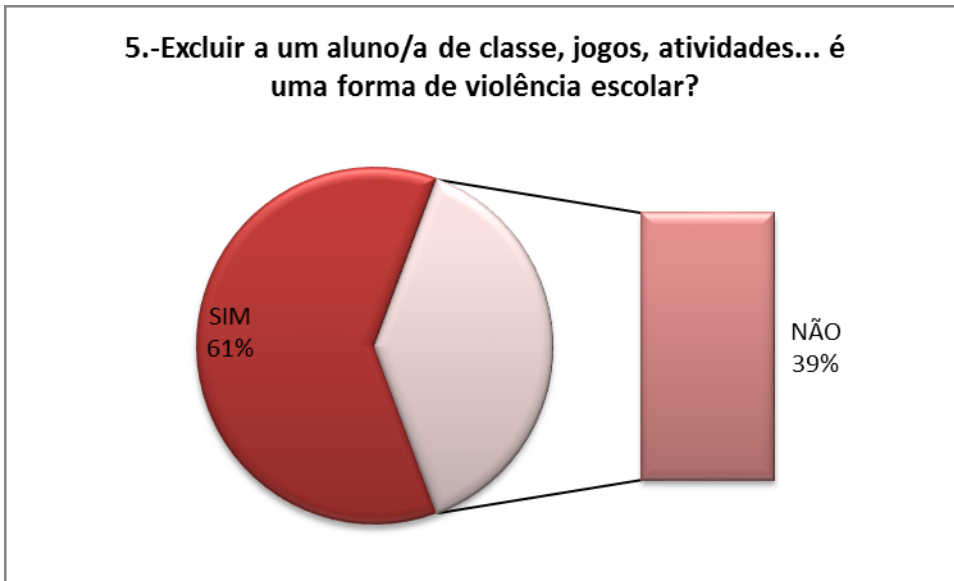
Gráfico 04 – .-A violência surge nas escolas por culpa dos outros, nunca por minha culpa?



Fonte: construção própria.

Quanto à alternativa de número 04, tivemos um 59% responderam “sim”, sendo que quase todos justificaram que ninguém pode se colocar como isento em relação a violência escolar, que todos tem a sua parcela de contribuição mesmo que de maneira não intencional. Os 41% assinalaram o “não” apresentando o argumento de que nada fazem para contribuir com a violência dentro da escola, que costumam se comportar bem e obedecer as normas e regras estabelecidas nesta unidade de ensino.

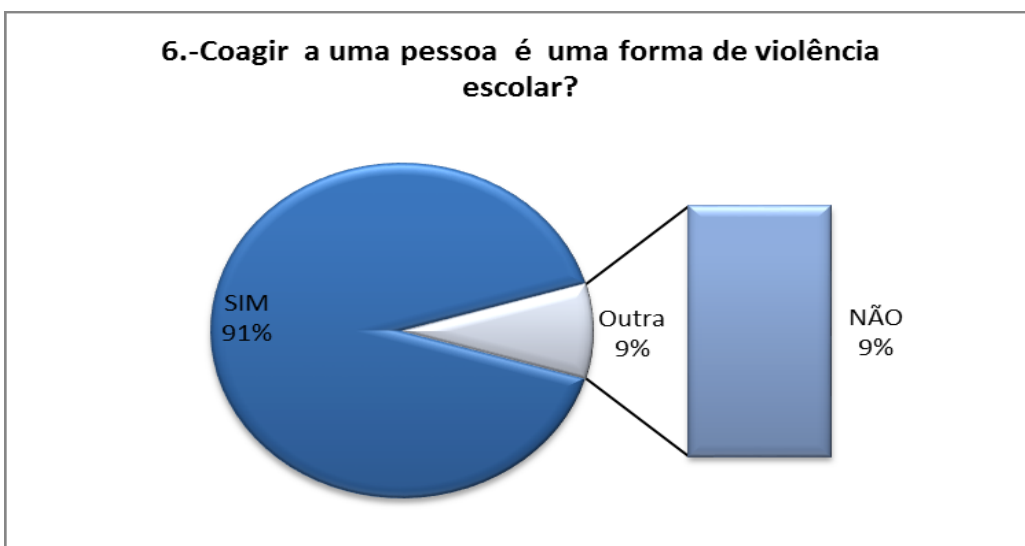
Gráfico nº 05 – .-Excluir a um aluno/a de classe, jogos, atividades... é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

Neste tivemos 61% dos participantes afirma que “sim”. A maioria destes entende que a exclusão é um dos piores tipos de violência porque atinge diretamente o sistema psicológico do indivíduo comprometendo todo o resto. Enquanto que 39% acha que “não” porque segundo os mesmos, aluno que não quer estudar e vem para bagunçar deve ser mesmo excluído das atividades, para não atrapalhar o professor e os demais colegas.

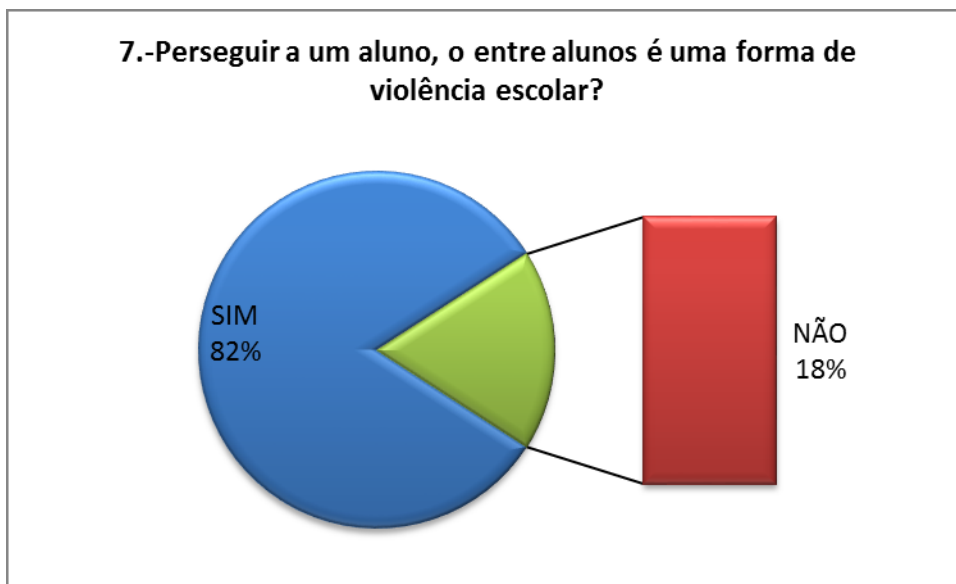
Gráfico nº 06 – Coagir a uma pessoa é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

O gráfico acima nos mostra que, 91% dos participantes responderam “sim”, concordando que coação é uma forma de violência e os 09% que disseram “não”, grande parte sustentou o argumento de que não acreditam muito que isso aconteça dentro da escola, porque seria muita maldade. Outros justificam que depende do que as pessoas chamam de coação.

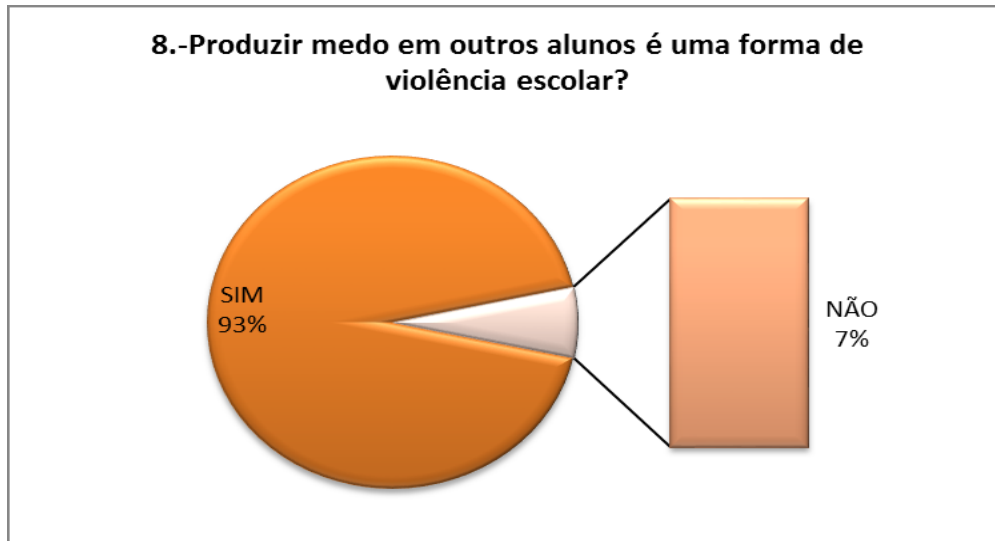
Gráfico nº 07 – Perseguir a um aluno, o entre alunos é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

Neste item sete, tivemos 82% que disse “sim”. Uma boa parte coloca que perseguir o aluno, além de ser violência é um ato irresponsável que pode mexer no psicológico do mesmo. E os 18% que responderam “não”, foram pelo viés de que a palavra não seria “perseguir”, mas disciplinar o aluno que atrapalha, e isso não é violência, é correção.

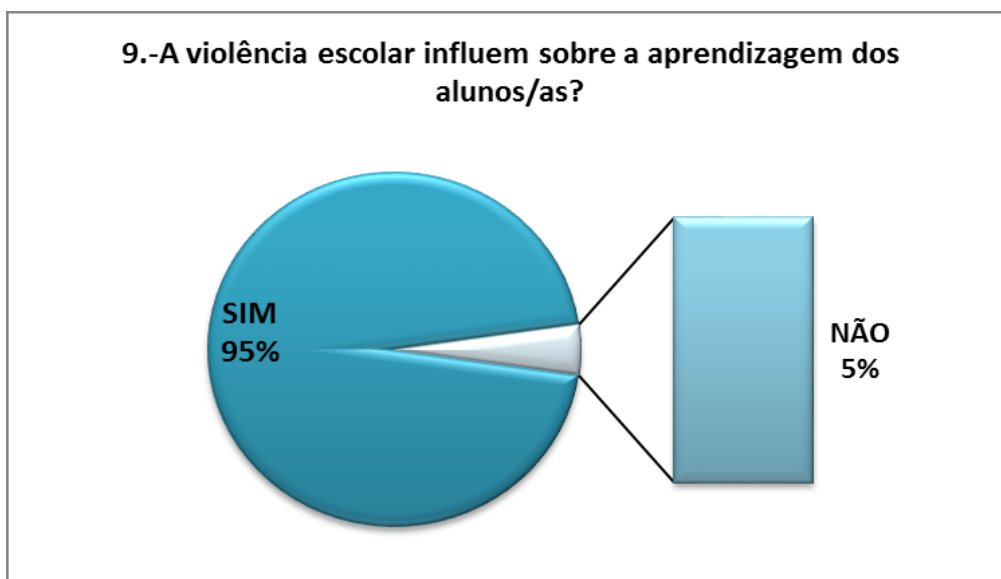
Gráfico nº 8 – Produzir medo em outros alunos é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

Neste componente, tivemos 93% das pessoas acham que sim, e grande parte delas se basearam no princípio de que a escola deve ser um local de proteção e não de imposição, que o aluno com medo não se sente em paz para desenvolver suas atividades. Enquanto que os 7% que discordaram, afirmam que isso não existe, são os alunos que aterrorizam o professor e são aliados entre si.

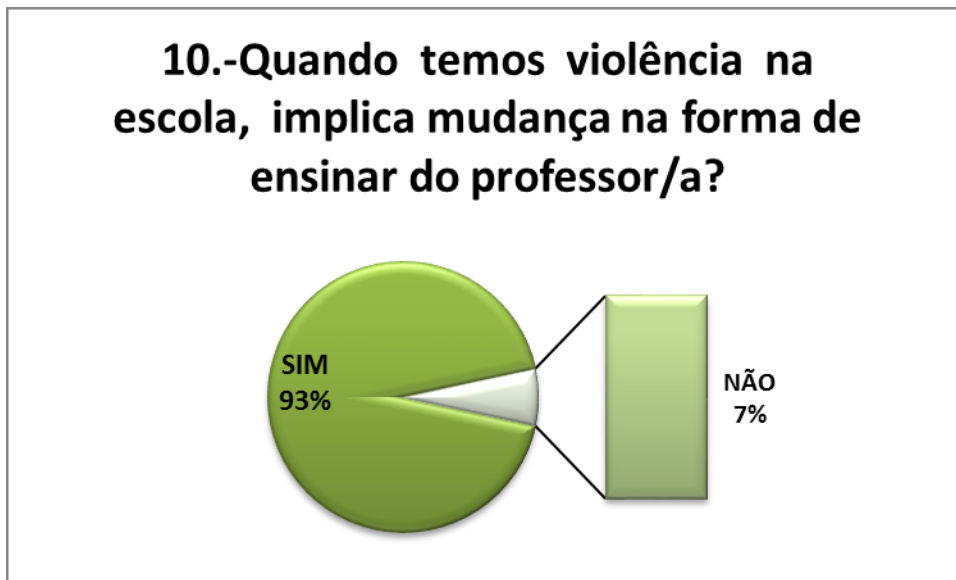
Gráfico nº 9 – A violência escolar influem sobre a aprendizagem dos alunos/as?



Fonte: construção própria.

Na questão de numero nove, 95% dos participantes afirmam que a violência escolar influi sobre a aprendizagem, em uma justificativa quase que totalmente homogênea de que conviver neste contexto implica também em balancear o que é mais importante, se aprendizagem ou a defesa pessoal, tornando-se evidente que aprender terá menos importância diante dos riscos do dia-a-dia. E apenas 5% não concordam.

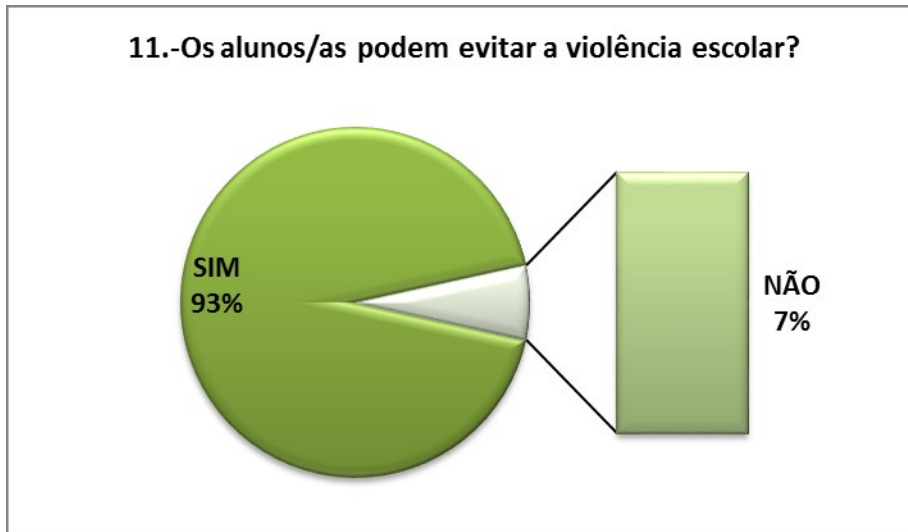
Gráfico nº 10 – -Quando temos violência na escola, implica mudança na forma de ensinar do professor/a?



Fonte: construção própria.

Nesta alternativa, tivemos 93% que optaram pelo sim, sendo que de acordo com os professores deve-se buscar metodologias que se adequem ao contexto de violência no intuito de facilitar seu trabalho e ajudar o aluno. Já na opinião dos alunos participantes o professor deve manter a metodologia assegurando não existir uma metodologia capaz de resolver a situação. Os que votaram no “não” dizem que mudar a forma de ensinar não resolveria o problema porque não depende desse fator, uma vez que, a violência o aluno traz de casa.

Gráfico nº 11 – Os alunos/as podem evitar a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Vimos que 93% dos participantes disseram “sim” para a questão onze, porque de acordo com a maioria, boa parte da violência escolar é proveniente do aluno e cada um fazendo a sua parte e mantendo o respeito, seria possível reduzir consideravelmente os índices de violência no ambiente escolar. O 7% que responderam “não” não souberam justificar suas opiniões.

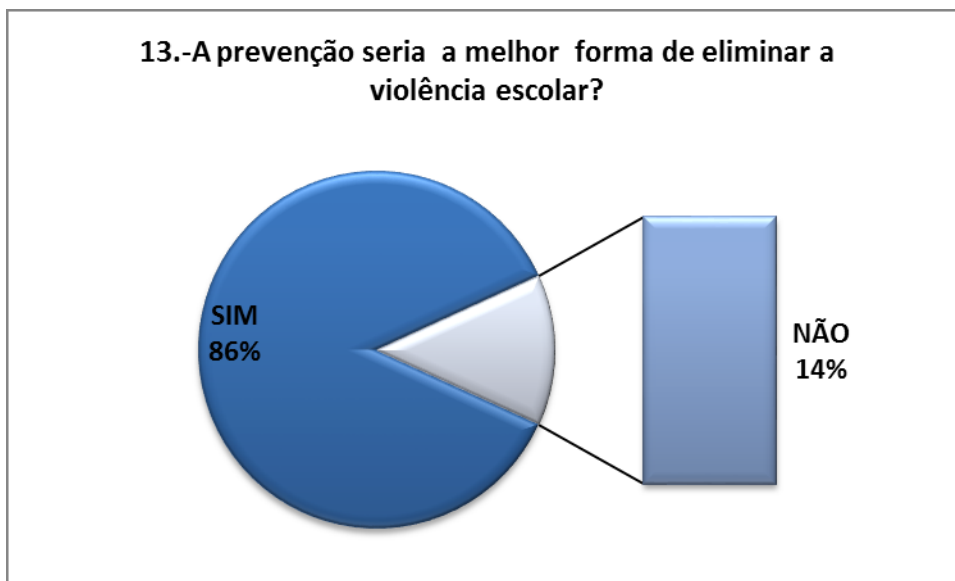
Gráfico nº 12 – Os professores/as podem eliminar a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Com relação ao item doze, 95% disseram “sim” à questão doze, (alunos) segundo eles o professor pode evitar a violência botando moral no aluno e expulsando os baderneiros. Os 5% que disseram “não”, (alunos e professores) muitos entendem que o professor já tem feito a sua parte, porém, não é possível combater a violência porque a mesma faz parte da vida desta comunidade, dentro e fora de suas casas, e o professor não tem como alcançar esta dimensão. Outros afirmaram que não é este o papel do professor, mas, que é um trabalho para a polícia, levando em conta que esta violência não é uma simples indisciplina ou intriga entre alunos, trata-se de algo muito mais grave que vai desde o transtorno do aluno pelo efeito de alucinógenos a casos piores como formação de gangues, violência doméstica, violência sexual e outros.

Gráfico nº 13 – -A prevenção seria a melhor forma de eliminar a violência escolar?

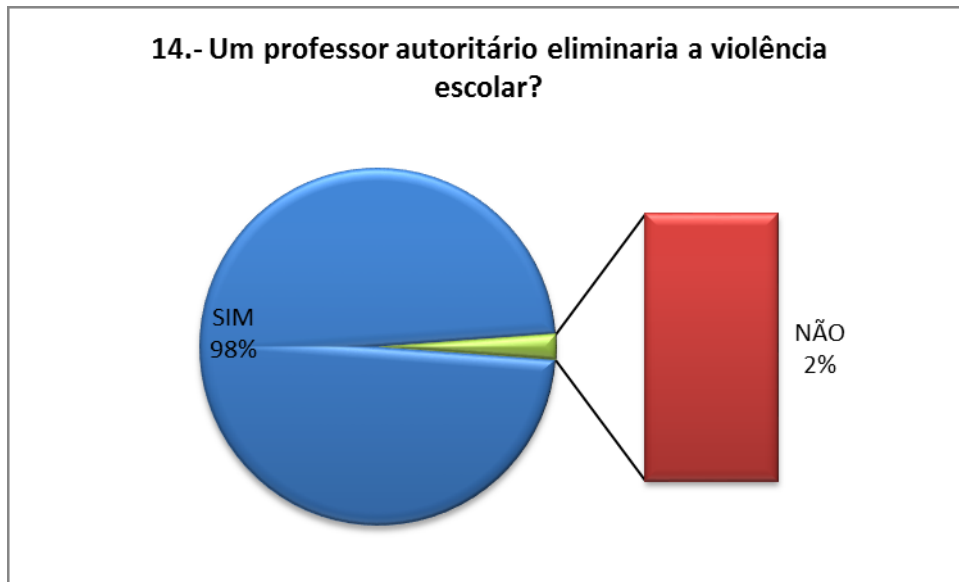


Fonte: construção própria.

E sobre a questão treze, 85% dos entrevistados responderam que “sim” e sua grande maioria defende que a prevenção é a melhor forma de eliminar a violência escolar, outros apontam apenas como um dos caminhos. Entre os 15% que disseram “não” houve divergência de opiniões. Alguns falaram que não

adianta porque os alunos se tornam sempre os mesmos, nunca mudam, outros afirmaram que a melhor forma de eliminar a violência escolar seria reestruturar a família com uma melhor qualidade de vida.

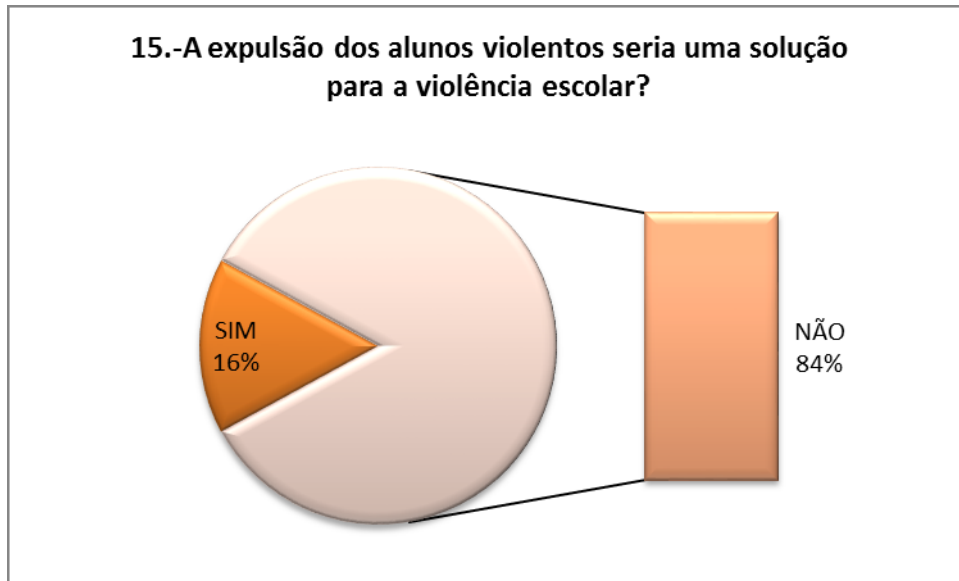
Gráfico nº 14 – Um professor autoritário eliminaria a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Ao analisar os dados acima, podemos ver que, na interrogativa de número quatorze, somente 20% dos envolvidos responderam “sim”. A maior parte justificou dizendo exercendo sua autoridade o professor consegue o controle do aluno levando-o a ponderar suas ações. Outros sustentam que é a forma mais rápida e que está ao alcance do professor. Os 80% que refutaram com “não” afirmam que o professor autoritário não elimina a violência, porque autoritarismo é uma forma de incitar ainda mais a violência.

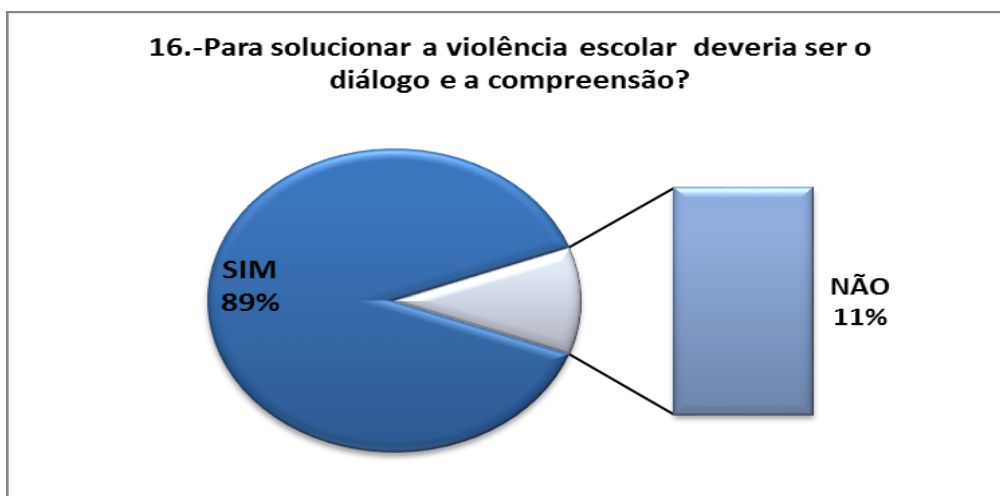
Gráfico nº 15 – A expulsão dos alunos violentos seria uma solução para a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Apenas 16% dos componentes marcaram “sim” sobre a égide de que os alunos ficariam com medo e se comportariam melhor. Já os 84% do “não” afirmam que não resolveria o problema, apenas geraria revolta, enquanto outros afirmam que esta atitude apenas mudaria o endereço da violência.

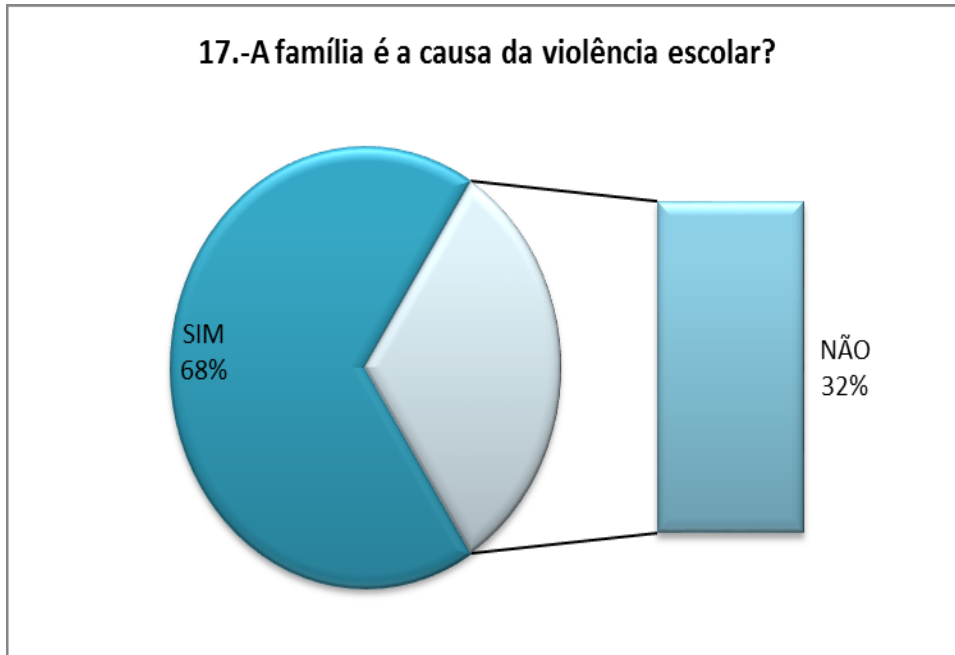
Gráfico nº 16 – Para solucionar a violência escolar deveria ser o diálogo e a compreensão?



Fonte: construção própria.

Na questão dezesseis, 89% das pessoas optaram pelo “sim”. A maioria acredita que embora não seja a solução total, mas o diálogo ainda é a melhor forma de combater a violência. Enquanto que 11% acham que não é por aí, porém não apresentam justificativas.

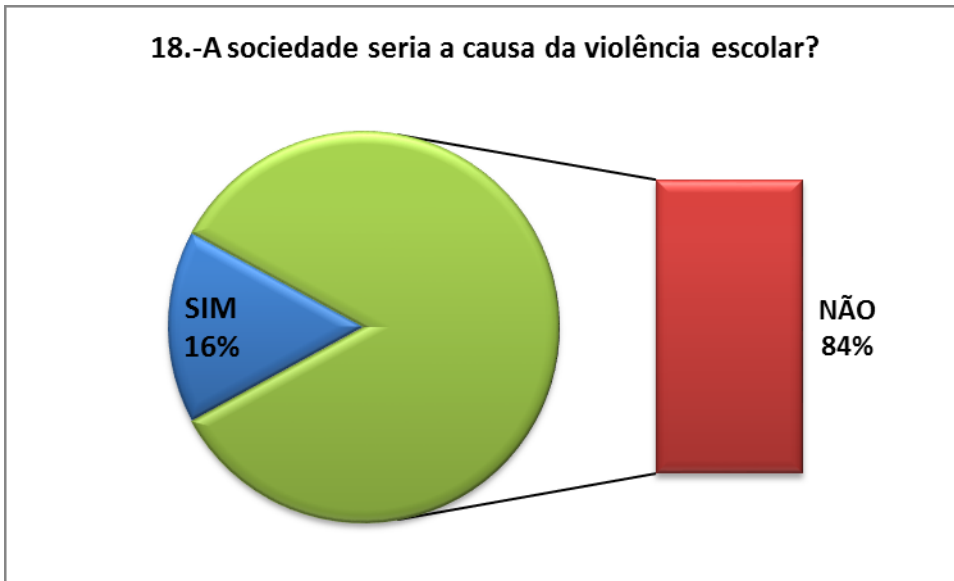
Gráfico nº 17 – A família é a causa da violência escolar?



Fonte: construção própria.

Temos aqui, 68% de interpelados neste item disseram “sim” apontando a família como responsável pela violência na escola a grande maioria alegando que o aluno convive com a violência em casa a todo tempo e não sabem se comportar de outra forma na escola porque são guiados pelos exemplos. E 32% escolheram o “não” porque não acreditam que somente a família seja a responsável, mas uma série de fatores.

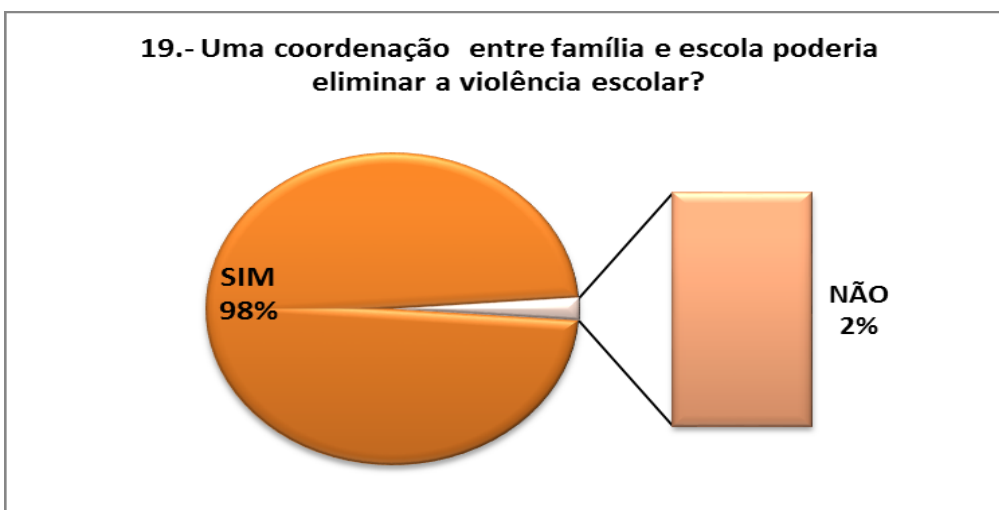
Gráfico nº 18- A sociedade seria a causa da violência escolar?



Fonte: construção própria.

Sobre este questionamento, 16% apontaram a sociedade como responsável pela violência escolar, justificando a influência do tráfico em seu entorno social. Outros afirmam que a sociedade constituída de uma massa enorme aquém da linha da pobreza não pode se libertar da violência maior que é a fome. Já os 84% do “não” colocam que a sociedade não é a única responsável e que depende muito do convívio familiar e da influência que cada um recebe.

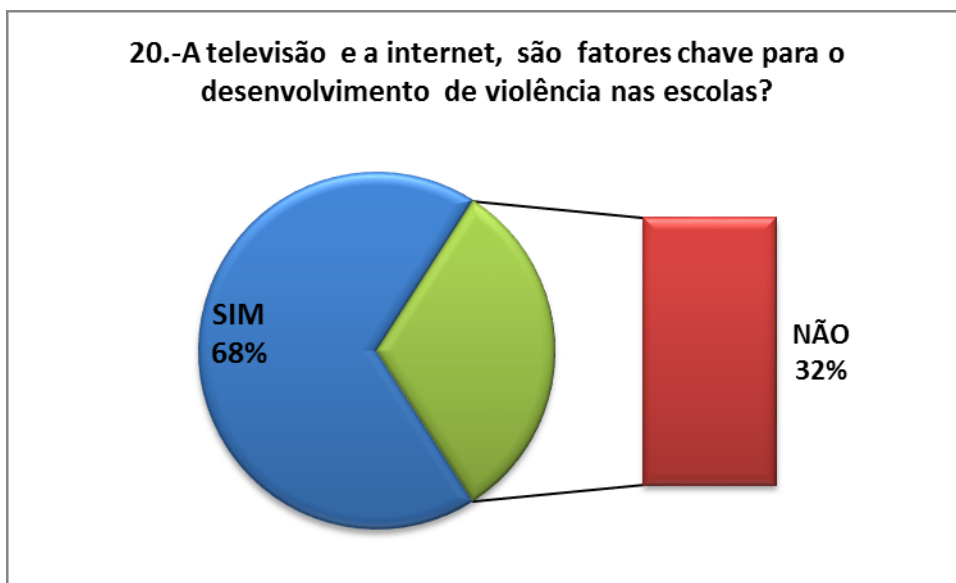
Gráfico nº 19 – Uma coordenação entre família e escola poderia eliminar a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Neste tivemos, 98% dos integrantes responderam “sim”, entendendo que uma coordenação entre família e escola poderia eliminar a violência, porque trabalhar em parceria pode ser um caminho reconhecendo que quem vem de uma família estruturada figura como vítima desta violência e não como agente. Alguns argumentos que a parceria ajudaria o aluno a entender que a escola é um lugar de aprendizagem e não de violência. O 2% que optaram pelo não, disse que a escola não tem nada a ver com isso, cada um eduque seu filho em sua casa.

Gráfico nº 20– A televisão e a internet, são fatores chave para o desenvolvimento de violência nas escolas?



Fonte: construção própria.

Entre os interrogados neste item, 68% são a favor do “sim”, quando a maioria posiciona-se defendendo que a televisão e a internet contribuem para o desenvolvimento da violência nas escolas, sob a justificativa de que esses meios de comunicação mostram e propagam a violência com muita força influenciando os jovens a imitar o mal. Enquanto que os 32% que votaram no “não” veem esses instrumentos como aliados, dependendo da forma como são utilizados, podem até funcionar como ferramentas de combate à violência.

4.3.- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES.

Gráfico nº 21– pergunta 01.- Por violência escolar entendemos agressões físicas entre alunos?



Fonte: construção própria.

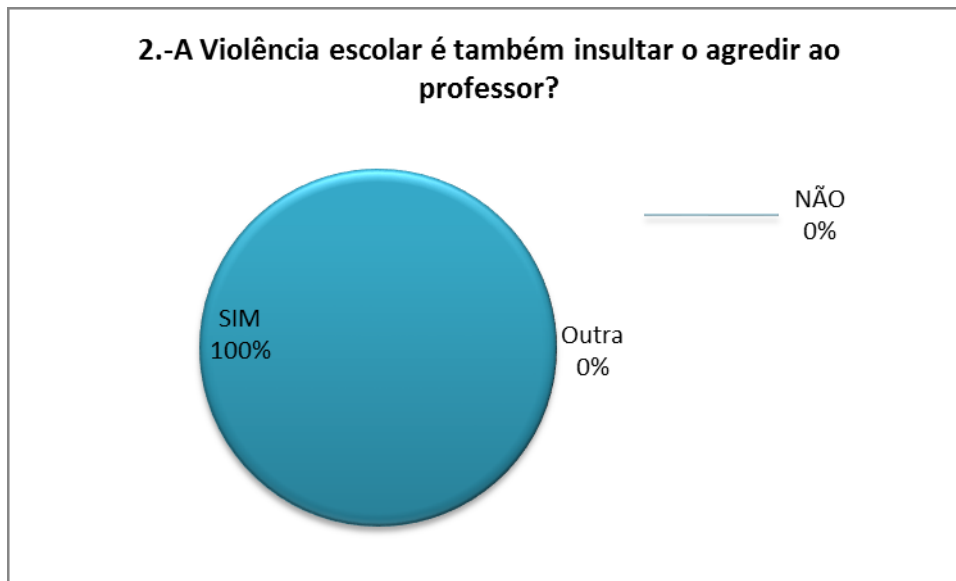
Ao interrogar os professores acerca do entendimento de violência escolar por eles, o gráfico revela que 100%, ou seja, todos os respondentes à essa pesquisa entendem que a violência escolar é a agressão física entre alunos.

Isso quer dizer que os professores estão angustiados, com medo, nunca sabem o que pode acontecer no cotidiano escolar; os pais, preocupados. Isso porque não é raro os jornais noticiarem situações de violência nas escolas, as mais perversas entre alunos.

Na realidade, o gráfico acima, demonstra que os docentes respondentes, entendem ainda que se limitam na visão que a violência é a agressão física entre os sujeitos em dada instituição escolar.

Assim, vale dizer que a violência física, no espaço em que esses docentes atuam, indicam traços de violência física presenciada por eles e que, muitas vezes, são recorrentes. Isso porque, atualmente, é comum, nas escolas ver violência física advinda de discriminação, ameaças e xingamentos, muitas vezes confundidos com brincadeiras, também são considerados atos violentos e evoluem para agressões mais graves. Assim, entende-se que a violência física contribui para tornar o ambiente escolar hostil.

Gráfico nº 22– pergunta 2.-A Violência escolar é também insultar ou agredir ao professor?



Fonte: construção própria.

Os sujeitos respondentes desse estudo entendem na sua totalidade que a violência escolar é, também, insultar ou agredir o professor. Nessa dimensão, percebe-se que para os informantes, a violência escolar, toma diferentes formas. Isso quer dizer que ela, a violência, não é só uma coisa, mas um conjunto delas e nesse gráfico, ela é, também insultar ou agredir o professor.

Na realidade, os professores, em se tratando de violência escolar, quase sempre acabam padecendo de uma espécie de sentimento de "mãos atadas" quando confrontados com situações atípicas em relação ao plácido ideário pedagógico. Entretanto, o cotidiano escolar é pródigo em eventos alheios a esse ideário-padrão. E os efeitos da violência representam, sem dúvida, a parcela mais onerosa de tais vicissitudes.

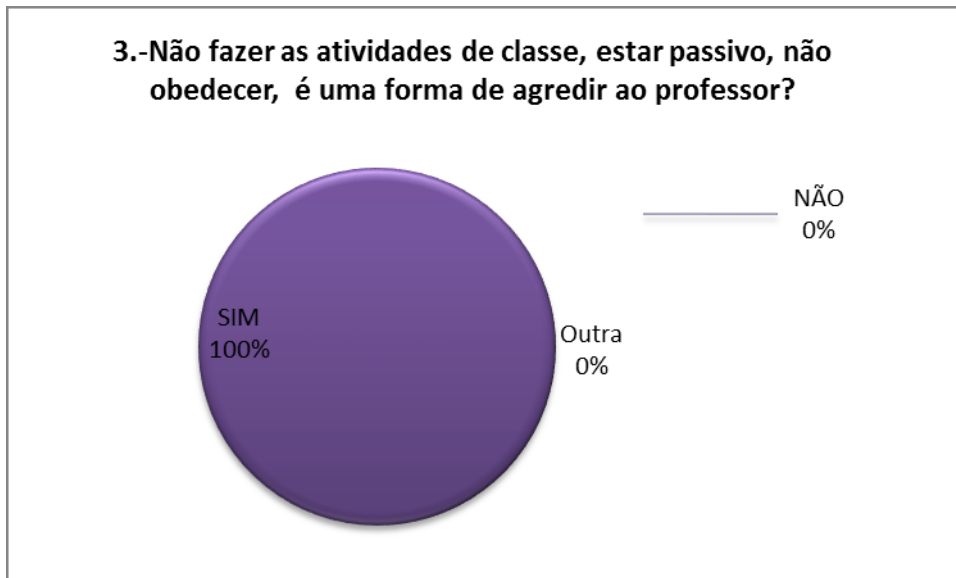
Isso indica que insultar ou agredir o professor, é considerado violência escolar em razão da crise de autoridade docente. Nesse contexto Arendt (1992) assegura que:

A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude perante o âmbito do passado. É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto

da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado (Arendt 1992, pp. 243-244).

Diante disso, entende-se que insultar ou agredir o professor, configura-se como violência escolar na visão dos docentes informantes, em razão da crise da autoridade docente que vem, com o passar dos anos aumentando.

Gráfico nº 23– pergunta 3.-Não fazer as atividades de classe, estar passivo, não obedecer, é uma forma de agredir ao professor?



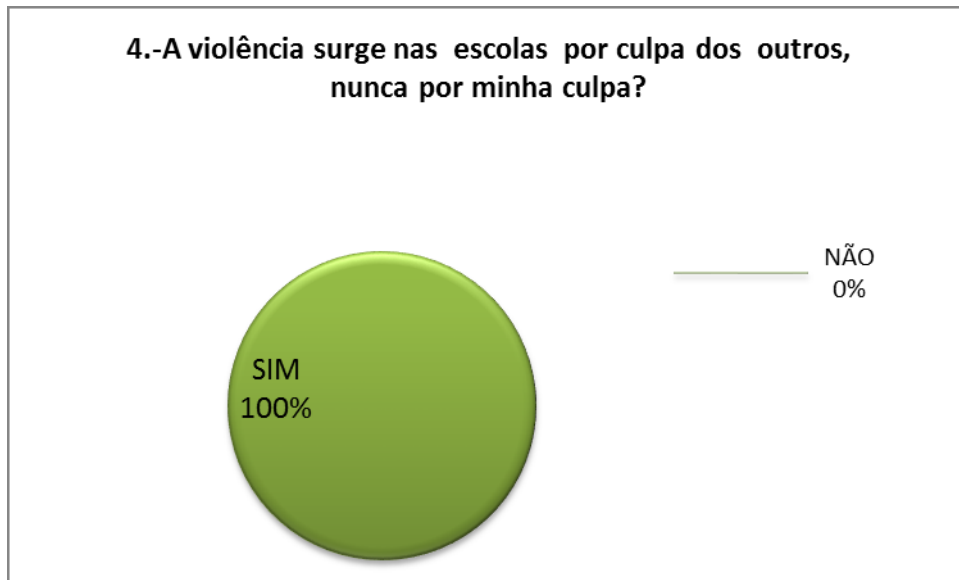
Fonte: construção própria.

Para os respondentes, não fazer as atividades de classe, estar passivo e não obedecer são formas de agredir ao professor no seu cotidiano docente e expressa a violência escolar. Na realidade a violência escolar traduz-se de diferentes maneiras. Por exemplo, por meio de condutas como rejeitar a aprendizagem, faltar à aula, não levar os materiais escolares ou não fazer as tarefas. Outra forma é o desrespeito às normas elementares de conduta sem que exista necessariamente a intenção de molestar.

E, ainda, os problemas de indisciplina podem se manifestar através de condutas disruptivas. Por exemplo, o aluno fica em pé freqüentemente, interrompe o professor, tenta chamar a atenção etc. Essas condutas são incômodas e desagradáveis, tanto para o professor quanto para outros alunos.

Em casos extremos, desenham-se como condutas agressivas, a partir do entendimento docente.

Gráfico nº 24– pergunta 4.-A violência surge nas escolas por culpa dos outros, nunca por minha culpa?



Fonte: construção própria.

Os informantes, não se percebem enquanto causadores, também da violência escolar. Entendem que a violência escolar é culpa única e exclusiva dos discentes e nunca do docente.

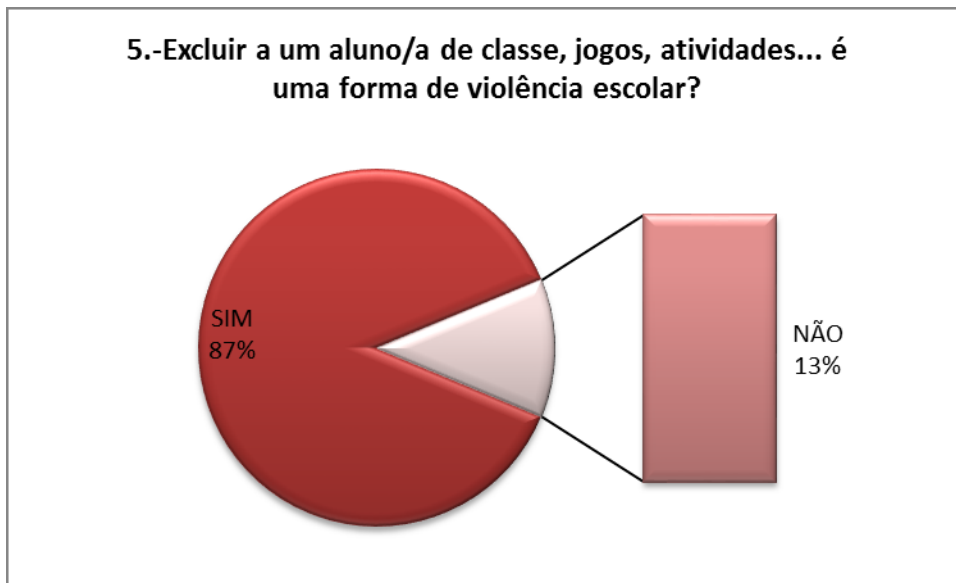
Essa postura e visão revelam a necessidade de ampliação de estudos desses sujeitos acerca da violência escolar.

Não se pode esquecer que os atos de violência psicológica, muitas vezes, causada pelo professor, deve ser entendida como produto das relações sociais e estas prejudicam o desenvolvimento das crianças e adolescentes, pois envolvem um processo de constituição eu-outro.

Assim, como a própria criança internaliza as formas sociais da conduta, essas formas de abuso, agressão ou maus-tratos do adulto com a criança podem constituir um importante fator de risco para seu desenvolvimento. De acordo com Cruz (1997), o impacto da violência psicológica no desenvolvimento

provavelmente leva a criança e o adolescente sofrer grande dificuldade no aspecto social e de escolarização durante seu desenvolvimento, uma vez que esses atos infligem dor emocional (medo, humilhação, angústia).

Gráfico nº 25– pergunta 5.-Excluir a um aluno/a de classe, jogos, atividades... é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

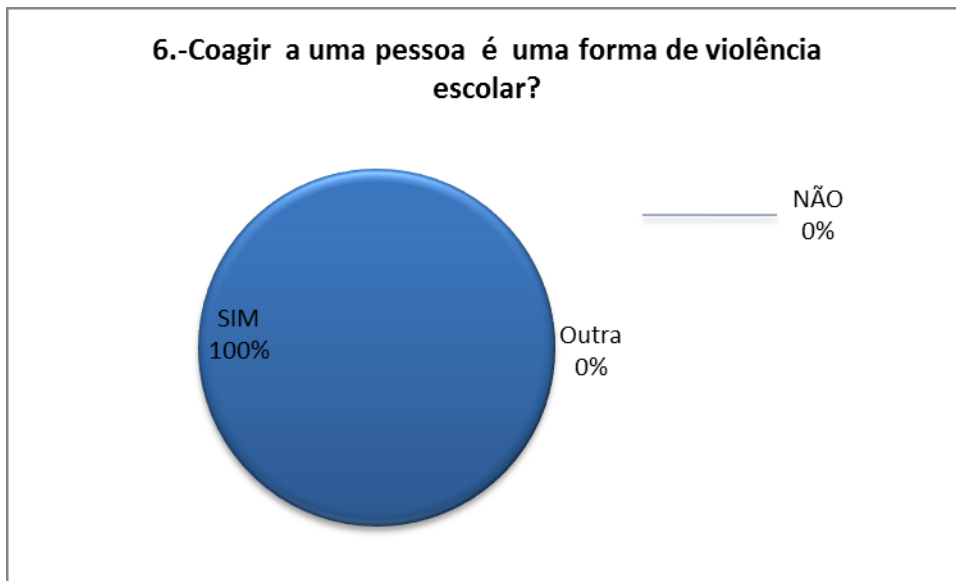
No que se refere a exclusão do aluno da classe, jogos e atividades diversas, os respondentes, em um montante de 87% consideraram que é uma forma de violência escolar e 13%, entendem que não.

Diante disso, entende-se que a maioria percebe que a exclusão é uma forma de violência escolar. Isso revela uma contradição, pois esses mesmos respondentes, indicaram na questão que tratou da culpabilidade da violência escolar, entendem que a culpa da violência é do “violentado”, no caso, o aluno e nunca do professor.

Em se tratando dessa situação, a exclusão não poderia ser culpa do aluno, pois esse não se exclui, ao contrário, é excluído e no caso, sofre, de acordo com os sujeitos respondentes, violência escolar.

Por conseguinte, a violência e as desordens escolares introduzem uma reflexão sobre a função cívica da escola nos contextos em que ela se confronta com a exclusão, com a presença maciça de crianças originárias da classe trabalhadora, com o declínio da crença na utilidade dos estudos.

Gráfico nº 26– pergunta 6.-Coagir a uma pessoa é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

As totalidades das respostas foram 100% sim. Isso significa que todos entendem que a coação é um ato de violência escolar. Sendo a escola o ambiente onde se consolidam as interações sociais dos alunos, ela é um dos locais de melhor observação para a ocorrência da indisciplina e atos de coação escolar.

A coação, que é para os sujeitos da pesquisa, violência, é uma forma de punição para o aluno que transgredir dada norma estabelecida. A verdade é que o pressuposto é que o poder de punir, expresso pela escola, que muitas vezes, chama a guarda civil, polícia, ou outro professor-coordenador mais bravo para lidar com casos de indisciplina, esse sujeito chamado, acaba por coagir o indisciplinado gerando, com isso, mais violência.

Na verdade, há na sociedade a definição de quem pode punir e quem não pode. Isso foi construído histórica e socialmente – portanto tanto pode punir quanto não punir, perseguir ou não perseguir, condenar ou não condenar, encarcerar ou não encarcerar, coagir ou não coagir.

Desse modo, não há uma resposta punitiva automática para uma conduta ilegal e reprovável, já que a resposta está submetida à preservação das relações sociais que configuram a ordem social.

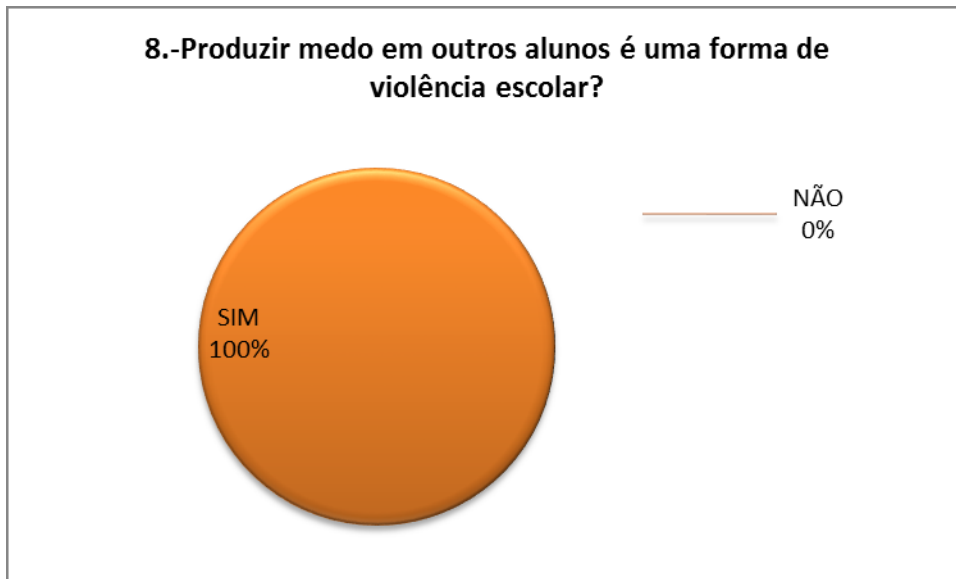
Gráfico nº 27– pergunta 7.-Perseguir a um aluno, o entre alunos é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

Neste item sete, também 70% disse “sim”. Uma boa parte coloca que perseguir o aluno, além de ser violência é um ato irresponsável que pode mexer no psicológico do mesmo. E os 30% que responderam “não”, foram pelo viés de que a palavra não seria “perseguir”, mas disciplinar o aluno que atrapalha, e isso não é violência, é correção.

Gráfico nº 28— pergunta 8.-Produzir medo em outros alunos é uma forma de violência escolar?



Fonte: construção própria.

No que tange ao fato de produzir medo dos alunos, todos os respondentes dos questionários, consideraram esse ato como violência escolar. Entenderam que essa prática de fazer o outro sentir medo é uma questão de questão da legitimidade do poder – e sua variação, o poder de punir.

O papel do professor é fazer parceria com o aluno e não causar-lhe medo. Diante disso, os alunos precisam sair da escola bem preparados para viver, não no passado, nem mesmo hoje – que logo se torna passado – mas nos incertos e diferentes dias de amanhã. Isso se dá porque, em nosso sistema escolar, o professor detém um conhecimento gerado e aprendido anteriormente, que lhe foi transmitido por professores.

Na realidade, causar medo nos estudantes, é uma forma de coação. E coação para a justiça brasileira é crime. Assim, nenhum aluno pode ser constrangido por quem quer que seja. Por fim, esse ato violento e que os sujeitos da pesquisa e viram como violência e entendem que a coação é um instrumento da violência escolar.

A realidade social que os estudantes estão vivenciando na sociedade atual, o medo e a humilhação não fazem parte do organograma escolar, mas estão cada vez mais presentes na vida dos estudantes. De acordo com a Unesco, aproximadamente 60% das crianças e dos jovens brasileiros foram alvo de algum tipo de violência nas escolas nos últimos anos, segundo seus dados. Nessa dimensão, a realidade posta de produzir medo nos alunos é entendida pelos informantes, como já foi elencado como forma de violência e propagação da mesma.

Gráfico nº 29– pergunta 9.-A violência escolar influem sobre a aprendizagem dos alunos/as?



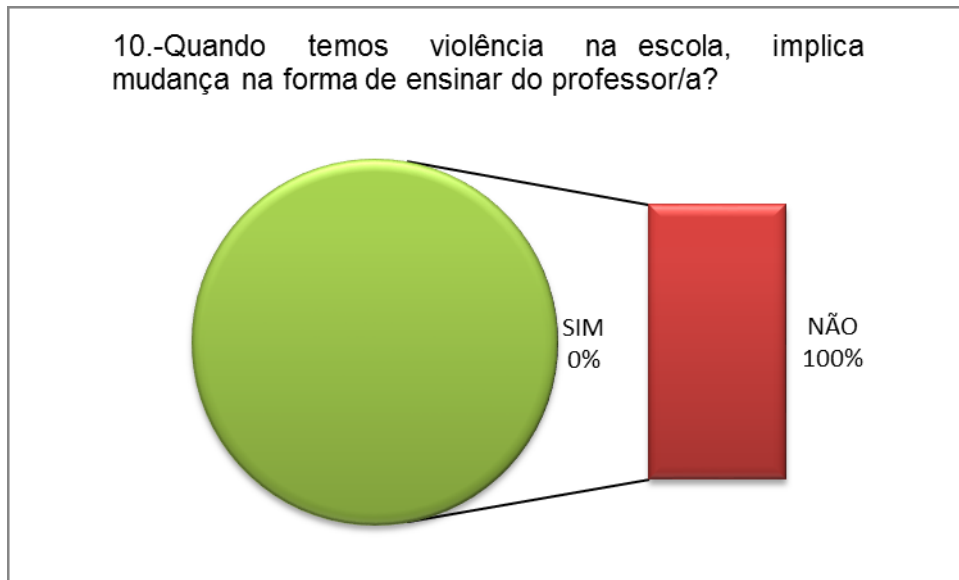
Fonte: construção própria.

O questionário aplicado a esses sujeitos, revelou que os mesmos consideram que a violência escolar influi sobre a aprendizagem dos alunos. Assim, esse item do estudo demonstrou essa vertente, pois com a violência escolar, em relação a sociabilidade dos alunos a existência de um clima tenso entre adultos e adolescentes ou entre alunos, isso afeta a atividade escolar, pois a escola não é local de violência, ainda que ela se apresente como espaço onde essa violência aconteça de forma alarmante, não é esse o fim da instituição.

Segundo Abromovay (2002, p. 295) "Tratar de violência na escola significa lidar com uma interseção de elementos, isto é, um fenômeno de uma nova ordem e não simplesmente o somatório dos objetos "escola" e "violência".

A cada gráfico analisado, eles elementos se desenham mais e mais. Contudo, cada um deles é importante para que se entenda o todo no que se refere a violência escolar e suas múltiplas facetas.

Gráfico nº 30– pergunta 10.-Quando temos violência na escola, implica mudança na forma de ensinar do professor/a?



Fonte: construção própria.

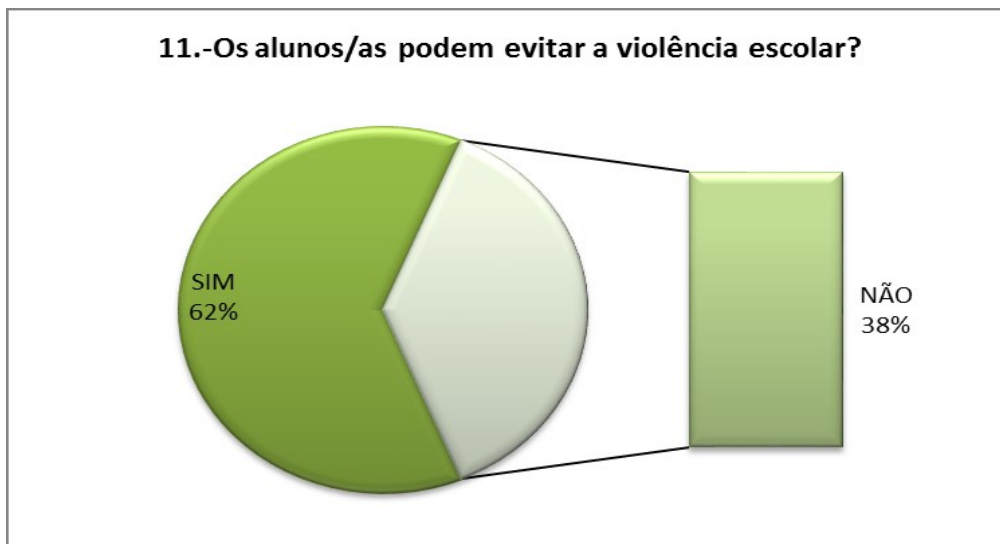
Os docentes entendem que quando se tem violência na escola, o professor não muda a sua forma de ensinar, ou seja, eles continuam com a mesma postura, independente dos fatos que ocorrem no cotidiano dinâmico da escola.

Essa postura revela uma situação de afastamento do problema da violência, como se essa violência não tivesse nada a ver com o docente e como se ele não pudesse fazer nada para mudar o contexto. Isso nos remete a discussão do caráter trabalhador. Na verdade, não há trabalho humano sem consciência e finalidade, na medida em que todo trabalho busca a satisfação de uma necessidade. Nesse sentido, Marx (1988) afirma que mais que o corpo físico preparado para trabalho, é necessária uma finalidade, uma consciência, um desejo pois o processo de trabalho busca satisfazer as necessidades humanas, isto é, o trabalhador produz algo útil para prover sua própria existência.

Significa dizer que, o trabalho é o que realiza a mediação entre o ser individual e o ser social (Mascarenhas, 2002). Pois, mais que relacionar-se consigo próprio e com a natureza, ao trabalhar, o homem relaciona-se com outros homens; assim, o trabalho é o elemento primordial na constituição de uma sociedade, já que propicia a própria sociabilidade humana.

No entanto, esse mesmo trabalho que transforma, ele também aliena, massifica, aprisiona. Nesse caso, a ação docente, fica tão presa que não percebe a sua força e possibilidade em mudar a realidade posta para combater a violência escolar no cotidiano dos espaços educativos.

Gráfico nº 31– pergunta 11.-Os alunos/as podem evitar a violência escolar?



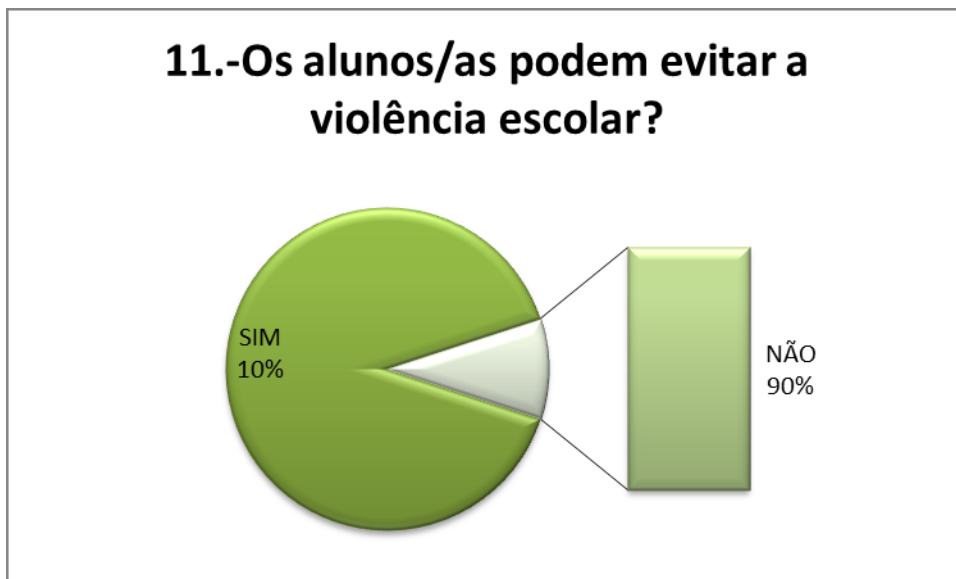
Fonte: construção própria.

Da totalidade dos questionários respondidos, 62% entendem que os alunos podem evitar a violência escolar e 38% afirmaram que não há como os alunos evitarem a supracitada violência.

Diante disso, entende-se que para os informantes dessa pesquisa, pode-se evitar a violência escolar, se os alunos quiserem. A verdade é que a escola se constitui como um espaço dinâmico de produção e de conhecimento e de interação entre as dimensões políticas, culturais, institucionais e nela, não basta apenas que haja a vontade do aluno A ou do aluno B para que não haja violência. A violência, nos dias atuais, se instituiu e cresceu de forma independente e assustadora entre todos os sujeitos.

Nessa assertiva, pode-se concluir que a maioria dos respondentes atribuem ao aluno a responsabilidade pela violência. Isso quer dizer que não pensaram na maneira catastrófica das demais implicações que contribuem com a violência na escola e que não são apenas a vontade ou não do aluno. A escola tem que responder ao desafio de encontrar formas de relacionamento e de convivência com os diferentes universos contidos no seu interior e que se manifestam no seu meio circundante e romper com a violência escolar que não depende da vontade do aluno, como os informantes dessa pesquisa revelaram.

Gráfico nº 32– pergunta - 12.- Os professores/as podem eliminar a violência escolar?

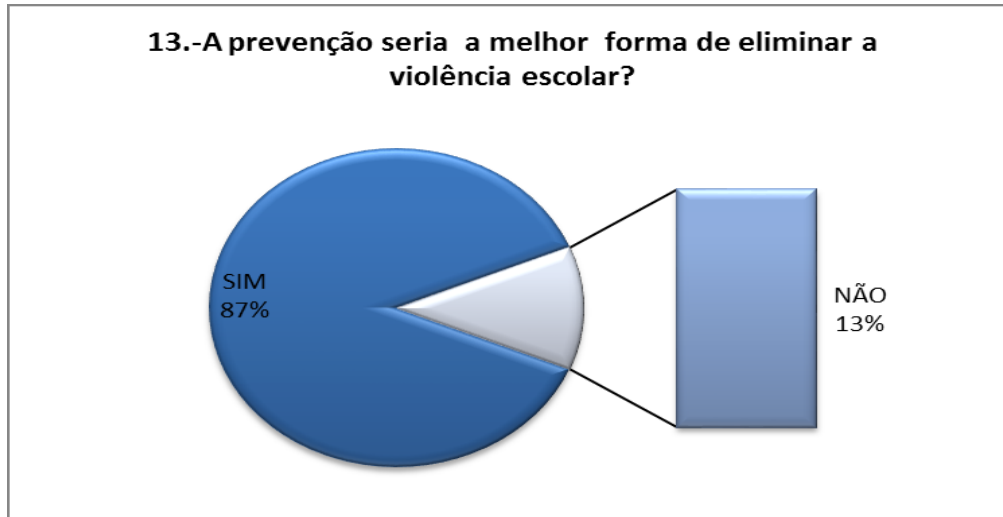


Fonte: construção própria.

Dos participantes, apenas 10% disseram que sim. Os 90% que disseram “não”, nos mostrando entender que o professor já tem feito a sua parte, porém, não é possível combater a violência porque a mesma faz parte da vida desta comunidade. Os professores afirmam que, não tem como alcançar esta dimensão, devido as dificuldades encontradas dentro da própria família. Mas, que é um trabalho para ser levando em conta visto que, a violência não é uma simples indisciplina ou intriga entre alunos, trata-se de algo muito mais grave que vai

desde o transtorno do aluno pelo efeito de alucinógenos a casos piores como formação de gangues, violência doméstica, violência sexual e outros.

Gráfico nº 33– pergunta13. - A prevenção seria a melhor forma de eliminar a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Ao responderem se a prevenção seria a melhor forma de eliminar a violência escolar, os docentes respondentes em um montante de 87% entendem que sim e 13% entendem que não. Isso quer dizer que para eles, a prevenção é o melhor caminho no que se refere a estratégia de diminuição da violência escolar.

Na realidade, a ausência de regras, a falta de supervisão e de controles razoáveis da conduta dos filhos fora da escola, do que fazem e com quem andam, é uma tarefa muito difícil. A falta de comunicação e a ocorrência de tensões e de brigas na família podem levar aos filhos adquirirem condutas agressivas que se expressam na violência escolar.

Prevenir essa violência, quer dizer que se deve definir regras e supervisioná-las, isto é, fazer um acompanhamento rigoroso das mesmas para haver a diminuição da violência.

Essa supervisão e acompanhamento configuram-se, como prevenção contra a violência escolar que assola os espaços de educação nesse país e que precisam ser fortemente combatidos por todos.

Sem dúvida, violência escolar é hoje considerada um problema importante e crescente no Brasil e no mundo, uma das maiores preocupações dos estudantes, encarregados de educação, profissionais da educação que exercem a docência e a gestão das escolas e que fazem parte de uma equipe escolar, estão cada vez mais comprometidos em identificar e intervir no sentido de intervir sobre este fenômeno. Isso é a prevenção apontada pelos respondentes dessa pesquisa e que foi expresso no gráfico acima.

Gráfico nº 34– pergunta 14.- Um professor autoritário eliminaria a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Em qualquer espaço educativo o autoritarismo não cabe. Isso já foi provado ao se estudar a História da Educação. Nesse contexto, os questionamentos feitos aos respondentes dessa pesquisa demonstram, de forma surpreendente que para eles, um professor autoritário, com pulso firme, eliminaria a violência escolar.

Os respondentes não se deram conta que o autoritarismo também é uma forma de violência e macula a imagem docente. Nesse aspecto, esse gráfico revela mais uma contradição da pesquisa. Isso porque os sujeitos não são neutros e expressam o seu pensamento, o seu querer, as suas vontades.

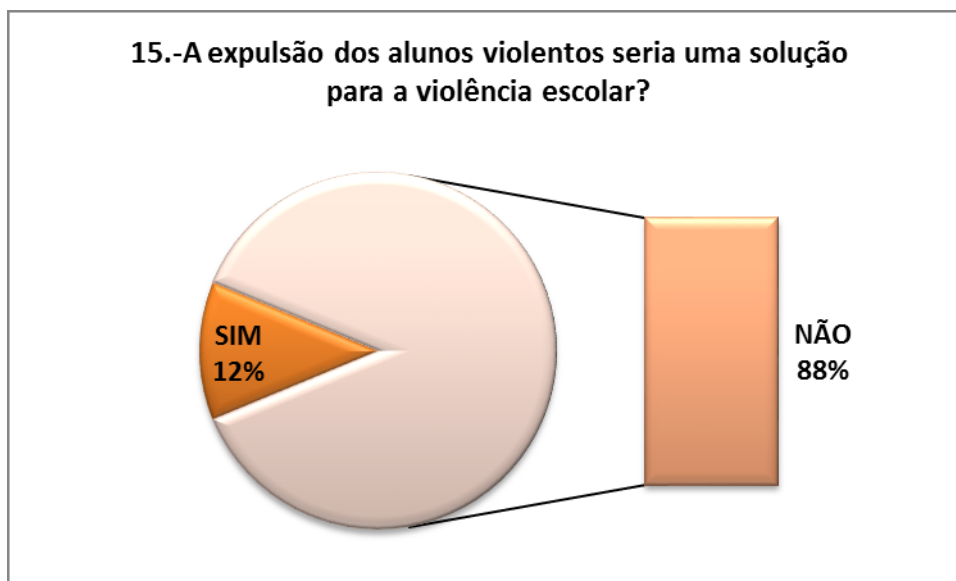
Na realidade, pode-se deduzir que há uma confusão entre os sujeitos entre a conceituação de autoridade e autoritarismo. Isso porque a autoridade é algo que um indivíduo tem por possuir determinado conhecimento, está ligado à liderança, postura, comando; é a base de certos tipos de organização hierarquizada.

Ela refere-se a uma prática pró-social que tem como objetivo levar as pessoas a perceberem e respeitarem as normas da sociedade, julgando sua legitimidade e avançando no desenvolvimento da democracia, no estabelecimento do bem maior.

Em contraposição, o autoritarismo, está ligado às práticas antidemocráticas e antissociais; é a imposição de algo pela força, e geralmente as decisões se restringem às vontades do próprio indivíduo ou de pessoas estritamente ligadas a ele – seja no âmbito pessoal, profissional, acadêmico, governamental.

Quando existe autoridade, as pessoas agem motivadas pelo líder que a detém, visualizando o alcance do objetivo. Quando é o autoritarismo que prevalece, as pessoas também agem, porém não existe motivação; existe medo, censura e ameaças e na escola, censura e ameaça é indicativo de violência escolar.

Gráfico nº 35– pergunta 15.-A expulsão dos alunos violentos seria uma solução para a violência escolar?



Fonte: construção própria.

Ao responderem no questionário aplicado sobre o ato da expulsão dos alunos violentos como uma solução para a violência escolar, 12% dos respondentes entendem que sim e a maioria, 88% entenderam que não. Essas respostas demonstram que para os sujeitos da pesquisa, só expulsar os estudantes não resolveria o problema da violência escolar, visto que um foco apenas seria afastado, outros surgiriam. A violência escolar para os sujeitos da pesquisa, aparenta ser um problema social e precisa ser encarado como tal e não como um fato isolado de sujeitos desconectados da realidade que faz parte do todo.

Nesse sentido, tratar a violência escolar com uma ou duas expulsões, não resolveria o problema para os respondentes desse estudo. Apenas seria uma forma de afastá-los da escola, visto que eles também seriam violentos em outros espaços. Na realidade, no Brasil, há diversas normas que preveem que o aluno não deve ser suspenso ou expulso da escola. Nesse sentido, expulsá-lo literalmente, torna-se inviável. Contudo, entendemos que há outras formas de expulsá-lo do ambiente escolar, que é a exclusão do processo de ensino-aprendizagem. Essa é de fato, a face oculta da escola que exclui. É a escola que expulsa e aparta do sujeito dos seus pares, visto que os mesmos não possuem condutas “adequadas” para conviverem em sociedade. Compartilho da visão dos informantes dessa pesquisa, visto que para eles, a expulsão, única e exclusivamente, não funciona como diminuidor da violência. A conscientização, nesse caso, indiscutivelmente, se faz necessária e urgente.

Gráfico nº 36– pergunta 16.-Para solucionar a violência escolar deveria ser o diálogo e a compreensão?



Fonte: construção própria.

Sabe-se que o diálogo e a compreensão são necessidades essenciais na vida de um ser humano. Nesse sentido, para essa pesquisa, perguntou-se, por meio dos questionários aos sujeitos quais seriam as formas de se solucionar o problema da violência. Dos respondentes, 89% responderam positivamente e 11%, afirmaram que não.

É importante destacar que o diálogo é bastante importante para as relações entre as pessoas, porque quando não há diálogo cada um faz o que quer e depois disso gera violência, porque cada um tem uma determinada atitude.

Há alguns aspectos éticos e profissionais que os profissionais da educação, enquanto formadores de opinião e veiculadores de opinião, devem se acautelar no combate à violência escolar.

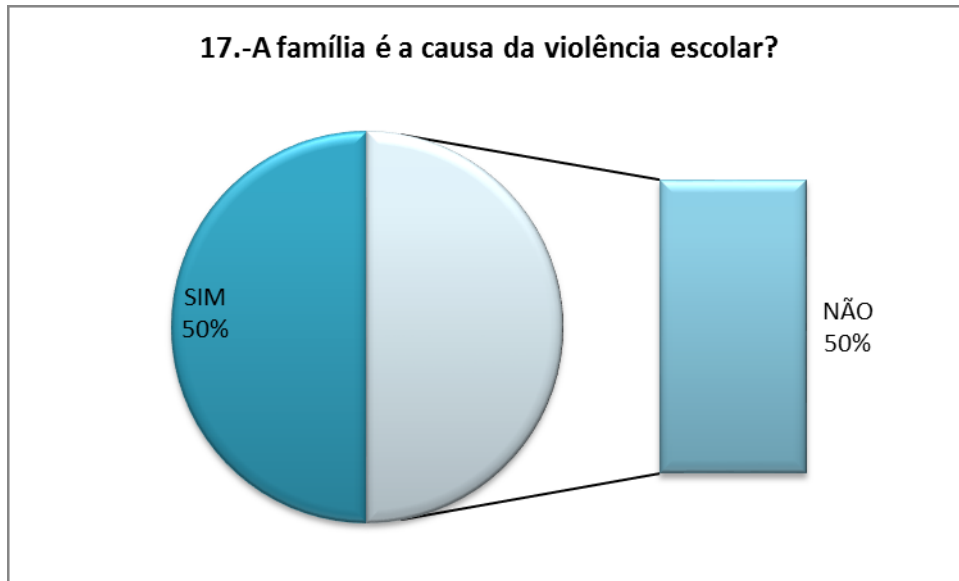
Na realidade, a violência escolar pode diminuir ou acabar com um conjunto de medidas, dentre elas, o aprimoramento do diálogo no espaço escolar e compreensão do espaço e da situação em que os sujeitos estão inseridos.

Diante do exposto, entende-se que é imprescindível que se forme vínculos afetivos com os alunos que praticam atos violentos nos espaços escolares, a fim de se aproximar deles, de modo que alunos e professores possam se respeitar no processo de ensino aprendizagem.

A esse respeito, nos revela, com certeza, uma compreensão que se desenhará a partir da confiança estabelecida entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Compreender o outro é essencial no espaço escolar. Assim, na escola o clima da aula deve ser de liberdade e de tolerância, de modo a permitir que os alunos tomem consciência dos seus valores e ajam em sintonia com eles. A autonomia a conduz a autodisciplina, não significando, no entanto, que o professor tenha uma atitude de indiferença, ou de apatia perante os alunos. Pelo contrário, as suas atitudes, embora democráticas, devem ser firmes, mas compreendendo as dificuldades pelas quais os estudantes violentos passam.

Gráfico nº 37– pergunta 17.-A família é a causa da violência escolar?



Fonte: construção própria.

Para os informantes dessa pesquisa, metade compreende que a família é a causa da violência escolar e a outra metade, entende que não é a família a causa da violência escolar.

O que se vê, de fato, nessa sociedade é a omissão dos pais em relação a qualquer problema que se refira aos filhos é gravíssima. Ninguém pode educar se omitindo; mas as palavras e atitudes impensadas na hora de repreender um jovem, uma criança, são extremamente prejudiciais, principalmente quando insuflam a violência.

É importante observar o comportamento do jovem em casa e na escola, principalmente quando ele apresenta alguns sinais de agressividade, quando reage com impaciência e grande excitação às situações corriqueiras; quando expressa violência contra amigos e familiares e age sem sentir-se culpado. Esses são fortes indícios de que existem problemas que merecem muita atenção.

Por fim, não ter uma mente formada e ideias próprias, crianças e adolescentes podem ser influenciados pelos amigos ou mesmo pela mídia: novelas, jogos e etc. isso pode fazer com que eles desenvolvam um comportamento agressivo, aderindo a essas influências sem pensar nas consequências.,

Gráfico nº 38– pergunta 18.-A sociedade seria a causa da violência escolar?



Fonte: construção própria.

No que se refere a causa da violência escolar, 87% dos respondentes dos questionários aplicados, entendem que a sociedade é a grande responsável. Apenas 13% não concordaram com essa afirmativa. A partir desse contexto, ficou evidente que os informantes, percebem que a sociedade influencia em como os sujeitos determinam suas vidas e como se comportam na sociedade, pois todos domos frutos do meio em que vivemos.

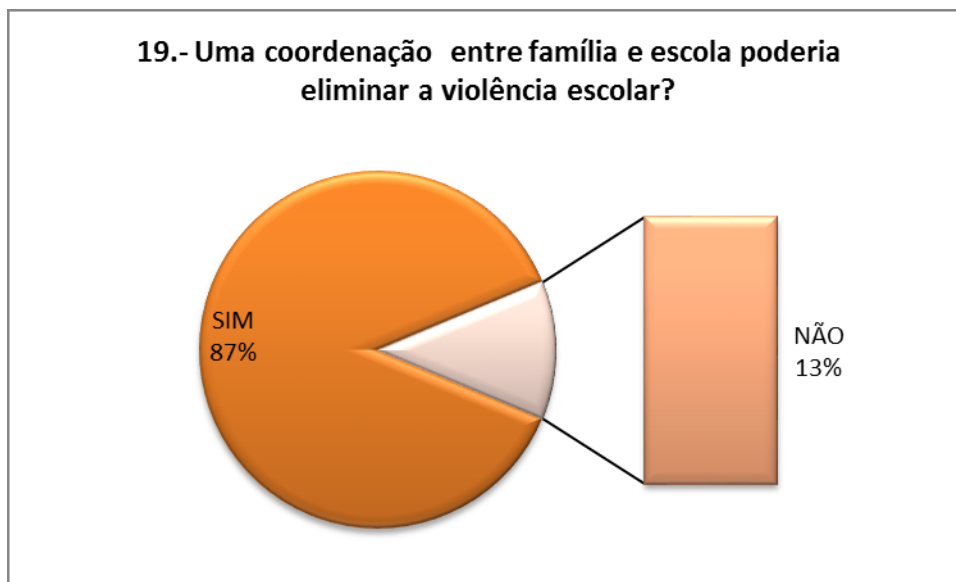
De acordo com Rousseau (1978, p. 71), o homem se sociabilizou, portanto contra a sua própria natureza para não perecer (se não mudasse o modo de vida pereceria). A visão Rousseauniana tem muito de atual, o homem busca sempre não sofrer nos espaços em que vive. Contudo, esse mesmo homem influencia e é influenciado por esse espaço social.

Diante disso, entende-se que, para continuar e existindo, o homem precisou contrariar sua essência: como ser sensitivo, o homem é solitário e naturalmente independente, mas tornou-se um ser moral consciente e socialmente dependente. Na natureza, bastavam os sentimentos naturais, amor de si e piedade; em sociedade, são também necessários sentimentos morais e artificiais. Isso só foi possível porque o homem é livre. Como é livre pode adaptar-

se a novas circunstâncias e melhorar suas condições de vida, isto é, o homem pode se aperfeiçoar, mas também influencia e é influenciado pela sociedade da qual faz parte.

Nesse aspecto, entende-se que a sociedade, conforme os respondentes apontaram, tem sua responsabilidade na produção da violência escolar posta nos espaços de educação formal.

Gráfico nº 39– pergunta 19.- Uma coordenação entre família e escola poderia eliminar a violência escolar?



Fonte: construção própria.

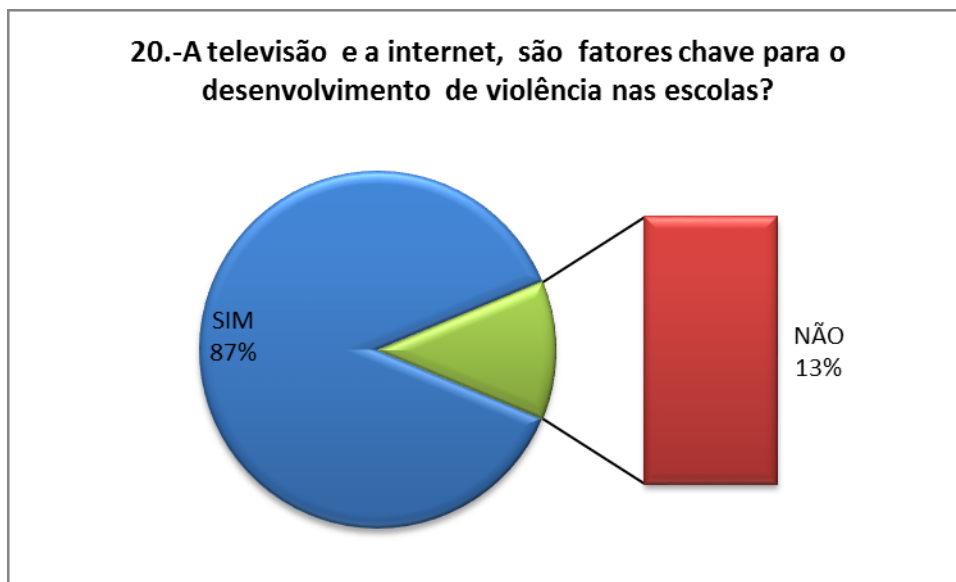
No tocante da possível existência de uma coordenação entre família e escola como forma de eliminar a violência escolar, 87% dos sujeitos, responderam que sim e apenas 13% disseram que não. Tais respostas são indicativas de que para a maioria dos respondentes, se houvesse essa coordenação, aproximação, diálogo, cumplicidade entre família e escola, a violência escolar seria eliminada.

A participação da família na escola em uma coordenação efetiva com esta, é o sonho de muitas instituições de ensino. Na realidade, esta coordenação

efetiva, não resolveria apenas o problema grave da violência, mas outros. Quais sejam: repetência escolar, gestão democrática, qualidade da educação pública.

Pode-se perceber que a coordenação da família com a escola, favorece, sem sombra de dúvida a melhoria da violência escolar. O estudante precisa ter a família próximo de si em sintonia com a escola. Essa coordenação se faz necessária para garantir o processo de ensino aprendizagem sem violência que só atrapalha a busca de uma educação de efetiva qualidade para os cidadãos.

Gráfico nº 40– pergunta 20.-A televisão e a internet, são fatores chave para o desenvolvimento de violência nas escolas?



Fonte: construção própria.

Por fim, a televisão e a internet, são fatores chave para o desenvolvimento de violência nas escolas, isso foi o que 87% dos sujeitos da pesquisa responderam. Esses são a maioria. Não concordaram com isso, 13% dos demais que responderam ao questionário.

Assim, percebe-se que para eles, a televisão e a internet, propagam a violência que se expressa na escola. Isso porque, a mídia, assim, contribui para a

formação do imaginário social, reforçando mitos e estruturas de poder e consequentemente da violência.

A mídia, tanto cinematográfica como televisiva, tem forte influência dentro da instituição escolar, pois seu alcance traz a ideologia dominante de maneira muito rápida e globalizada. Bahia (2012) também assevera que os meios de comunicação de massa se tornaram especialmente relevantes para difundir ideias, criar estados emocionais coletivos e legitimar o projeto de cultura nacional dentro de um processo de modernização do país. A comunicação de massa representou uma nova forma de sociabilidade e novas condições de existência de lutas culturais pela hegemonia.

Nesse sentido, quando os indivíduos vêm, cotidianamente, para o campo educacional (onde já existe o campo dos dominantes e o campo dos dominados) com seus hábitos e, se no campo já foi hegemônico, principalmente pela mídia com o discurso do poder, qualquer tentativa de resistência à homogeneidade naturalizada será considerada errada, ilegal. Assim, para o combate desse “diferente”, entra nesse campo a violência simbólica.

Enfim, percebe-se que para os informantes desse estudo, nesse item analisado, a televisão e a internet que fazem parte da mídia, são responsáveis pela violência vivida no espaço escolar e que só atrapalha o desenvolvimento dos trabalhos propostos para esse espaço.

4.4.- Entrevista aplicada a direção da escola:

Foram aplicadas a seis (06) participantes constituídos por:

01.- gestor escolar;

01.- Gestor adjunto;

01.- Secretária escolar

03.- Educador de apoio escolar;

Quadro nº 04.- Descrição das entrevistas :

QUESTIONES	RESPOSTAS	CONCLUSIÓN
1.-O que entende por violência escolar?	<p>1.-Violência é um ato de agressão com o outro, independente de ser física, verbal, psicológica ou usurpal, (apossando-se do direito alheio). Se acontece no ambiente da escola, é violência escolar. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Todo e qualquer risco físico ou psicológico sofrido no ambiente escolar.(Gestor adjunto).</p> <p>3.-Qualquer forma de agressão ou desrespeito a outrem caracteriza-se uma violência. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Qualquer ato ou atitude prejudicial ao outro ocorrido na escola ou um espaço ligado diretamente ao ambiente escolar. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Todo tipo de agressão, física, psicológica, verbal, ou qualquer outro similar a estes, que ocorrem dentro da escola, é violência escolar. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Qualquer agressão que aconteça dentro do ambiente escolar. (3-Educador de apoio escolar).</p>	É um ato de agressão, todo tipo de risco físico ou psicológico que seja prejudicial ao outro.
2.-Que tipos de violência escolar encontramos em nas escolas?	<p>1.-São muito comuns agressão física, verbal e psicológica. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Dos mais variados tipos: agressão física, moral, psicológica e outras. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-Agressão física, verbal e psicológica.</p> <p>4.-Física, moral e psíquica. (Secretária escolar).</p> <p>5.-Aqui na escola ocorrem todas, porém se colocarmos na balança, a agressão verbal se sobrepõe sobre as demais e contribui para que estas se concretizem isto porque temos uma clientela e um entorno social propício. Dentro da escola existem as panelinhas e até mesmo gangues, grupos que se agridem, se atacam, e tudo começa de forma verbal. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Física , verbal e outras. (3-Educador de apoio escolar).</p>	Agressão física, verbal, moral psicológica e outras. A agressão verbal se sobrepõe sobre as demais.
3.-A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem?	<p>1.-Interfere bastante porque tira a concentração do aluno desviando o foco. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Muito, pois desencadeia muitos tipos de problema que comprometem a aprendizagem. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-Interfere, pois o aluno se dispersa e fica psicologicamente abalado o que faz com que o mesmo se desvie do foco que é a aprendizagem. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Sim, porque toda vez que algo nos incomoda apresentamos uma reação e a reação do aluno</p>	Interfere muito-bastante porque tira e dispersa o aluno. Contribui de forma negativa para o aluno.

	<p>diante da violência é o desvio de atenção. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Interfere bastante, basta saber que quanto mais a escola se localiza na periferia, mais gritante é esta interferência, porque aumenta a situação de pobreza, falta de estrutura familiar, drogas e outros agravantes. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Interfere, porque contribui de forma negativa para o aluno e para o professor. A violência gera uma intranquilidade de forma que nenhuma das partes fica à vontade para a interação ensino-aprendizagem. (3-Educador de apoio escolar).</p>	
4.-Que tipo de violência interfere más no processo de ensino-aprendizagem?	<p>1.-A que mais interfere neste processo é a violência física porque se torna mais evidente e ocorre com muita frequência. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Todas aqui citadas interferem igualmente, sendo que a física e a verbal ocorrem com maior frequência. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-Certamente é a agressão física, porque o aluno já convive com isso em casa, chega na escola sem estímulo para aprender e reproduzindo a violência que ora sofre em família. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Todos os tipos podem interferir, depende de como cada um absorve as ações de violência, porém o bullying ganha um grande destaque se apresentando como uma das piores formas de violência. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Na verdade é uma mistura da verbal com a psicológica que sempre resultam na física. Um aluno bota pressão no outro que acaba desistindo de estudar ou perdendo completamente o gosto pela aprendizagem. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Verbal, física e psicológica. (3-Educador de apoio escolar).</p>	A que mais interfere é a física, depois verbal, psicológica, bullying.
5.-A violência escolar produz alterações no rendimento dos alunos/as?	<p>1.-Sim, porque em uma rotina não regular o aluno perde de adquirir ou aproveitar muito daquilo que estaria estipulado para sua absorção em um período determinado. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Sim, porque não existe concentração em meio a perturbação. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-A violência altera o rendimento do aluno. Dependendo do modo como se caracteriza e como é tratada pode causar um impacto maior ou menor. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Produz . Se observarmos, as escolas mais vulneráveis à insegurança são as que apresentam o mais baixo rendimento escolar. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Com certeza, e se a escola não recebe o apoio das autoridades ocorrem situações terríveis que não só alteram o rendimento, mas comprometem a vida do aluno.</p> <p>6.-Produz alterações negativas. O aluno fica apreensivo, pessimista e irrequieto, está sempre na</p>	Sim, o aluno perde de adquirir, não existe concentração, altera o rendimento, compromete a vida do aluno e fica apreensivo, pessimista e irrequieto.

	defensiva e esperando uma confusão a qualquer momento e isso compromete o rendimento do aluno. (3-Educador de apoio escolar).	
6.-A violência escolar altera a metodologia utilizada pelo professor em aula?	<p>1.-Com certeza, porque lidando com a situação de violência o professor não consegue atingir as metas traçadas em seu planejamento. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Sim, o professor sempre tentará formas de ajustar seus métodos de acordo com o seu público e a sua realidade. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-A violência altera com certeza a metodologia do professor uma vez que diante desta realidade se faz necessário rever sua postura, seu planejamento e ter um olhar totalmente voltado para esta clientela (Secretária escolar).</p> <p>4.-Não soluciona, apenas minimiza. Violência é problema social que não é da competência do professor resolver. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Altera sim. Só para ter uma ideia, na nossa escola o professor parar a aula para separar brigas é uma rotina diária. Quando não na sua sala é correndo para ajudar o outro colega a desfazer as confusões em outras salas. Só aí já se foi a metodologia. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Acho que pode alterar sim. Pode haver a necessidade de mudar esta metodologia trazendo aulas mais voltadas para atividades que estimulem a convivência e a harmonia. (3-Educador de apoio escolar).</p>	Sim, o professor não consegue atingir as metas traçadas em seu planejamento, é uma rotina que o professor parar a aula para separar brigas. Uma pessoa fala que não, que é um problema social e não é da competência do professor resolver.
7.-A metodologia do professor poderia solucionar os problemas de violência escolar?	<p>1.-Pode-se dizer que a metodologia do professor pode reduzir e não solucionar, pois a violência não é algo que se forma dentro do ambiente da escola, mas é proveniente da realidade vivida pelo aluno no seu contexto familiar e social. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Acredito que solucionar não seria bem a questão, mas boas metodologias poderão alcançar bons resultados e funcionar como intervenção. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-Não. Acredito que a metodologia é capaz de amenizar se houver consonância com a família desenvolvendo um trabalho de sensibilização do aluno direcionando seu olhar para a cultura da não violência. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Não soluciona, apenas minimiza. Violência é problema social que não é da competência do professor resolver. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Isso depende muito da escola, aqui eu acho que não, porque aqui é algo bem maior, a violência já vem de casa, do contexto e fica muito difícil de controlar, é uma situação que perpassa a metodologia do professor. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Dizer que pode solucionar seria pura utopia, mas pode amenizar sim se tiver uma metodologia totalmente voltada para este contexto aplicando</p>	Em geral dizem que pode reduzir e não resolver, boas metodologias pode reduzir a violência, dizem que é um problema social, mesmo que o professor tenha uma metodologia totalmente voltada para o contexto seria bom.

	<p>ininterruptamente atividades para este fim. Porque a violência na escola é um reflexo do que o aluno vive em casa e na rua. Então não é uma tarefa fácil. (3-Educador de apoio escolar).</p>	
<p>8.-Quais metodologias favorecem na diminuição da violência escolar?</p>	<p>1.-A participação ativa da família e um trabalho em parceria com o poder público, Guarda Municipal, Conselho Tutelar, Secretaria de Educação, além de palestras educativas e outras ações interventivas. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Metodologias que envolvem o grupo, dialogam diversos assuntos e trazem interação. Podem ser lúdicas, como jogos, ou socializadoras, como palestras e oficinas. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-Um trabalho com ações no contra turno, como esporte, lazer, palestras, atividades culturais e outras práticas pode favorecer a diminuição da violência dentro da escola. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Uma metodologia que leve o aluno a refletir sobre seus direitos e deveres entre outras ações que dizem respeito à gestão como por exemplo abrir as escolas nos finais de semana, promover palestras, competições entre turmas para que o aluno compreenda a que se pode ganhar ou perder com dignidade e honestidade, etc. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Aí eu volto a questão, não é nem a metodologia, tem de ser algo maior, grandes projetos que envolvam esse aluno do começo ao fim com a intervenção dos órgãos públicos, porque pelo peso da violência aqui no nosso contexto a escola sozinha não dá conta. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-O primeiro passo é trazer a família e a comunidade para dentro da escola. A realização de palestras, seminários sempre abordando temas de conscientização. Sabendo que nesta comunidade a droga é uma "cultura," infelizmente tudo que se fizer é necessário o apoio de autoridades judiciais e governamentais, qualquer metodologia que se realize extra classe a escola não pode fazer sozinha. (3-Educador de apoio escolar).</p>	<p>Esporte, lazer, palestras, atividades culturais, refletir o aluno sobre seus direitos e deveres, trazer a família e a comunidade para dentro da escola, a participação ativa da família em parceria com o poder público.</p>
<p>9.-O ambiente familiar e social explicariam a maior parte da violência que se desenvolve nas escolas?</p>	<p>1.-Sim, o ambiente familiar e social são os maiores responsáveis porque o descaso da família e a falta de estrutura acarretam a violência.(Gestor escolar).</p> <p>2.-O ambiente familiar é o primeiro lugar reconhecido pela criança, a falta dele ou a falta de estrutura na família traz abalos que podem comprometer seriamente a vida social, afetiva e psicológica, o que a torna revoltada elevando o grau de violência. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-Sim, pois sabemos que muitas famílias são desestruturadas e este desequilíbrio reflete no cotidiano escolar, porque muitos já chegam aflorando a violência que compartilham na família e no meio social no qual estão inseridos. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Sim. Exposição à violência doméstica, exclusão</p>	<p>O ambiente familiar é maior responsável da violência nas escolas.</p>

	<p>social, ausência de limites e até a violência transmitida pelos meios de comunicação são todas lançadas dentro da escola pelo aluno. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Não sei nas outras, mas aqui com certeza, porque estamos dentro de um contexto onde a sociedade e a família fazem culto à violência. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Sem dúvida nenhuma. Como já foi dito, aqui é o reflexo da família e de seu contexto social. Esta escola está situada em um ambiente de alta periculosidade porque a influência e o tráfico de drogas é muito forte e sabemos que não é só isso. Existem os casos de violência familiar, pais que já no efeito das drogas abusam sexualmente das filhas, espancam e matam as esposas na frente dos filhos escondem drogas, armas e objetos roubados em casa entre outras coisas que não caberiam numa simples entrevista. (3-Educador de apoio escolar).</p>	
<p>10 - Se houvesse uma melhor coordenação entre escola e família a violência diminuiria?</p>	<p>1.-Sim, porque se os pais fossem mais presentes e ensinassem os valores colaborando com a escola, ajudaria a reduzir os índices de violência. (Gestor escolar).</p> <p>2.-Dependendo do tipo de violência, esta poderá até deixar de existir. A parceria entre família e escola pode ser trabalhada pelo bem comum e o sucesso do aluno. Qualquer forma de amenizar ou diminuir a violência vale a pena. (Gestor adjunto).</p> <p>3.-Sim, porque a parceria ajudaria a diminuir consideravelmente o índice de violência pois o aluno não ficaria solto e jamais se sentiria sem apoio e orientação. (Secretária escolar).</p> <p>4.-Eu diria que se houvesse uma parceria melhor entre família e escola a violência poderia sim diminuir. (1-Educador de apoio escolar).</p> <p>5.-Diminuiria, até porque uma das grandes dificuldades aqui é acionar a família. Agora por exemplo se formos tentar um contato com vinte pais, provavelmente não conseguiremos nem quatro, porque a maioria está trabalhando, alguns só tem o pai sem a mãe, outros vivem com os avós e se torna um grande desafio. Quando se consegue trazer um pai para pedir ajuda para o filho, o pai chega para pedir ajuda à escola, mas ainda assim a família poderia contribuir para a diminuição da violência, apesar de quem a maioria dos casos nem mesmo os pais tem valores para passar para os filhos e nem tem planejamento familiar. (2-Educador de apoio escolar).</p> <p>6.-Talvez, porém existe uma triste realidade: A família precisaria ser trabalhada primeiro, pois o que observamos é que o aluno aprende na família a ser violento. Eis a questão: Que ensinamentos teria essa família para repassar para o aluno e ajudar no combate à violência. (3-Educador de apoio escolar).</p>	<p>Sim uma melhor coordenação ajudaria a reduzir os índices de violência.</p>

Fonte: construção própria.

4.5.-Análise dos Resultados

Nossas conclusões estão relacionadas aos nossos objetivos, e problemáticas de investigação. Em análise das entrevistas aplicada aos envolvidos na administração da escola, percebem que deveria ter uma melhor coordenação, pois esta ajudaria a reduzir os índices de violência. Quanto ao esporte, lazer, palestras, atividades culturais, ajudaria aos alunos a refletir, sobre seus direitos e deveres. Além disso, possibilita trazer a família e a comunidade para dentro da escolar, a participação ativa da família em parceria com o poder público. E este responde ao Objetivo geral.

Quanto aos **objetivos específicos** a entrevista responde quanto a violência no contexto escolar que todos afirma que no ambiente familiar é maior responsável da violência nas escolas. Porque trás para a escola o que acontece em casa. E ainda afirma que de modo geral poderíamos reduzir a violência, mas não resolver, com a utilização de boas metodologias, dizem que é um problema social, mesmo que o professor tenha uma metodologia totalmente voltada para o contexto seria bom.

Quanto ao **objetivo quarto** que é Descrever a metodologia voltada para a mediação da violência. Os entrevistados pensam que o planejamento, é uma rotina que o professor deve usar parar a aula para separar brigas e violências verbais. O que não pode acontecer é que quando um aluno diz não vai respeitar o colega, fique sem solução, pois este é um problema social, mas é da competência do professor resolver.

Os entrevistados acreditam que se o professor não consegue atingir as metas, os alunos perdes de adquirir conhecimento, porque não existe concentração, altera o rendimento, compromete a vida do aluno e fica apreensivo, pessimista e inquieto. E esta violência é o que mais interfere no processo de ensino-aprendizagem acarretando danos ao aluno que sofre de bullying.

E dessa forma, podemos afirmar nossa **hipótese e nosso problema** de investigação que é verificar se a violência escolar interfere no processo de ensino-

aprendizagem. De modo que, as entrevistas e os questionários na visão dos alunos entendem que a agressão física, verbal, moral psicológica e outros tipos de agressão Interfere muito no processo de ensino-aprendizagem, porque tira a atenção dos alunos em sala de aula, fazendo com que dispersem a atenção. Estando assim, contribuindo de forma negativa para o aluno. A violência é um ato de agressão, todo tipo de risco físico ou psicológico que seja prejudicial ao outro.

5.-CONCLUSÕES

Diante do exposto, verifica-se que a violência na escola pesquisada é a principal responsável pela dificuldade dos alunos no processo de ensino–aprendizagem eficaz, evidenciado na fala dos participantes da pesquisa. A análise dos dados a partir dos estudos dos autores estudos como, indicam que a violência na escola envolve situações que estão ligadas à condições familiares e institucionais.

Na realidade, a violência na escola, não é causada apenas por um fator, mas por um conjunto de fatores que interferem no processo de ensino aprendizagem e refletem, sem sombra de dúvidas no processo de melhoria da qualidade da educação.

Em nossas conclusões nos enfocamos em nossos objetivos, hipóteses e problemática de pesquisa. Nosso **objetivo geral** é analisar se a violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem. Verificamos que sim, que esta interferência vem piorando a cada ano com a incidência do aumento da violência escolar.

E com base nos **objetivos específicos**: verificamos que, no primeiro que seria a definição de violência em contexto escolar. Responde-nos no marco referencial que nos aclara e nos fortalece quanto ao conceito.

No **segundo objetivo específico**, que é identificar os tipos de violências que interfere no processo de ensino-aprendizagem. Este constatamos no marco referencial, como também na entrevista que demonstrou os tipos de violência mais frequente no âmbito educativo.

No **terceiro objetivo específico**, verificar a relação que existe entre violência e processo de ensino aprendizagem. Este nos respondeu o questionário passado aos professores que destacaram que está relacionado a violência escolar e o fracasso educativo.

No **quarto objetivo específico**, descrever a metodologia voltada para a mediação de conflitos. Este foi possível concretar com a entrevista e as respostas obtidas pelos professores de apoio que nos colocou ideias para solucionar este tema.

Desta forma, para o **quinto e último objetivo específico**, que é mostrar os fatores familiares e sociais que ocasionam a violência. Este nos respondeu nos

questionários passados aos alunos, e que nos revelaram que as famílias tem sua parcela de culpa sobre esta violência, postura que nos demonstraram também os professores investigados, pois, percebem a importância e reconhecem que os pais devem fazer parte da formação, assim como, o próprio aluno mudar sua postura agressiva diante da necessidade de se ter uma educação de qualidade.

Relativo ao nosso **problema de pesquisa**, que é saber se a violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem? Contatamos em todos os instrumentos que os participantes afirmam que sim, que esta violência interfere de modo negativo ao desenvolvimento educativo.

E assim, confirmamos nossa **hipótese de investigação** que a **violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem**. De forma que, torna-se importante considerar de cada aluno sua história de vida e a conduta apresentada durante as atividades em sala de aula e no contexto escolar, para que possa ter condições de resolver esta problemática que nos contextos educativos está visível.

E para finalizar, buscamos responder as nossas perguntas de investigação com o intuito de fortalecer a busca por informações. Portanto, buscamos responder: Porque ultimamente temos o **crescimento da violência** na escola em questão? 2- O que devemos fazer para **solucionar o problema** de violência na escola? 3- Qual a **relação entre violência escolar e processo de ensino aprendizagem**? 4- Que tipo de **proposta educativa** a escola desenvolve para melhorar a violência na escola?

Quando fazemos uma pesquisa, fazemos uma imersão na realidade dos sujeitos e mergulhamos em inúmeras possibilidades. Assim, entendemos que há alguns pontos que podem diminuir ou contribuir com a exclusão da violência na escola. Diante disso, apresenta-se, nesse espaço sugestões de atividade voltadas para a minimização dos atos de violência na escola. Quais sejam:

- a) Valorizar o diálogo em suas diferentes manifestações e dimensões como a principal estratégia para lidar com a questão da violência no ambiente intra – escolar, buscando diminuir o crescimento da violência escolar;
- b) Dar voz ao estudante, desenvolver formas de participação e construção de normas, discutir com alunos e pais suas expectativas. Buscando assim, solucionar o problema de agressão dentro da escola.

- c) Refletir sobre sua tarefa educativa, construindo alternativas para o enfrentamento desta problemática. De forma que, possamos entender melhor a relação entre violência escolar e processo de ensino.
- d) Criação de projetos para levar os pais a escola, trabalhando uma recreação dirigida dentro ou fora da escola. Este em forma de proposta educativa, que visem a melhoria no processo educativo.

É importante asseverar que os elementos coletados no corpo desse estudo e a análise das teorias deu a oportunidade não só para a reflexão acadêmica acerca da violência escolar, mas apontar uma direção da escola refletir sobre o fenômeno da violência e suas implicações na prática pedagógica.

Nessa dimensão, este estudo contribui como reflexão de modo que os profissionais a área de educação na construção possam construir estratégias pedagógicas que permitam trabalhar essa problemática da violência escolar no dia-a-dia das instituições escolares.

É importante perceber que o estudo revelou que a violência escolar interfere, sem sombra de dúvidas processo de ensino-aprendizagem. Um estudante violento acaba violentando o colega e a si mesmo.

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender, primeiro que aluno-violento pode ser um porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula. O aluno-problema não é necessariamente portador de um "distúrbio" individual e de véspera, mesmo porque o mesmo aluno "deficitário" ou "violento" com certo professor pode ser bastante produtivo com outro. Temos que admitir, a todo custo, que o suposto obstáculo que ele apresenta revela um problema comum, sempre da relação. Vamos investigá-lo, interpretando-o como um sinal dos acontecimentos de sala de aula. Escuta: eis uma prática intransferível e necessária.

Segundo, faz-se indispensável que o aluno violento, ou grupo de alunos violentos sejam tratados com uma regra ética. Essa regra refere-se à desidealização do perfil de aluno. Ou seja, abandonemos a imagem do aluno ideal, de como ele deveria ser, quais hábitos deveria ter, e conjuguemos nosso material humano concreto, os recursos humanos disponíveis. O aluno, tal como ele é, é aquele que carece (apenas) de nós e de quem nós carecemos, em termos profissionais.

Em terceiro lugar, é importante, de igual maneira, haver a fidelidade ao contrato pedagógico. É obrigatório que não abramos mão, sob hipótese alguma, do escopo de nossa ação, do objeto de nosso trabalho, que é apenas um: o conhecimento. É imprescindível que tenhamos clareza de nossa tarefa em sala de aula para que o aluno possa ter clareza também da dele, mesmo o aluno violento. A visibilidade do aluno quanto ao seu papel é diretamente proporcional à do professor quanto ao seu. A ação do aluno é, de certa forma, espelho da ação do professor. Portanto, se há fracasso, o fracasso é de todos; e o mesmo com relação ao sucesso escolar.

E por último, associado á políticas públicas de formação docente e combate a violência escolar pelo poder público, visto que a educação pública é responsabilidade do Estado, faz-se indispensável, a experimentação de novas estratégias de trabalho na escola. É preciso que o professor tome o seu ofício como um campo privilegiado de aprendizagem, de investigação de novas possibilidades de atuação profissional. Sala de aula é laboratório pedagógico, sempre. Não é o aluno que não se encaixa, o professor é quem oferece. É preciso sair da mesmice e romper com o tradicionalismo das aulas desinteressantes. É necessário reinventar os conteúdos em certa medida, precisamos reinventar nossa relação com eles, para que se possa, enfim, preservar o escopo ético do trabalho pedagógico e combater a violência na escola que também é um ato pedagógico e a ação pedagógica não pode se eximir disso.

Por fim, esse estudo demonstrou no seu corpo que a escola é um espaço personalizado de atendimento aos alunos, sejam eles violentos ou não. Não buscamos culpados. O que se quer, de fato, é que essa violência não aconteça e não atrapalhe a aprendizagem dos estudantes.

O trabalho aqui apresentado não é o fim em si mesmo. É, sobretudo um desafio a todos os dirigentes das escolas, professores, auxiliares de ação educativa, alunos, encarregados de educação e técnicos de educação, gestores municipais, estaduais, federais, para que de forma concertada e articulada reúnam esforços e trabalhem no sentido de reduzir a violência na escola, pois a qualidade do futuro de todos, também disso depende.

5.1.- Sugerências e Recomendações

Com a realização desta pesquisa de campo percebemos através dos resultados que é possível contribuir para que a comunidade escolar se sinta valorizada, reconhecida, e plenamente responsável por garantir aos estudantes as condições de aprendizagem e de desenvolvimento necessários para a consolidação de sua cidadania. Evidencia-se nos questionários dos estudantes, um sentimento positivo de amizade e a compreensão que a violência é algo que interfere no processo de aprendizagem.

Dessa forma, consideramos importante destacar sugestões para melhorar as atividades e diminuir as incidências de violência na escola.

- 1).- Criar mais ambientes pedagógicos com valorização das formas de tratar aos colegas na escola com a participação da família no ambiente escolar.
- .2).- Desenvolver projetos educativos com a temática de não violência na escola implicando a participação da família na escola.
- 3).- Proporcionar uma formação continuada aos professores, para que possam compreender melhor a temática de violência, e ter condições de desenvolver novas metodologias eficaz e eficiente sobre a violência educativa.
- 4).- Implicar os próprios alunos nas atividades cotidianas, e realizar debates que os obriguem a refletir sobre o porque da violência e como pode ser resolvido.
- 5).- Buscar mais recursos junto ao Governo Federal para acelerar a implantação de projetos e programas que valorize e fortifique o processo de ensino-aprendizagem, para diminuir a violência escolar.

Com tudo isso, nós como educadores não podemos ficar inertes diante de tantas mudanças significativas que estão acontecendo e deixar que todos esses problemas possam interferir no processo de aprendizagem. E devemos estar mais atentos às necessidades dos alunos em muitas vezes encontrar um professor amigo. Ademais, é importante que os coordenadores busquem formação constante para manter seu conhecimento atualizado a fim de desenvolver competências na Educação. Que os debates estejam mais presentes com a

participação das famílias e com a finalidade de buscar a compreensão de todos os envolvidos no processo do trabalho educativo como também da instituição escolar em relação a função específica do professor, e do aluno com antecedentes de violência escolar.

Devemos como professor nos atrever, no sentido de propor um plano de trabalho que dê clareza, direta, a todos os envolvidos da para que identifiquem as violências e melhore as ações do corpo docente da instituição escolar , buscando assim, garantir um funcionamento da escola conforme prevê a Legislação, construindo uma educação de qualidade.

6.-BIBLIOGRAFIA

- Aubert, A.; Flecha, R.; García, C.; F., Ainhoa; Racionero, S. (2010). *Aprendizaje Dialogico em La Sociedad de La Informacion*. Barcelona, Hipatia Editorial.
- Ausubel, D.P.; Novak, J.D. y Hanesian, H. (1983). *Psicología educativa: um punto de vista cognoscitivo*. México, Editorial Trillas. Traducción al español, de Mario Sandoval P., de la segunda edición de Educational psychology: a cognitive view.
- Amaral, L. A. (1998). Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: Aquino , J. G. (org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial.
- Abramovay, M.; e Rua, M. (2003). *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.
- Abramovay, M.; e Rua, M. (2009). *Violências nas Escolas: Versão Resumida*. Brasília: UNESCO.
- Abramovay, M. et. al. (2002). *Escola e Violência*. Brasília: UNESCO, UCB.
- Abramovay, M., y Rua, M.G. (Coords.), (2002). *Violência nas escolas*. Brasília: Unesco, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME.
- Aquino, J.G. (1998). A violência escolar e a crise da autoridade docente. In *Caderno Cedes*, ano XIX, nº47, dezembro/98. p. 07-19
- Arendt, H. (1999). *Da Violência*. In *Crises da República*. São Paulo: Perspectiva, 2ªed pp. 92-156
- Arendt, H. (1992). *Entre o passado e o futuro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- Bahia, L. (2012). *Discursos, políticas e ações: processos de industrialização do campo cinematográfico brasileiro / organização da coleção Lia Calabre*. – São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012.
- Brasil (1991). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília Proclamação da Republica.
- Brasil (2017). Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_Acesso em: 12 de Setembro de 2017.
- Brito, R. et al. (2005). *Violências domésticas contra as crianças e adolescentes*. Ciência Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. vol.10.Março.

- Brasil. Ministério da Saúde. (2001). *Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2004). *Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Gestão da educação escolar*. Brasília: UnB/ CEAD.
- Bordignon, G.; e Gracindo, R. V. (2004). Gestão da educação: o município e a escola (p. 147-156). In: N.S.C. Ferreira, e M.A. Aguiar, *Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos*. São Paulo: Cortez.
- Bourdieu, P.J.C. (1975). *A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Charlot, B. (2011). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>> Acesso em: 24. Setembro de 2017.
- Chesnais, J.C. (1981). *Histoire de la violence*. Paris: Robert Laffont.
- Charlot, B. (2006). Prefácio. In: Abramovay, M. et al. *Cotidiano das Escolas: entre violências*. Brasília: Unesco, Observatório de Violências nas Escolas, MEC.
- Capllonch, B.M., Figueras C.S., e Lleixà, T. (2017). Prevención y resolución de conflictos en educación física: estado de la cuestión: *RETOS. Nuevas Tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*- online-en, acceso 15/07/2017.
- Colombier, C.; Mangel,G.; e Perdriault, M. (1989). *A violência na escola*. São Paulo, Ed.Summus.
- Cruz, S.H. (1997). Representação de escola e trajetória escolar. *Psicologia*, São Paulo, USP, 8,1-14.
- E.C.A. (2001). *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8.069/1990*. Recife: CEDCA.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fabre, M. (1995). *Penser la formation*. Paris: PUF.
- Formosinho, J. (1991). *Formação contínua de professores: Realidades e perspectivas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Foucault, M. (1986). *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Garcia, J. (2008). Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. In J. Cunha, & L. Saete (orgs). *Escola, conflito e violência*. Santa Maria: Ed. da UFSM.
- Galtung, J. (1995) *Investigaciones teóricas. Sociedad y cultura contemporáneas*. Madrid: Tecnos.
- González, J.A.T.; Fernández, A.H.; e Carmargo, C.B. (2014). *Aspectos fundamentais da pesquisa Científica*. Asunción: Marben.
- Guimarães, Á.M. (1996). *A dinâmica da Violência escolar: Conflito e Ambiguidade*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Levin, J. (1987). *Estatística Aplicada a Ciências Humanas*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Harbra Ltda, 1987.
- Lima, R. de. (2017). Violência na/da escola. *Revista Espaço Acadêmico*. N 78, mensal, ano VII, nov.2007, <<http://www.espacoacademico.com.br> > Acesso em: 20 set.
- López, I.S. (2009). *Educação na família e na escola: o que é, como se faz*. 2.ed. São Paulo: Editora Loyola.
- Leal. A. (2017). *Filosofia, Ética e de Ciências Sociais. Terapeuta Comunitária e Instrutora de Tai Chi Chuan*. <http://www.significados.com.br/violencia/>. Acesso em: //05/06/2017.
- LDBEN- (2017). *Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96* acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. No dia 26/07/2017.
- Madeira, R. (2000). Violência nas escolas quando a vítima é o processo pedagógico. SEADE: São Paulo. *Perspectiva: a violência disseminada*, 13, 4, 49-61.
- Mascarenhas, A.C.B. (2002). *O trabalhador e a identidade política da classe trabalhadora*. Goiânia: Alternativa.
- Minayo, M.C.S. (2010). *Violência social sob a perspectiva da saúde pública*. Rio de Janeiro: Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública,
- Piaget, J. (1971). *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Peralva, A. (1996). La violence au collège: une étude de cas. Paris, *Relatório de pesquisa*, CADIS/CNRS.
- Polizelli, D., e Ozaki, A. (Org.)(2007). *Sociedade da Informação*. São Paulo: Editora Saraiva.

- Ktirkkiinen J., Rtiisstinen M., Huttunen M., Kallio E., Naukkarinen H., e Virkkunen M. (1995). Urinary excretion of bufotenin (N,N-dimethyl-5-hydroxytryptamine) is increased in suspicious violent offenders: A confirmatory study. *Psychiatry Res.* ; 58 : 145-52.
- Rousseau, J.J. (1978). *Contrato social*. São Paulo: Os Pensadores.
- Sampaio, S. (2011). *Dificuldades de Aprendizagem. 3. ed. A psicopedagogia na relação sujeito, família e escola*. Rio de Janeiro: Editora Wak.
- Silva, M.G.L.; Soares, G.M.R.S.; e Silva, J. (2017). *Violência escolar: implicações no processo ensino aprendizagem*. Disponível em: <http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt7/GT7_2006_04.PDF> Acesso em: 05 Julho.
- Sposito, M.P. (1998). A instituição escolar e a violência. In *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas. Ed. Cortez, n. 104, p. 58-75.
- Sposito, M.P. (2002). As vicissitudes das políticas públicas de redução da violência escolar (p.249-266). In M. Westphal, *Violência e Criança*. São Paulo: EDUSP.
- Viana, N. (2002). Escola e violência. In N. Viana, e R. Vieira, (Org.). *Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola*. Goiânia: Edição Germinal.
- Vygotsky, L.S. (1987). *Pensamento e linguagem*. 1° ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L.S. (1988). *A formação social da mente*. 2° ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes.
- Waiselfisz, J. et al (Org.). (1998). *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez Editora: Brasília: UNESCO.

7.-ANEXOS

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Prezado Professor Doutor,

Este formulário destina-se à validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo **tema** é: A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA ENEIDE COELHO PAIXÃO CAVALCANTI – BRASIL. Onde buscaremos responder ao seguinte problema: A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem? Para tal, teremos o **objetivo geral: Analisar se a violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem.** Abordaremos os seguintes **objetivos específicos:** 1 – Definir violência em contexto escolar; 2.- Identificar os tipos de violências que interfere no processo de ensino-aprendizagem; 3 - Verificar a relação que existe entre violência e processo de ensino aprendizagem; 4 - Descrever a metodologia voltada para a mediação da violência; 5- Mostrar os fatores familiares e sociais que ocasionam a violência.

Para isso, solicitamos sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da **clareza na construção** dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação.

A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com **(X)** se houver, ou não, coerência entre **perguntas, opções de resposta e objetivos**. No caso da questão ter suscitado dúvida assinale a coluna **(?)** descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

Nome do pesquisador: Maria Betânia Borges da Cruz Souza

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	Coerência			Clareza		
Questionário do Aluno	Sim	Não	?	Sim	Não	?
1.- O que entende por violência escolar?	X			X		
2.- Que tipos de violência escolar encontramos em nas escolas?	X			X		
3.- A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem?	X			X		
4.- Que tipo de violência interfere más no	X			X		

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DE QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

Prezado Professor Doutor,

Este formulário destina-se à validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo **tema** é: A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA ENEIDE COELHO PAIXÃO CAVALCANTI – BRASIL. Onde buscaremos responder ao seguinte problema: A violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem? Para tal, teremos o **objetivo geral: Analisar se a violência escolar interfere no processo de ensino-aprendizagem.** Abordaremos os seguintes **objetivos específicos:** 1 – Definir violência em contexto escolar; 2.- Identificar os tipos de violências que interfere no processo de ensino-aprendizagem; 3 - Verificar a relação que existe entre violência e processo de ensino aprendizagem; 4 - Descrever a metodologia voltada para a mediação da violência; 5- Mostrar os fatores familiares e sociais que ocasionam a violência.

Para isso, solicitamos sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da **clareza na construção** dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação.

A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com **(X)** se houver, ou não, coerência entre **perguntas, opções de resposta e objetivos**. No caso da questão ter suscitado dúvida assinale a coluna **(?)** descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

Nome do pesquisador: **Maria Betânia Borges da Cruz Souza**

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	Coerência			Clareza		
Questionário do Aluno	Sim	Não	?	Sim	Não	?
1.-Por violência escolar entendemos agressões físicas entre alunos? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Porque?	x			x		
2.-A Violência escolar é também insultar o agredir ao professor? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Porque?	x			x		
3.-Não fazer as atividades de classe, estar passivo, não obedecer, é uma forma de agredir ao professor?	x			x		

Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?						
4.-A violência surge nas escolas por culpa dos outros, nunca por minha culpa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	x			x		
5.-Excluir a um aluno/a de classe, jogos, atividades...é uma forma de violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	x			x		
6.-Coagir a uma pessoa é uma forma de violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	x			x		
7.-Perseguir a um aluno, o entre alunos é uma forma de violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	x			x		
8.-Produzir medo em outros alunos é uma forma de violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	x			x		
9.-A violência escolar influem sobre a aprendizagem dos alunos/as? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	x			x		
10.-Quando temos violência na escola, implica mudança na forma de ensinar do professor/a? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	x			x		
11.-Os alunos/as podem evitar a violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			X		
12.-Os professores/as podem eliminar a violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
13.-A prevenção seria a melhor forma de eliminar a violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
14.- Um professor autoritário eliminaria a violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
15.-A expulsão dos alunos violentos seria uma solução para a violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
16.-Para solucionar a violência escolar deveria ser o diálogo e a compreensão? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
17.-A família é a causa da violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
18.-A sociedade seria a causa da violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
19.- Uma coordenação entre família e escola poderia eliminar a violência escolar? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		
20.-A televisão e a internet, são fatores chave para o desenvolvimento de violência nas escolas? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> , Por quê?	X			x		

Para as contribuições:

